

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

FERNANDES, Rubem César. Rubem César Fernandes I (depoimento, 2012). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (7h 40min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO FORD e FUNDAÇÃO FORD. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Rubem César Fernandes I
(depoimento, 2012)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Dulce Chaves Pandolfi; Helena de Moura Aragão; Lúcia Lippi Oliveira;

Levantamento de dados: Helena de Moura Aragão; Lúcia Lippi Oliveira; Verônica R. Bevilacqua Otero Spicer;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Dulce Chaves Pandolfi; Helena de Moura Aragão; Lúcia Lippi Oliveira;

Técnico de gravação: Bernardo de Paola Bortolotti Faria; Marco Dreer Buarque;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 09/03/2012 a 14/05/2012

Duração: 7h 40min

Arquivo digital - áudio: 10; Arquivo digital - vídeo: 10; MiniDV: 10;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Memória de um Office na periferia: o Escritório da Fundação Ford no Brasil”, desenvolvido em convênio com a Fundação Ford, entre janeiro de 2011 e julho de 2012, com o objetivo de constituir um acervo de depoimentos histórico-documental sobre os 50 anos da atuação da Fundação Ford no Brasil e a posterior disponibilização dos depoimentos gravados na internet.

Temas: Ação Popular (1962); Acesso à informação; AIDS(doença); América Latina; Anos 1960; Anos 1980; Antropologia; Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS; Bolsas de estudo e de pesquisa; Brasil; Casamento; Conselho Mundial de Igrejas; Cooperação internacional; Crises políticas; Cristianismo; Cuba; Drogas; Esquerda; Estados Unidos da América; Estrangeiros; Exílio; Faculdade Nacional de Filosofia; Família; Fidel Castro; Filosofia; Formação acadêmica; Fundação Ford; Genebra; Golpe de 1964; Haiti; História; Ideologia; Igrejas evangélicas; Imprensa; Inquérito policial militar; Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas; Intelectuais; Jornalismo; Leonel Brizola; Magistério; Mão de obra; Marxismo; Militância política; Movimento estudantil; Movimento Viva Rio; Mulher; Museu Nacional; Música; Negros; Niterói; Obras de referência; Organizações não governamentais; Partido Comunista Brasileiro - PCB; Pensamento político; Peter Fry; Polícia; Política científica e tecnológica; Polônia; Pós - graduação; Religião; Religiões afro-brasileiras; Repressão política; Rio de Janeiro (cidade); Segurança pública; Sociedade civil; The Beatles; União Nacional dos Estudantes; Universidade de Columbia; Universidade Estadual de Campinas; Viagens e visitas; Violência;

Sumário

1º Entrevista 09 de março de 2012: O início da relação com a Fundação Ford em Nova Iorque para o financiamento do livro de memórias do exílio; o processo de produção do livro; a volta para o Brasil e o trabalho na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) com Peter Fry; o funcionamento e os membros do Instituto de Estudos da Religião (Iser); a criação da revista Ciências sociais da Religião; a figura de Rubem Alves; a ida para o Rio de Janeiro, no Museu Nacional; o processo de institucionalização do Iser na virada dos anos 1980; o tema mulher dentro da discussão religiosa; o estudo da ascensão social de negros no ambiente evangélico e na sociedade; a discussão do tema da Aids dentro do ambiente de candomblé; o apoio da Fundação Ford; a diferença entre o financiamento do Iser e do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase); o estudo da violência dentro da religião; a relação com a Fundação Ford; o apoio de outras agências internacionais; a criação do Viva Rio; o projeto Balcão de Direitos durante o governo Brizola; a crise do Iser e a criação do Iser Assessoria; a atuação da Fundação Ford na área de violência; a participação no Fórum Brasileiro de Segurança Pública; a experiência do Viva Rio no Haiti e no plano internacional; a crise das Organizações não Governamentais (ONGs) e a chegada das Organizações Da Sociedade Civil De Interesse Público (OSCIPs); o papel da Fundação Ford na crise das ONGs; a ida da Fundação Ford para o campo de democratização da informação.

2ª Entrevista 15 de março de 2012: A formação escolar em Niterói; origens familiares e a formação religiosa protestante presbiteriana; o movimento da mocidade presbiterana e o jornal “A Mocidade”; a conferência em Presidente Prudente sobre o tema social e a igreja; a entrada na Associação Cristã de Acadêmicos, a aproximação da Bíblia e a figura de Richard Shaull; a relação entre militância religiosa e a família; a chegada na Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi) e a saída de Niterói; o trabalho no jornal Metropolitano; os amigos que participavam do Centro Popular de Cultura (CPC) e o seu envolvimento com a União Nacional dos Estudantes (UNE); a criação da “Nova Esquerda” e as referências intelectuais da época; a repressão policial na Cinelândia e o processo de desenvolvimento ideológico da Nova Esquerda; a ida para Cuba como representante do movimento estudantil secundarista; o fim da Nova Esquerda e a ida para o Partido Comunista no período de formação da Ação

Popular (AP); o pensamento marxista e o pré vestibular na FNFi; a experiência de um mês em Cuba e o discurso de Fidel Castro; A entrada no curso de história da FNFi; as reuniões do Partido Comunista e a militância dentro da FNFi; a crise dos mísseis em Cuba, a tomada da FNFi e o confronto com a polícia; o professor Hélio Viana e as diferentes correntes de pensamento dentro da FNFi; a publicação de livros pelo Ministério da Educação; os Inquérito Policial Militar (IPM) durante o golpe de 64; o dia do golpe; o processo de ida para a Polônia; o mestrado em História da Filosofia, o orientador Adam Schaff e a experiência na Polônia; as oposições dentro da Universidade na Polônia e o episódio com o reitor; o crescimento do movimento antissemita na Polônia em 1968.

3ª Entrevista 20 de março de 2012: Os estrangeiros na Polônia; a revista Cultura e o jornalismo polonês; a crise na universidade no final dos anos 1960 e a dissertação de mestrado sobre a esquerda cristã na América Latina; a bolsa de estudos na Universidade de Columbia para o doutorado; o episódio do casamento com a filha do professor Schaff; a ida para Nova York e o primeiro contato com a música dos Beatles; a chegada nos Estados Unidos; a produção do livro “Tortura Nunca mais”; a ida para Genebra para o Conselho Mundial de Igreja, o encontro com Paulo Freire e a rede internacional dos exilados; o seminário presbiteriano em Chicago e a estadia na igreja metodista com a pastora Jacqueline; o encontro com a Joan Dassin, Ralph Della Cava e outros intelectuais; o estudo sobre “História do pensamento na filosofia social da Polônia no pós-guerra” no doutorado, orientado por Lenard Triguier; o período dando aula de Filosofia social na Universidade de Columbia; a ida para Urbana Champaign e a decisão de não ficar nos Estados Unidos; os impactos do uso de maconha e o tempo de recuperação; o episódio do assalto do pai, as visitas da família na Polônia e a volta para o Brasil; a queda da turma do partido comunista; relato da história de como se tornou antropólogo; a ida para o Rio de Janeiro, o trabalho no Museu Nacional e a reimplantação do Iser; os estudos durante as pós-graduações e as obras de referência; a admiração pelo trabalho de campo da antropologia; o pedido de aposentadoria.

4ª Entrevista: 14.05.2012

O foco das agências internacionais na questão indígena e ambiental; a relação com o Instituto de Estudos da Religião (Iser); a experiência no Haiti com o setor de operações de paz e com bandas de rock-vodu; a estadia no Hotel Oloffson e o início do Viva Rio; o trabalho de recuperação do bairro de Bel Air no Haiti; tradições religiosas haitianas; o método de atuação nas comunidades haitianas; o projeto de reconstrução de Bel Air; a relação com o governo no Haiti; o censo e a história da população de Bel Air; a dimensão do Viva Rio até 2009 no Haiti; os financiamentos para o projeto no Haiti e os furacões que atingiram o país em 2008; o terremoto no início de 2010 e os impactos; os financiamentos e o processo de recuperação pós-terremoto; a mudança de perfil do Viva Rio pós-terremoto; os projetos de capoeira, dança e comida; a reconstrução das sedes do Viva Rio; as mudanças em Bel Air; a presença peruana no Haiti; o financiamento de Soros no projeto do futebol.

1º Entrevista: 09/03/2012

H.A. – Hoje é dia 9 de março de 2012, estamos aqui com Rubem César para conversar um pouco sobre a relação de Iser¹ e Viva Rio e Isso é Vida com a Fundação Ford e esperamos em breve conseguir também fazer outra, no âmbito do projeto Cientistas Sociais de Língua Portuguesa. Vou começar com aquela pergunta vaga que combinamos que é como começou sua relação com a Fundação Ford?

R.C. – Então, eu estava em Nova Iorque, estava exilado, desfrutando das delícias do exílio em Nova Iorque, sofrimento, sofria muito, e acho que foi 74, 75, por aí. E a gente teve a ideia de juntar pessoas do exílio... Tinha tido o Chile, muita gente tinha ido para o Chile em 73, o golpe no Chile, teve uma migração grande, e um bom número foi para o Canadá, muita gente para a Europa e alguns para os Estados Unidos, pouca gente para os Estados Unidos naquela época. Um pessoal foi para o Panamá, depois Canadá. E aí a gente pensou, podia fazer um livro sobre essa turma toda. Aí a gente bolou um projeto...

D.P. – Uma coisa, você tinha vindo do Chile ou...

R.C. - Não, eu tinha vindo da Polônia.

H.A. - Seu mestrado, não é?

D.P. - Da Polônia você foi direto para os Estados Unidos.

R.C. - É. Aí estava lá um grupo, cheguei nos Estados Unidos em 69, 70, 71, aquele período quente aqui no Brasil, teve um movimento lá contra a tortura no Brasil e tal, o pessoal estava no exterior, eu era parte disso e eu tinha alguns colegas lá, muito próximos, também estavam nos Estados Unidos. Alguns deles também tinham vindo também da Polônia, fizeram o caminho polonês. Um deles era o Pedro Celso Uchoa Cavalcanti, e aí conversando, vamos pegar essa galera que está viajando e fazer um livro de memórias do exílio. Mas aí precisava

¹ Instituto de Estudos da Religião

gastar, precisava viajar, procurar essa turma, uma coisa de história oral. História de vida, história oral sobre a ida ao exílio, a experiência de exílio. O Brasil visto de fora, visto do exterior, visto do exílio. Aí como faz para financiar essas viagens e tal, tinha que ir a Europa, tinha que ir ao Canadá, tinha outros lugares, tinha um custo. Alguém falou da Fundação Ford. “Eu nem morto que vou na Fundação Ford pedir dinheiro”, naquela altura a gente ainda tinha essas opiniões. Mas aí insistiram, aí a gente conversou *muito* antes de ir.

D.P. - Quando você diz a gente era você e quem?

R.C. - Era Pedro Celso [Uchoa Cavalcanti], eu, não sei se tinha mais alguém lá, a Valentina [da Rocha Lima] que era companheira do Pedro Celso, também era exilada, francamente não lembro se tinha mais alguém assim da nossa turma, acho que nós três.

H.A. - Contemplaria só gente que estava nos Estados Unidos?

R.C. - Não, geral.

D.P. - Você estava em que cidade dos Estados Unidos?

R.C. - Nova Iorque. E aí conversamos, conversamos, vamos lá, mas vamos lá dizer que a gente não quer. Aquela coisa, vamos colocar várias condições. Que condições, poxa? Evidente que não pode nem mencionar Fundação Ford porque onde já se viu, não é, vai pegar mal, fica chato. Até as pessoas não... Estão fazendo essas perguntas por conta da Ford, é meio estranho isso. As pessoas não vão querer responder as perguntas e tal. Então a gente especulou, especulou, especulou até que fomos, fomos para receber o apoio, evidentemente, mas com aquela resistência.

H.A. - Foram em Nova Iorque mesmo, na matriz?

R.C. - É. E chega lá... Você já esteve lá?

H.A. - Não.

R.C. - É uma sede, é muito linda a sede, é um prédio em U, a frente é em vidro, então você vê de fora, aí tem uma floresta dentro do negócio, água, todos os escritórios dão para esse ambiente mais verde, se não me engano é na rua 42 ou isso aí. Aí fomos lá, marcamos, a pessoa responsável pela América Latina, Brasil, e aí foi curiosíssimo porque tudo que a gente exigia, eles diziam: “Ok, sem problema”. “A gente não vai mencionar a Ford”. “Tudo bem, não há problema”. Aí a gente saiu confuso, “Estava vendo só como eles fazem, não precisa nem de mencionar...” Aí fomos financiados...

D.P. - Você lembra quem recebeu vocês?

R.C. - Pois é, estou querendo lembrar, um sujeito grande, alto. Depois eu encontrei outras vezes.

D.P. - Ele tinha um cargo?

R.C. - Era a pessoa do DS... acho que América Latina, acho que não era só Brasil, na época, responsável pelo DS da América Latina. Eu acho ele. Hoje em dia eu até perdi o livro, a gente fez dois volumes. Entrevistamos muita gente, foi ótimo, histórias muito legais, história oral mesmo.

H.A. - Quem citou o livro foi Shepard Forman, quando a gente entrevistou ele.

R.C. - Ele citou?

H.A. - Citou, falou desse livro.

R.C. - Mas o Shepard não foi... Não foi o Shepard [Forman], ele era daqui.

H.A. - É, não era dessa época, ele foi de 77, mas ele citou como um documento importante.

R.C. - O Shepard não era daqui. O Shepard a gente encontrou aqui, encontrou aqui no Brasil. Era alguém de lá, que eu acho que nunca esteve no Brasil nem na América Latina. Eu acabo lembrando o nome dele, o Shepard lembraria. Mas então foi esse episódio curioso, foi a primeira relação foi aí, e foi uma relação onde a Ford apareceu de uma maneira muito generosa, até um pouco paternalista, dizia: “Esse pessoal tão ingênuo”.

D.P. - Vocês fizeram o que, as entrevistas?

R.C. - Fizemos dois volumes, chegamos a fazer dois volumes. Aquela altura...

D.P. - Como chama o livro?

R.C. - *Memórias do exílio*, volume 1, volume 2. Volume 2 era mais mulher, que a gente deu para a Valentina puxar e tal. A Valentina é mais séria que a gente, então ela foi mais rigorosa. Mas a gente fez algumas entrevistas muito boas. A do Betinho é muito boa, muito curiosa. Naquela altura muito reveladora e tal, contando histórias dele na clandestinidade e tal, aquelas lutas internas na AP², aqueles ambientes absurdos, aqueles *nonsense*. Uma das coisas que me ficaram na memória, que tinha um pessoal querendo queimar o Betinho, porque ele ameaçava politicamente, internamente, ele não podia ir para a produção, até da condição médica dele, de saúde e tal. Ele dizia que podia, claro que podia, então ficou naquela discussão. Aí puseram ele como pipoqueiro. Imagina só, pipoqueiro na frente da fábrica, distribuindo folheto contra a burguesia. Um troço maluco, não podia ser mais exposto em termos de segurança do que essa função. Ele ficou achando que era sacanagem, que o pessoal queria realmente queimar com ele. Podia dar uma função um pouco melhor. Depois ele conseguiu entrar na empresa, trabalhar como operário. Todo mundo queria ser operário, que era uma coisa bacana, e aí parece que ele começou a se chatear, ficou muito aborrecido com aquela rotina e começou a procurar uma maneira de agilizar a produção, encontrou uma maneira de... Acho que era uma coisa de xícara, uns objetos assim de cerâmica. Aí arrumou um jeito de fazer mais rápido, em vez de fazer uma, fazia 16 ao mesmo tempo. O supervisor viu aquilo, ficou maravilhado, tirou ele da produção, levou ele para direção.

² Ação Popular

D.P. – Aumentando a produtividade na fábrica, “Nunca pensei. Vim aqui para detonar o patrão...”.

R.C. - Tem histórias assim do Betinho, várias histórias, muita gente interessante, foi um livro bonito, gostoso de fazer.

D.P. - Então vocês viajavam para fazer essas entrevistas?

R.C. - É, ou pessoas que passavam por Nova Iorque ou a gente viajava, fomos para o Canadá, Europa, aí meio que a gente se dividia, tinha alguém que estava na Europa, entrevistava para a gente, a gente mandava o roteiro. Então uma experienciuzinha de história oral, um mini Cpdoc³.

D.P. - Saiu o nome da Ford ou não saiu, finalmente?

R.C. - Não saiu.

H.A. - Que coisa.

D.P. - Mas não sai nem nos agradecimentos, nada, não aparece o nome da Ford?

R.C. – Não aparece o nome da Ford. Na época inclusive os autores não queriam que aparecesse o nome, isso foi uma discussão. O Pedro, por exemplo, não botou o nome dele. Acho que a Valentina também não. Eu esqueço, desculpe, faz tempo. Eu disse: “Não, vou botar o meu”, e mais alguém que disse que ia botar. Ah, Marcos Arruda estava nessa, Marcos [Arruda] botou nome. Algumas pessoas preferiam não ter... Então essa coisa... Era um livro clandestino, tinha um pouco essa áurea.

D.P. - Ele sai...

³ Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

R.C. - 74, 75, por aí.

D.P. – Conseguiram fazer até rápido.

R.C. - É, saíram dois volumes.

D.P. - É, eu conheço.

R.C. - O segundo já foi editado em Portugal. Porque aí o Pedro e a Valentina final dos anos 70 eles foram para Portugal. Saíram de Nova Iorque e foram para Portugal. Aliás, eles não estavam em Nova Iorque, eles estavam em Saint Louis. Mas aí a gente se encontrava por lá. Então é isso, o primeiro contato com a Ford foi um contato clandestino. Como era parte daquele momento dos anos 70, a Ford se aproximando da oposição à ditadura e criando ponte aí entre a universidade e o mundo da pesquisa foi a Fundação Ford. Foi uma coisa muito curiosa, mas foi parte, eu acho, de uma coisa mais ampla que era toda essa agenda de direitos humanos, liberdade, direitos civis que era uma agenda internacional das fundações, das ONG's, desse mundo do terceiro setor, que era uma agenda forte. Até hoje é, não é? A linguagem desse momento ia muito por aí, direitos humanos. A gente daqui não percebia isso, eu acho, pelo clima ideológico, mas de fato fazia sentido, uma certa pressão internacional pelas aberturas democráticas naquele período, e a Ford fez ponte nesse sentido, então minha primeira experiência foi por aí.

H.A. - E estava também ajudando muita gente a sair do país, não é, vocês sabiam disso?

R.C. – Hum hum.

D.P. - A segunda experiência foi quando?

R.C. - Aí a segunda já foi na batalha. Eu vim para cá final dos anos 70.

D.P. - Você vem com a Anistia ou veio um pouco antes, não é?

R.C. - Vim antes, porque eu tenho um episódio pessoal, meu pai levou um tiro e aí ficou morre não morre, aí voltei correndo desesperado.

H.A. - Mas teve alguma coisa a ver com a questão política?

R.C. - Não, não, um assalto. Mas eu vim e aí fiquei querendo voltar. Aí voltei em 76, aí consegui uma passagem. O jeito de voltar eu consegui um emprego na Unicamp⁴, no setor da antropologia, com o Peter Fry inclusive, e aí a gente começou a procurar recursos para fazer coisas. Já num ambiente universitário, já nos caminhos de financiamento de pesquisa. Aí já começa a memória falhar, onde é que entra a Ford, onde não entra, mas a gente desde cedo... Já na Unicamp a gente tinha um grupinho lá, que aí se confunde um pouco com a história do Iser, realmente, porque era uma rede de pessoas que eu conhecia, assim de vida pessoal, interior, que se encontrava, ainda em um ambiente de ditadura, para conversar sobre ciências da religião. Era uma mistura de teólogos com cientistas sociais, padres, pastores e cientistas sociais. Do lado dos cientistas você tinha gente como, o Peter Fry chegou logo, a Alba Zaluar chegou logo, o Douglas Teixeira de Melo, Teixeira de Melo? Rubens Teixeira, era um sociólogo.

D.P. - Era o Iset⁵ que chamava na época?

R.C. – Iset, não, Iset é anterior, Iset é o começo, mas é 69, 70. Virou Iser já em 71.

D.P. - Ah, já virou Iser em 71!

R.C. - Foi, foi o seguinte, aí é Iser, que é...

D.P. - Achei que Iser era de 77.

R.C. - Não, que eu saiba não.

⁴ Universidade Estadual de Campinas

⁵ Instituto Superior de Estudos Teológicos

D.P. - Tudo bem.

H.A. - Mas esse grupo que você estava falando era em Campinas?

R.C. - Então, eu entro nessa história através de Campinas. A rede que fazia o Iser... Como eu chego em Campinas? Eu chego em Campinas voltando para a universidade. Eu tinha feito mestrado e doutorado numa área de história da filosofia social, eu entrei pela filosofia. Mas era uma chatice negócio de filosofia porque filosofia no Brasil não existe. Todo mundo sonhando em ir para a França, algum lugar lá onde existe filosofia. Aqui não existe. Então fui migrando para a área de representações sociais, pensamento coletivo, essas coisas que tem mais a ver com a nossa história, nossa cultura, nossa academia. Eu fiz o que pude logo para... Era o mesmo corredor, num canto estava a filosofia no outro a antropologia. Fiz amizade, consegui migrar da filosofia para antropologia. Na antropologia, onde eu sentia que tinha alguma coisa a acrescentar ali no grupo era através da religião, que era um assunto que me interessava já de outros tempos, que não tinha ninguém ali cuidando disso, então de certa maneira a minha entrada na antropologia foi através desses estudos da religião. E eu trouxe comigo o contato com essa rede que era uma rede do meu tempo de garoto, tal, pré 64 ou pré 65, que vem a ser o Iser. Porque o Iser no início era uma rede de pesquisadores, pessoas que se encontravam para conversar. No início era Iset, era teologia, mas logo no início de 70, 71, 72, Marx, começaram a convidar outras pessoas, aí já não era só teólogo. Isso fez parte do seguinte, você teve uma repressão a essa tendência, a esse movimento do pensamento dentro das igrejas, sobretudo no mundo evangélico, protestante, teve uma repressão interna, dentro das igrejas; então esse povo que era professor de seminário, intelectual de igreja, esses quadros intelectuais do mundo protestante, eles perderam espaços dentro das igrejas, dentro dos seminários, tiveram que sair. E no que saem vão para a universidade e se aproximam do meio científico. Aí começa a se aproximar e querer conversar conosco, sociólogos, antropólogos etc. Então foi esse movimento que levou do Iset ao Iser, que aí incorporaram um povo de universidade, não tanto de igreja, de seminários e tal. Isso foi logo no início dos anos 70.

D.P. - Você vem pelo lado protestante porque sua família era de origem protestante.

R.C. - Eu era de origem protestante, vim por aí. E o mundo protestante é um mundo segmentado, todo divididinho, ele não tem o sentido da hierarquia, qualquer diferença, pronto, racha mesmo e vai embora. Não tem maiores preocupações com subdivisões. E quando pintou o momento da Guerra Fria, polaridades ideológicas, os protestantes se dividiram legal. Quando deu 64 puseram comissão de investigação de inquérito dentro das igrejas para investigar, os comunistas aqui, não sei que. E aí houve um movimento de expulsão, tinha um segmento interessante progressista dentro da igreja protestante que perdeu espaço. Depois com Waldo Cesar, Jether Ramalho, Richard Shaull, Rubens Bueno, foi uma turma boa, povo luterano, forte. Os luteranos não se dividiram tanto, mais o mundo presbiteriano, metodista, episcopal. Então foi isso.

D.P. - E esses aí estão nesse movimento Iser?

R.C. - Exatamente, esses formam o Iset, criaram duas coisas, eles criaram uma coisa chamada Cedi e uma coisa chamada Iset. Cedi era uma coisa mais de tipo ação, o mundo católico diria pastoral, eles não chamavam pastoral, mas era assim, iniciativas e tal de ações, naquele tempo era ainda meio complicadas, 69, 70, 71 e tinha uma coisa assim, de novo, a mesma coisa, tinha uma turma, a ideia era ser pastor no meio operário, mas começando também, pela produção. Um tal de Jovelino, Jovelino Ramos, ficou famoso porque foi o primeiro pastor operário, que vai viver a coisa operária, um troço ridículo. O Jovelino, coitado, era um bom estudante de um seminário em Campinas, muito inteligente, muito estudioso, foi para São Bernardo para poder fazer realmente uma experiência profunda. Ficou trabalhando lá numa fábrica em São Bernardo, perdido lá no meio daquela confusão. Isso aí gerou então uma rede de pessoas que pensavam em apoio a esse tipo de coisa, ações e tal, e uma outra, que era mais ou menos a mesma turma, só que um lado mais reflexivo, que era o Iset e a área ação virou Cedi. As duas iniciativas são final dos anos 60, início dos anos 70. Esse pessoal Rubem Alves, Jether Ramalho, essa turma. E eram amigos meus, antes de eu viajar para o exílio, e quando eu voltei, por relações, procurei, também lá no exterior a gente se falava muito, essa rede internacional protestante, progressista tinha força na Europa, Estados Unidos, era expressiva, América Latina era uma coisa mais de minoria. Lá fora fazia cultura, fazia história. Então me liguei por vários caminhos com esse pessoal. Então turma do Iser foi fruto dessa confluência, uma facção que se afasta da igreja um pouco por conta das perseguições políticas. A igreja católica, não, a

igreja católica protege os seus, grande mãe, ninguém briga internamente, mas não deixou ninguém entrar. Protestante chamou os militares, vem para cá, tal, foi uma brigaiada, separaram, rachou e tal e aí surgiu essa história, aí virou Iser por conta dessa aproximação com a universidade. Voltando, na história da Unicamp, estudo de religião e tal, e aí algumas pessoas, antropólogos, lá na Unicamp eram antropólogos se interessam, e o Rubem Alves que era filósofo, e aí era basicamente três figuras, era o Rubem Alves, a Alba e um rapaz historiador, judeu, que se interessava por esse tema pelo lado do judaísmo. Na USP tinha o Duda e tinha outras pessoas e tinha outras pessoas e tal e aí começou a formar uma rede. A gente resolveu criar uma revista especializada desses estudos *Ciências sociais da religião*, que na época era uma novidade, não existia isso, em geral quem se aproximava da religião era religioso, não era um povo da ciência que olhava a religião como um objeto interessante. Então a revista *Ciências sociais da religião* foi uma inovação nesses termos, de reunir uma rede de pesquisadores, sendo um espaço de publicação, de produção. Aí essa turminha lá da Unicamp mais umas pessoas do USP⁶ montamos a revista. E aí, acredito, que tenha sido financiado pela Ford.

H.A. - O primeiro financiamento foi de 81, ou seja...

R.C. - A revista foi criada em 77.

H.A. - Dez anos depois dessa...

R.C. - Então, não é... Quem foi o financiador se não é a Ford?

H.A. - Pode ser que tivesse um outro nome, talvez assim...

R.C. - Não é Iser.

H.A. - Pois é.

⁶ Universidade de São Paulo

R.C. - Não era Unicamp, e não era... Era uma rede na revista. Era um corpo editorial de várias universidades. Inclusive a gente procurou realmente fazer uma coisa. Se não me engano acho que a Regina Novaes está logo de cara, porque ela fazia pesquisa sobre pentecostalismo no Museu, a gente estava procurando, quem por aí pesquisa esse tipo de assunto. Foi aí que eu conheci a Regina [Novaes], procurando alguém. Ela era aluna ainda, fazendo tese, tal, então a gente foi montar uma rede, tal, era a revista, não era o Iser.

H.A. - Certo, pode ser. Está certo. A partir daí, a impressão que dá é que a partir dessa doação de 81 foi uma relação muito continuada, têm várias...

R.C. - Me lembra aí, o que foi em 81? Vê só, eu assumo a direção do Iser em 78.

D.P. - Aí você vem para o Rio. Como é a história? Você saiu de Campinas...

R.C. - Então, eu estava em Campinas, aí...

D.P. - O Iser já tinha sido criado...

R.C. - O Iser existia lá para trás, a sede do Iser era na casa... Era uma caixa de sapato, o Rubem Alves tinha orgulho de dizer: “o Iser é isso aqui”, ele mostrava uma caixa de sapato, ele guardava aquelas fichinhas com o endereço das pessoas. Uma rede de pesquisadores, de pessoas, Rubem Alves era quem liderava essa rede, puxava a rede, e era uma coisa muito informal, se encontrava uma vez ao ano ou duas, no período da ditadura de uma forma meio clandestina, meio escondida. E as pessoas preparavam os papers, traziam, discutiam os papers, distribuía e o Cedi publicava. O Iser não existia, não tinha grana, cada um pagava sua viagem, tal, não tinha uma existência institucional propriamente. Em 78, por aí, o Rubens Alves diz: “Estou cansado, carreguei isso muito tempo, você não quer levar?”. Me passou a caixa. E aí coincidiu com a minha vinda para o Rio, para o Museu Nacional. Eu fiquei em Campinas só uns três anos só, nem isso, porque nesse período eu voltei para Nova Iorque, dei aula lá, então fiquei pouco tempo. Foi muito marcante, foi muito importante para mim pelas relações que fiz e por essa passagem pela antropologia, foi importante mesmo. Mas se for olhar o tempo, é um tempo curto, tempo intenso e curto.

D.P. - Aí você veio para o museu para dar aula?

R.C. - É, vim para trabalhar no museu, e aí trago também comigo o Iser, o Rubem me entregou, era a mesma turma, Rio de Janeiro... E aí eu começo a querer fazer dele uma coisa mais institucional e tal. Aí começo a procurar dinheiro. O Rubem tinha conseguido já uma verba de uma organização chamada Icco, holandesa. Em 78 eu acho que ele conseguiu a primeira verba. O primeiro financiamento do Iser é de 78, era da Icco. E quando eu assumo então, começo a entrar nessa lógica de projetos, a gente começa a procurar recurso para montar uma sede, aí tem uma história.

H.A. - Ou seja, seria uma coisa desvinculada da academia apesar de ter nascido...

R.C. - Não, não é desvinculada. Nesse início era muito vinculado, muito vinculado. Era uma rede de pesquisadores. Começa a perder a moral assim, um pouco mais tarde [risos].

H.A. - Porque quando você estava no Museu Nacional não teve uma tentativa sua de, tipo, levar para lá?

R.C. - Não, eram duas coisas diferentes. No Museu era um ambiente, tinha até um certo embaraço, o Museu era muito cioso de dedicações exclusivas, na medida que eu comecei. Primeiro era uma coisa de pesquisa, tudo bem, era uma rede nacional, tal, aí não me incomodava, mas quando começou tomar mais do meu tempo, o Iser, aí comecei a ficar meio enjoado com o Museu, porque eu tinha que dividir, de fato. Mas nunca foi a ideia de levar para o Museu, inclusive porque não havia no Museu muita gente interessada nesses assuntos de religião.

D.P. - Você consegue institucionalizar? Você que institucionaliza o Iser?

R.C. - Não sou eu, a turma.

D.P. - Você vem para cá...

R.C. - É, aí vem a ideia de institucionalizar.

D.P. - Que época mais ou menos?

R.C. - Essa virada dos anos 80, exatamente. Porque venho em 78, Museu Nacional, trago o Iser, tem um projeto, tem essa coisa dos holandeses, tem um dinheirinho, e aí dá para alugar uma sede, a gente alugou primeiro um espaço... O Valdo Cesar tinha um escritório dele ali na Princesa Isabel, era duas salinhas, a entrada, tinha um corredor, um espaço de reunião no corredor e depois tinha uma sala dele dando para a janela. A gente primeiro levou para lá o Iser, então era espaço do Waldo, o Waldo ficou trabalhando também, apoiava o Iser, ele tinha uma liderança no Iser, então tinha uma sede, ajudamos a pagar a sede, começa a ter gastos, começa a ter vínculo institucional. Depois fomos para Notre Dame, tinha um espaço no Notre Dame, um espaço maior, então começa essa coisa de procurar espaços e ganhar institucionalidade.

D.P. - Aí a Ford...

H.A. - Coincide bem...

R.C. - Aí você vai ter que me lembrar, estou vendo que você tem pesquisa aí.

H.A. - Sim, tem alguns projetos, realização de encontros e publicações que versam sobre religião e mudança social, comportamento reprodutivo de mulheres católicas e evangélicas, relações de raça e organização afro-brasileira, filantropia e sociedade civil, isso você falou.

R.C. - Você vai somando.

H.A. – Isso, aí tem 81, 82, 84, 86. Aqui tem mais detalhadamente.

R.C. - Mas então, eu lembro disso tudo aí. Começa da religião, não é?

H.A. - Exatamente.

R.C. - E da religião é um cruzamento do estudo da religião com o totemismo, esse universo Ford. Tem lá os vários totens, tem mulher, mulher já era então um personagem importante, a mulher. Então aí a gente começa aproveitar esse tema, mulher, e trazendo o tema para dentro da discussão religiosa. E foi bem interessante porque, primeiro, vem um grupo de mulheres interessantes, não só evangélicas; evangélica tem muita mulher com liderança, mas no meio católico também, são as freiras e tal que é um troço importantíssimo. Mas tinha intelectuais pesquisadores católicos, ousadas, vivendo a temática feminista dentro da igreja católica, com as limitações, constrangimentos católicos, mas abrindo espaço. Tem a Lucia, mulher do Luiz Alberto, a Lucia puxou uma pesquisa sobre como é na Baixada Fluminense, os padres como lidam com aborto. *Pesquisa legal*. Só ela podia fazer, porque conversar com o padre olho no olho...

D.P. - Ela tinha moral.

R.C. - É, aquela coisinha assim: “Como é e tal?”. E aí toda história da vista grossa, quer dizer, a maioria dos padres convivendo e orientando, de maneira nenhuma rejeitando sequer a missa para as mulheres, muito mais aberto do que a gente imaginaria na prática de boa parte dos padres. Aí vem aquela coisa, não chega a ser doutrina, mas faz parte do estilo católico de penumbras, nada é muito claro, nada de transparência. Transparência é outro barato, aqui dentro não, aqui dentro a gente se protege. Então a pesquisa da Lucia para mim, por exemplo, foi muito reveladora nesse sentido de entender melhor essas nuances da temática feminista num ambiente católico, e as coisas não são realmente bem definidas, mas há espaço para muita negociação, muito jogo e tal. Isso é um exemplo. Aí surgiram outras mulheres fortes, a Tereza Cavalcanti, que é uma teóloga, ela estudava a temática da mulher na igreja, então era uma coisa mais voltada para a questão feminina. A Maria Clara Bingemer, que acabou sendo quase bispa, hoje em dia a Maria Clara é uma personagem forte da igreja. Dirigiu aquele centro Loyola, jesuíta, era jesuíta, dirigiu a Faculdade de Teologia da PUC⁷, foi decana lá, só não foi reitora porque é lei e mulher, mas muito respeitada, inclusive hoje e internacionalmente. A Maria

⁷ Pontifícia Universidade Católica

Clara, a tese dela é sobre a Trindade, não era pouca coisa, um tema assim crítico, crucial, e temática de gênero na Trindade, interessante. Isso foi lá no início dos anos 80. Tem uma coisa de explorar o tema mulher, gênero, num ambiente do pensamento religioso católico. Tinha mulheres protestantes também, metodistas, eram menos fortes intelectualmente. Tinha uma ou outra que tinha uma bagagem intelectual, mas aí foi mais as católicas, isso é Iser.

H.A. - Mas isso aconteceu naturalmente por vocês sentirem que tinha campo para isso ou a Ford interferiu...?

R.C. - Não, a Ford não interferiu não. Em termos de interferir, francamente, diretamente zero.

H.A. - Mas assim, por conversa?

R.C. - Não, era muito assim por uma aproximação de agendas onde de um lado o elemento financiamento de projetos tem um efeito importante porque condiciona um campo de finanças, financiamentos, de interesses, mas era num diálogo totalmente genuíno. Essa preocupação sobre a temática de gênero num ambiente católico, ali nos anos 80, era um interesse genuíno dessas mulheres. Por isso que eu estou falando assim, essas mulheres fizeram carreira dentro da universidade, dentro da igreja, até hoje. E tiveram no Iser, tem os financiamentos da Ford é uma forma de sustentação nesse trabalho.

D.P. - Era o principal financiador, no início do Iser, era a Ford?

R.C. - Era. Tinha outros, a Icco começou em 78, só foi parar o ano passado, quando mudou tudo desse povo e aí eles pararam, mas a Icco foi uma constante. Mas a Ford foi uma financiadora importante, sem dúvida. Outra coisa foi, você mencionou aí o afro. Então o afro foi outro campo, aí é outra coisa. Porque uma coisa do Iser que foi interessante, lá atrás já nos anos 70 havia por conta dessa história do cruzamento religião e universidade, havia a necessidade de pensar a diversidade religiosa brasileira, e também a presença de antropólogos influenciou esse gosto pela diversidade. Então figuras como Peter Fry, nós mesmos da antropologia ali da Unicamp, essa turminha puxou por aí e encontrou eco, porque aí você tinha diferentes setores que se interessando pela coisa, se juntava, ou seja, reunia mais valores, mais

gente interessante, temas etc. Na coisa da... Outro totem, negro, tem a mulher, tem os negros, aí a coisa da diversidade cultural brasileira em relação a relações raciais e pela religião. Então aí teve estudos como, por exemplo, ascensão social de negros no ambiente evangélico, que é muito impressionante. Você vê que é realmente um caminho de ascensão forte internacional isso no meio pentecostal, nessas igrejas mais populares, pela liderança mais de vida do que pelo estudo ou pela certificação de alguma universidade, um certo certificador, mas pela prática você tem uma liderança que emerge, então a presença de negros nas lideranças evangélicas entre os pastores é impressionante, muito forte. Como também na polícia, esses ambientes assim. Então teve um estudo sobre isso.

D.P. - Quem coordenava ou dirigia mais ou menos essa área aí?

R.C. - Várias pessoas. O Peter [Fry] era mais para o lado umbanda, puxava o Peter pela umbanda, que era uma maneira de se contrapor a libertação da igreja, jogar um pouco de sal, pimenta na conversa. Então você tinha uma variedade de personagens. Você tinha pesquisadores protestantes negros, diferentes temas, o Carlos Hasenbalg, ele ajudou bastante, ele não era um quadro do Iser, mas era tipo um consultor, estava sempre lá ajudando esse tipo de pesquisa. Aí a gente começou a entrar mais pelo lado do afro-brasileiro, umbanda, depois candomblé e tal, e aí já começou a misturar, um pouco essa minha influência também de não querer ficar só na academia, brincar também do lado das coisas que estão se passando do lado de fora. E aí a gente começou a trazer pai de santo, mãe de santo, essas coisas para dentro da conversa. Então tinha momentos de pesquisa e tinha momentos de alguma iniciativa. De novo, os totens: aids, foi um tema que apareceu e aí a pergunta como se fala de aids e sexualidade, cuidados na sexualidade e cuidados com o sangue num ambiente de candomblé. Você tem escarificações, tem muita presença, digamos, gay no ambiente de candomblé e as coisas não têm essas separações tão rígidas como no meio cristão. Como você lida com os cuidados no momento em que a aids está aparecendo, era uma coisa muito nova. E aí isso virou um projeto, de produzir materiais pedagógicos para formação, treinamento do povo da macumba para cuidar de aids. Quem puxou isso era um pai de santo lá da... De Niterói, depois de São Gonçalo, por ali, e que tinha uma casa lá, Adilson, e que foi uma figura importante, um intelectual de candomblé, e que pensou isso, ele gerou linguagem para falar do assunto, referências internas dentro da mitologia de candomblé, maneiras de saudar, maneiras de cuidar, quer dizer, em vez

de ficar simplesmente falando de fora para dentro, discurso de dentro sobre o tema, cuidados, isso foi bem legal. Isso gerou uma publicação e depois até a Abia⁸ aproveitou e tal. Como chamava o rapaz da Abia?

D.P. - Herbert Daniel.

R.C. - Não, o atual?

H.A. – Richard [Parker].

R.C. - Não é o Richard, o negro... Ele era do Iser e foi para a Abia. Ele levou com ele essa coisa do candomblé, e usou, continua usando e tal. Então começou acontecer, ia bem com a Ford, eu acho, o aproveitamento desses vários temas, da diversidade em termos brasileiros, entre a academia, entre a pesquisa e coisas de ação, que eu acho que na Ford há uma preocupação... Caiu bem. Também a gente gostava de fazer, gostava, era uma família.

D.P. - Você teve alguma dificuldade, porque a política da Ford, normalmente ela não financiou a instituição tanto tempo assim, não sei.

H.A. - Por projetos, pelo visto vocês estavam aí sempre renovando o interesse deles.

D.P. - Primeiro teve apoio institucional ou era só por projeto e vocês conseguiam isso de uma maneira consecutiva?

R.C. - Projeto, projeto. Não me lembro de apoio institucional.

D.P. - Nessa coisa, teve percalços, tem alguma história para contar sobre esses apoios?

R.C. - Não. Eu acho assim, que o que a gente teve... Teve um período do Iser nos anos 80, que tinha muito dinamismo, muita coisa nova, era muito interessante o Iser no período aí, meados

⁸ Associação Interdisciplinar de Aids

dos anos 80 até início dos 90. Muita coisa *maluca acontecendo, legal* assim. Então várias pessoas gostavam do projeto, tinha vários projetos interessantes. Era mais uma coisa de estar renovando. E realmente durante um bom tempo as coisas se renovavam, mas não havia como houve para outras instituições aí, uma coisa *institution building*, não teve isso. Acho que talvez justamente por não ser uma instituição universitária, não ter um perfil mais estável, era uma coisa mais solta. O Iser era uma instituição assim, uma ONG. Acho que talvez por isso não tinham se interessado em pensar conosco; a gente tentou, claro, mas não rolou, então ficava renovando projeto mesmo.

H.A. - É interessante, você contando isso, por tudo que a gente já conversou com membros do staff e outros donatários, acho que é justamente que nesse período aí, metade dos anos 80, começo dos 90 que, acho, que a Ford realmente começa a se focar mais para ação, antes tinha aquela preocupação grande em ciências sociais, foi um período importante o apoio da Ford para as ciências sociais brasileira, e começar a juntar ciências sociais com ativismo de alguma forma. Então, acho que realmente tem muito...

R.C. - Coincidiu, não é? Que foi um período dessa transição, das ONGs, das instituições autônomas estarem se criando, não é? Tinha umas antigonas que tinham sua história e tal, mas aí nos anos 80 que você tem, no final da ditadura, tem essa proliferação de novas entidades ou fortalecimento das antigas numa nova roupagem.

D.P. - Rubem, a gente entrevistou aqui o Candido do Ibase⁹ e ele conta da resistência que teve, que o Betinho teve em um momento qualquer, logo no início de receber doação da Ford, que não aceitava e tal, isso que você contou um pouco no exílio. Mas eu acho que o Iser se antecipa, nesse sentido é até pioneiro. Isso que eu queria saber, você contou aquela parte, mas o Iser enquanto tal, teve alguma resistência em receber dinheiro da Ford ou não? Porque o Ibase demorou, mas depois recebeu, mas demorou um tempo.

R.C. - Não. Não porque era diferente. O grupo que sustentava o Iser era o pessoal da universidade. O Iser vem de uma rede de pesquisadores, de cientistas sociais. Então ele já

⁹ Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas

tinha... Nesse ambiente a Ford já tinha feito seu rito de passagem no Brasil, já tinha entrado e se legitimado. Quando chega nos anos 80, a rede do Iser é da universidade, então isso é diferente do Ibase e outras ONGs que tinham história de militância política mais forte. O Iser a militância sempre foi cruzada por essa variedade de... Dois pontos: Um, essa coisa com a universidade, sempre foi muito forte e segundo, por conta da diversidade, interesses também disciplinar, não havia uma linha ideológica que definisse o Iser, era uma coisa meio de lugar de encontro, encruzilhada, cruzamentos de ideias, tal, sempre no campo de esquerda, progressista, é claro, mas sempre se insistia muito na diversidade interna. Isso então eu acho que abriu espaço para desde o começo não haver problemas. Os únicos que teriam algum problema seria a turma da teologia da libertação, que tinha presença no Iser, mas não eram hegemônicos, nunca foram. Então havia sempre um certo diálogo, uma certa ironia, uma certa brincadeira, e uma discussão teórica com o pessoal da teologia da libertação, que vem de dois ou três campos. Vinha de um campo tipo antropologia relativizadora, Peter Fry, com a umbanda, que era outro esquema, falava de sexualidade, falada de ações que a libertação não enxergava, de um campo mais anarquista assim que era coisa da [inaudível] das prostitutas, travestis, Gabriela, aquele povo, mais PDT, na Cinelândia e Lapa, e num campo mais, digamos assim, mais revisionista, do ponto de vista do marxismo, as esquerdas que o representava. Então tinha essa variedade. Isso rendia direitinho porque o povo da libertação também gostava, gostavam desse diálogo de sentirem desafiados por essa relação; por um tempo foi muito bom, depois melou geral. todo mundo começou a brigar, foi aquela cizânia. Mas pelos anos 80 foi muito criativo, muito interessante. E nesse sentido gerador de projetos, então rendeu com a Ford. Aí era uma coisa assim de um diálogo, a gente não sentia em nenhum momento sendo direcionado.

H.A. - E aí ao longo do tempo conversas com diferentes *programmers officers* e representantes e as coisas iam se sucedendo bem?

R.C. - É. Não me lembro se com o Peter, a gente ter projeto com o Peter. Tinha um certo embaraço pela proximidade, aí aquele conflito de interesse, aquela coisa meio sem jeito. Foi mais financiamento com outras pessoas mais distantes, Shepard...

H.A. - Elizabeth Leeds.

R.C. - É, [Elizabeth] Leeds, com certeza.

D.P. - E quando vocês entram na área de violência, no Iser?

H.A. - Pois é, ia perguntar isso agora.

R.C. – Violência, acho que foi em 95...

H.A. - Deixa eu olhar aqui.

R.C. - 91?

D.P. - Porque em 93 já tem o Viva Rio, não é?

R.C. - Ah, é, verdade, 91, exatamente, Viva Rio 93, acho que foi em 91. A gente convida o Luiz Eduardo justamente para cuidar disso, acho que foi 91, que aí a gente aluga uma sede, primeiro ali na rua do Russel, depois lá para Ipiranga para abrir um espaço para esse setor. Não é nem isso, a gente abre um espaço para... Porque ficou tão militante o Iser, com essas várias confusões, e muita confusão, tinha muita confusão lá, não ao caso agora.

D.P. - Deixa para outra.

R.C. - Deixa para outra. Mas a gente num certo momento não consegue mais fazer pesquisa, era tanto... A sede era ali no Largo do Machado, um andar lá em cima, num prédio de frente para o Largo do Machado. Aí, tem que achar um espaço só para estudar porque não está dando para fazer pesquisa. Aí a gente alugou umas salas ali na Rua do Russel, depois fomos para a Ipiranga. E aí na Ipiranga, nas duas o Luiz Eduardo foi um personagem importante dessa mudança, porque ali tinha o espaço da violência. Na época de alugar: tem que ter o espaço da violência. E era o Luiz Eduardo com a turminha dele. Então, de fato, 91, por aí.

D.P. - E a Ford também financiando?

R.C. - Isso.

D.P. - Mas teve uma discussão com a Ford, por exemplo, agora o Iser...? Porque, como justificava, estudo da religião, vai estudar violência...?

R.C. - Mas o Iser sempre foi muito confuso, isso não... Coerência nunca foi nosso forte. Eram mais as pessoas, as pessoas que transitavam, então não houve essa discussão.

H.A. - Porque de certa forma, que você estava contando aqui, assuntos de gênero, tinha interseção com a questão religiosa, de raça tinha também interseção com a questão religiosa, imagino que na violência também, em algum momento...

R.C. - É, na violência menos. Você procurando acha, sempre tem.

D.P. - Mas não teve uma coisa tão, digamos tão [inaudível] que nem das outras vezes?

R.C. - Não foi por dentro. Ao contrário, foi desde o início, foi uma coisa de estudar, de pesquisar violência, olhar os dados e tal, relacionamento com... O Nilo Batista foi importante porque ele abriu fontes para a gente estudar. A primeira pesquisa, eu acho, séria, foi um estudo de... o Luiz Eduardo coordenou, sobre inquéritos policiais, onde apareciam essas coisas que viraram senso comum, hoje todo mundo sabe disso, mas na época foram muito reveladoras. Tinha um número assim, apenas 8% dos inquéritos policiais... *dos homicídios*, são esclarecidos pelos inquéritos; inclusive, *até hoje*, você vê publicado esse número de 8%, acredito que mudou, não é possível que tenha... 20 anos, o mesmo número, vem ainda com a memória daquela pesquisa. Foi uma pesquisa séria porque o Nilo Batista pegou os inquéritos inteiros, entregou lá para a gente: “Olha isso aí e analisa para nós”. Depois ele ficou infeliz com a relação e brigou, mas, de fato, aí não tinha nada a ver com religião.

D.P. - A Ford acompanhava? Já perguntei isso, mas só para... Porque tem algumas agências que acompanham um pouco mais os projetos e outras não. Eu sei pela minha experiência no

Ibase, algumas são mais presentes outras não. A Ford, no caso de vocês, como foi muito permanente, teve momentos dependendo de quem está...?

R.C. - Nesse período não, nesse período não. Era uma relação muito de conversar, acompanhar, relatórios, financiamentos, prestação de contas, essas coisas, mas não havia um *diálogo substantivo*, que eu me lembre, não havia. Deveria ter havido até mais. Houve alguns momentos, sobretudo em relação à violência em que a gente chegou a fazer seminários dentro da Ford para discutir o assunto. Já lá, ali na Praia do Flamengo, nº100, lá em cima lá, me lembro de uns seminários, a gente ia lá. Porque o assunto estava tão quente na cidade, acho que eles se interessaram e absorveram, internalizaram a conversa. Mas era mais no sentido do assunto mesmo, de querer conversar, menos de uma participação na pesquisa. Foi uma experiência muito pouco... Podia até ter tido mais. Não sei se porque o assunto não era muito próximo, negócio de religião também ficava meio distante, não é, não sei se outras instituições tiveram mais interação. Conosco, não, era muita liberdade, tal, e na hora da avaliação se discutia, se conversava, tal, entre o começo e o fim pouca...

H.A. - E vocês tiveram apoio nesse período de outras agências internacionais, além da holandesa?

R.C. - Sim, sim. Não, aí, anos 80 a gente... aí rodava a bolsinha legal. Todo ano eu fazia uma viagem de trem pela Europa inteira, uma viagem de seis semanas, mais ou menos. Entrava no trem, tinha um roteiro assim.

D.P. - Cada dia num país, impressionante isso. Tudo pertinho, você ia para a Bélgica, ia para Holanda...

R.C. - É, ia viajar pela Alemanha, fazia tudo, terminava na Finlândia. Noruega, Suécia, Finlândia, conheci essa turma toda; e era agenda dos direitos humanos, dessa temática liberal progressista, que eles davam força no mundo inteiro, então isso virava uma relação assim de confiança e tal, acaba numa relação um pouco personalizada, conhecia as pessoas, as pessoas me conheciam. Nos anos 80 inteiro eu fazia isso todo ano.

D.P. - Americano era só a Ford ou o Iser teve outros apoios?

R.C. - Teve outros apoios, Tinker Foundation, Rockefeller, teve alguma coisa. Teve uma coisa com aquela da Chicago, como chamava mesmo? Tem uma fundação importante em Chicago que a gente teve relações num projeto.

D.P. - Você foi aos Estados Unidos negociar ou com a Ford com escritório aqui não precisava fazer essa peregrinação como fazia...

R.C. - Com a Ford, não, mas alguns projetos a gente fez em Nova Iorque, com a Ford mesmo. Mesmo nesse período umas coisas assim. Porque a gente começou a fazer também América Latina, alguns temas começaram a ser latino- americano, não ser só Brasil. E aí era em Nova Iorque que se conversava. Em geral era em torno da violência, o tema da violência começou a puxar essa relação.

D.P. - Ou seja, simultaneamente vocês tiveram apoio da Ford, escritório Brasil, escritório Nova Iorque, é mais ou menos isso?

R.C. - Tivemos isso.

D.P. - São apoios separados, não é?

R.C. - É.

H.A. - Essas pesquisas latino- americanas envolviam outras instituições de outros países ou eram parcerias?

R.C. - É, era uma coisa de redes, tal.

D.P. - Então você teve várias vezes negociando lá na própria... Nova Iorque?

R.C. - Não muitas vezes, mas algumas vezes sim. Aí você começa a conhecer, vai fazendo um histórico de relacionamentos, algumas pessoas começam a crescer lá também, aí você acompanha a carreira delas, algumas pessoas que a gente acompanhou, então isso facilita. Você entra nesse meio.

[FIM DO ARQUIVO I]

H.A. - Vamos falar um pouquinho de Viva Rio, o começo e relação com a Ford.

R.C. - Então, o Viva Rio nasce com o movimento contra a violência e dentro do contexto de movimentos de cidadania, início do período democrático, depois do *Fora Collor*, que há uma afirmação forte de um espaço que não é o espaço propriamente da política partidária de governo, mas um espaço de ações da sociedade civil como a gente chama. Então ele é parte dessa história desses movimentos da época. Parecia movimentos muito promissores, a gente acreditava muito em tudo aquilo. Ele consegue um apoio interessante de outros segmentos, quer dizer, não só dos movimentos sociais, mas também de setores do empresariado, das associações patronais, das elites culturais, da mídia, e isso gerou uma visibilidade, uma movimentação grande, quase sem dinheiro. Então o primeiro ano e meio do Viva Rio ele não tinha dinheiro para nada, não pagava nada, era o Iser que sediava, então o fax, telefone, endereço tudo do Viva Rio era ali no Iser, na salinha ali, eu, o Luiz Eduardo, a gente se dividia. E grandes eventos, mas tudo sem nenhuma infra de baixo. Aí o Luiz Eduardo escreveu um artigo engraçado chamado *Mágico de Oz*, que você ouve aquele vozeirão no vale, retumbante, aquela coisa, você vai lá atrás é um ratinho falando no microfone, que faz aquele barulho todo. Então era uma coisa meio esquisita, se você pegar assim, atrás estava vazio, não tinha nada, e fazia uma aparência danada. Então o primeiro tempo não tinha projeto, não tinha funcionário. O primeiro funcionário foi a menina que dava meio tempo em imprensa, era assessora de imprensa, Renata, Santa Teresa. Isso durou muito tempo. Só depois do Reage Rio, foi final de 2005, caí dentro, foi uma coisa assim de resposta, foi uma resposta muito ruim da parte do Marcelo Alencar, e que foi uma frustração enorme, porque também a gente tinha grandes expectativas, então... O slogan do Reage Rio era *Um milhão por um bilhão*. Ou seja, se você puser um milhão na rua, o governo nos dá um bilhão... nos dá não, dá para o governo, dá para a política de segurança, um bilhão para resolver o problema da política de segurança no Rio de

Janeiro. Aí fez as contas, muitos projetos, o Fernando Henrique era o presidente da época, ele disse: “Se fizerem o projeto eu dou um bilhão, tô dentro”. Tinha o BNDES¹⁰, a gente tinha arrumado um pedaço conforme o projeto e viabilizou. Fizemos a montagem, o Marcelo Alencar foi lá e chutou o balde, disse que a gente era aliado de traficante, plantou cocaína lá na fábrica da Esperança, saíram atrás do Caio Fábio, o Caio Fábio pirou, foi um horror aquilo. Então a gente ficou muito frustrado com a... A gente muito ingênuo, ficou muito frustrado com a resposta do mundo político àquele movimento. Na virada para 2006, se é assim, então vamos cair dentro agora de outro jeito, vamos trabalhar. Aí começamos a fazer projeto em 2006. Já havia algumas iniciativas, mas não era um projeto fechado. Aí que eles começam a buscar recursos para o Viva Rio. 2006 em diante que aconteceram.

H.A. - Mas a primeira doação da Ford é em 98, você estava olhando...

R.C. - 98! Não é 2006, desculpa, é 98. É 95 é o Reage Rio, é 96.

H.A. - Tá. E essa doação é para o Balcão de Direitos?

R.C. - Então, foi o primeiro projeto que a gente... Têm alguns primeiros projetos, um deles foi essa história do Balcão de Direitos. A ideia era, estava no governo Brizola, o governo Nilo Batista e tem uma iniciativa que chama-se CCDC¹¹, que era o Centro Comunitário de Defesa da Cidadania, era uma ideia de abrir em ambiente de favela serviços jurídicos, serviços de identificação e de defesa dos direitos etc. Só que tem aquele modelo Brizolão na cabeça das pessoas. Eles encomendam um modelo do espaço CCDC a Oscar Niemayer, então precisa ter 300m² de área para fazer o modelo que o Niemayer desenha, tido de concreto armado, *pesado* aquelas coisas dele, então não rola. Primeiro, difícil de achar um espaço assim em favela, e segundo, que é para levar para lá juízes, Ministério Público, o mundo jurídico todo. O mundo jurídico não quer trabalhar em favela, então é uma dificuldade para poder funcionar. Então o CCDC começa logo de cara, “Isso não vai prestar, não vai funcionar”. E aí a gente propõe uma alternativa que é o Balcão de Direitos que é uma coisa bem levezinha, funcionava dentro da

¹⁰ Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

¹¹ Centro Comunitário de Defesa da Cidadania

favela, em espaços comunitários com uma combinação de alguns poucos advogados, muitos estagiários de advocacia e para legais locais da favela, são treinados, e ganhamos o apoio do Ministério da Justiça pela ideia, porque eles estavam apoiando o CCDC e o CCDC não andava. Então foi meio que um contraponto bem gênero sociedade civil a uma iniciativa de Estado com aquelas visões muito mega. Então o Balcão de Direitos foi uma ideia legal que surgiu, a Elizabeth Sussekind é quem puxava, ela trouxe um estudante dela do diretório acadêmico da UniRio, chamava Pedro Strozenberg, e aí montaram, foi um projeto muito legal mesmo, muito interessante. Tinha uma garotada entusiasmada e eu nunca, realmente, essas coisas que você fica olhando, como pode, umas meninas, umas gatinhas, uns rapazes, tudo novinho, se metendo em favela para ficar mediando conflito lá dentro de favela, briga de marido e mulher.

D.P. - Vários escritórios e em várias favelas, eram 18.

R.C. - É, coisa grande. E funcionando, tinha mais de 70 jovens desse e monte deles querendo funcionar dentro da coisa, e funcionava. Acho que as pessoas são tolerantes, e acho que tudo bem. E funcionava, funcionou mesmo, formou uma geração aí interessante nesse campo de mediação de conflito. E aí a Ford foi quem financiou. De fato foi o Ministério da Justiça e Ford.

H.A. - Esse começo do Viva Rio, a relação com o Iser, como era essa questão? Porque pela tabela também a gente entende que a partir da criação do Viva Rio parece que a Ford vai um pouco apoiar o Viva Rio e...

R.C. - E deixa de apoiar o Iser?

H.A. - É.

R.C. - Pode ser, teria que rever essa história para saber isso. Coincidiu aí, meados dos anos 90, tem uma crise dentro do Iser. E a crise é uma crise de relacionamento, de relações. Tem vários aspectos a crise, mas começa uma brigaiada assim, aquele jardim em todas as suas variedades começa a se antagonizar. Então tem uma pauleira entre a turma mais lâmpida, com a Gabriela a frente e a turma da teologia da libertação. Tem uma brigaiada em torno do sentido, é meio ideológico mesmo e tal, também estava envolvido. Teve uma demanda interna no meio afro

que deu *em morte*. *Teve coisas graves* que aconteceu, tudo no plano da magia. Mas o Adilson morreu de aids, ele que fez o trabalho todo de cuidados com a linguagem candomblé com aids, ele pegou aids, morreu de aids, o carro da Caetana despencou da ladeira foi bater lá embaixo, todo mundo disse: “Isso aí é trabalho feito”. Tinha duas casas meio que brigando lá, a Mãe Beata e casa do Adilson também, brigando entre si, e a Célia incorporou lá no meio no Iser um dia, não tinha quem tirasse o diabo do corpo dela, aí foi um horror, aí teve que trazer um pai de santo, aí ele não conseguia, trouxemos um outro que era um cara de Ogun, aí também não prestou, aí chamamos um pastor pentecostal para exorcizar e ela querendo se matar. Foi uma coisa, uma confusão... E tudo interno ali. Então começou a ter uma dificuldade enorme.

D.P. - Aí que surge Iser Assessoria, o pessoal do Ivo [Lesbaupin]?

R.C. - Não, aí implodiu, acabou implodindo. A solução que a gente encontrou, surgiram *sete ONGs* de dentro do Iser, foram divididas. Então a gente implodiu o Iser e a solução foi essa. Cada um sai com o seu dinheirinho, o Iser ficou paupérrimo porque cada programa levou o seu, criou a sua própria organização. Uma delas foi justamente Iser Assessoria. O mais doloroso é eles que não queriam abandonar o nome Iser, os outros pegaram o nome do programa e eles insistiam em ficar com o nome do Iser. Aí fizemos uma conciliação, saiu de lá Iser Assessoria. Então essa coisa da Gabriela, como chama, Davida, ela formou o Davida, vários. A turma da negritude se espalhou, foram para várias instituições, então isso coincidiu nesse período, foi 95. Então o Iser dá uma implodida e uma das respostas foi isso, vamos voltar a pesquisar, vamos voltar a ser, sobretudo no Iser um lugar de reflexão, pesquisa, seminário etc e deixa o ativismo para o Viva Rio. Então a gente se reorganizou no Iser – essa é a minha versão, deve ter outras – mas a minha versão, a minha memória é essa, a gente implode o Iser, sete organizações diferentes...

D.P. - Quer dizer, implode em termos, porque ficaria o núcleo ainda?

R.C. - Fica o núcleo, mas é um núcleo que é o núcleo da origem, vamos voltar que é a origem de pesquisa. Um instituto de estudos. E não só de religião, porque aí já tem uma pessoa muito forte que continua, que é a Samira, na área de meio ambiente, a área de meio ambiente se consolida, é uma área que foi forte no Iser. Violência a gente fortalece com o Luiz Eduardo...

D.P. - Violência ficou dentro do Iser?

R.C. - Ficou.

D.P. - Não sai para o Viva Rio?

R.C. - Não. O Iser faz pesquisa, o Viva Rio faz bagunça.

D.P. - E as pesquisas do Iser seriam o que? Violência...

R.C. - Violência, meio ambiente, religião sempre, eram essas as três principais, tinha uma quarta, Leilah Landim, sociedade civil, ONG tal, associativismo. Essas quatro vertentes. Então essas quatro ficam dentro do Iser. Eu não lembro se o Iser já não tem o apoio da Ford...

H.A. - Teve ainda, teve em 98, dois, pelo que a gente viu, e em 2002, teoricamente foi o último.

R.C. - E quais foram mesmo?

D.P. - Quais eram o nome deles?

H.A. - É, tem que olhar. Teve em 2007 também. Deixa eu dar uma olhadinha. Aqui é terceiro setor...

R.C. - Que é a Leilah.

H.A. - Em 2002 é Criança e Juventude.

R.C. - Aí já é o inverso, é o Iser chupando do Viva Rio. Porque essa temática a gente abre com o Viva Rio, realmente, com essa história de violência armada, crianças e adolescentes.

H.A. - E a última, 2007: “Influência das igrejas evangélicas no debate sobre mídia e comunicação”. É uma coisa mais recente.

R.C. - É. Mas é isso, o Iser volta as suas origens como sendo uma rede de pesquisas, e a gente tenta fazer uma relação entre Iser e Viva Rio separando; eu sempre fui favorável separar pesquisa de ação. Nunca gostei da ideia de ação... Pesquisa-ação que chama, não é? Essa ideia nunca fez minha cabeça. Então era a importância de ter... O fato de ter um espaço de pesquisa independente, autônoma, seguindo os cânones da universidade, da academia, um espaço crítico com os coleguinhas e tal, é um espaço diferenciado do espaço da ação, da militância, da intervenção, e, precisam dialogar. E o Iser, na medida do possível, o Iser respondendo a perguntas que surgiam um pouco desse trabalho prático. Isso na violência foi muito claro. Você tem desafios que surgem, o drama da violência, das políticas de segurança policial, os desafios então são apropriados por um outro campo que é o campo da pesquisa que aí estuda, aí você tenta usar essa história. E funcionou muito bem por um período. Mantém esse diálogo na formatação de novas políticas com Luiz Eduardo, e também na história das armas com o Pablo e o Rangel, sobretudo o Pablo na pesquisa foi fundamental em termos de subsidiar toda discussão de política, mas eram pesquisas *mesmo*. Os colegas que ele conversava com meia dúzia mundo afora, um pessoal na Inglaterra, um pessoal em Genebra, o pessoal nos Estados Unidos, eram os colegas com quem ele estava dialogando sobre aquele assunto diário. Mas o resultado da pesquisa vinha para o ambiente de políticas, e o Viva Rio tocava. Então era essa a visão, a relação entre os dois era nesse termo. Depois com o tempo eu me afastei da direção do Iser, aí entrou Samira, com razão o pessoal dizia que eu já não dava atenção ao Iser, estava com problema de tempo tal, então o Iser estava sofrendo institucionalmente com isso, aí foi a ideia de separar mesmo, aí entrou a Samira na direção e depois o Pedro.

H.A. – Falando um pouquinho da atuação da Ford nessa área de violência, quando a gente conversou com a Sílvia Ramos, por exemplo, ela enfatizou muito a importância da Elizabeth Leeds naquele período, Ana Toni / Elizabeth Leeds, para certas coisas acontecerem nesse campo.

D.P. - A Elizabeth tem um histórico disso, de interesse pelo tema. Assim como no meio acadêmico e no meio das ONGs também, o tema da violência não era um tema muito

trabalhado... No meio da Anpocs, por muitos anos, você tinha grupos de trabalho na Anpocs sobre guerra, sobre exércitos, sobre jogos de guerra, e não tinha nada sobre polícia. Polícia não era um objeto que merecesse pesquisa, discussão. Então era um tema meio alheio, no meio acadêmico e no meio das ONGs, em geral, as pessoas não gostavam mesmo do tema. Então eu acho que o Iser em certa medida foi primeiro nisso e algumas outras pessoas, e outros meios que foram... Pessoal do Cesec¹², depois Julita e tal. Aproveitaram também um pouco de pessoas do Iser, se juntaram ali a Bárbara, Leonarda, então você tem esses... E do lado dos financiadores, tal, quem tinha um histórico de interesse substantivo era a Ford com a Elizabeth. Então sem dúvida ela não só apoiou pesquisa, mas foi um catalizador de iniciativas e formou uma rede grande de personagens, estudiosos, gente que ela apoiava. Mas antes disso, o primeiro apoio da Ford, que eu acho, sobre violência foi com o Peter Fry, foi com o Nazareth Cerqueira.

H.A. - A Elizabeth Leeds está escrevendo a biografia dele, inclusive.

R.C. - É? Foi bom saber. Que realmente foi muito inovador esse, foi bem legal. Porque naquele tempo ninguém se interessava, como objeto...

H.A. - Apoiar policial...

R.C. - É, apoiar um milico aí, tal. E o Peter com aquele faro dele, ele pescou que tinha... Que o Nazareth é assim, antes e depois do Nazareth, a história da polícia brasileira o Nazareth é um personagem muito forte, muito interessante pela criatividade dele, pela intelectualidade dele, ele estudava, ele traduzia, ele trouxe temas, botou na mesa temas fortes. Ele é um fundador realmente do novo pensamento sobre polícia no Brasil, sobre segurança é um personagem forte. E quem apoiou esses trabalhos do Nazareth foi a Ford, no tempo do Peter. Depois a Elizabeth continua. Aí eu acho que tem uma coisa que merece, um fio importante de ser explorado, realmente, e que, de novo, com a Elizabeth quando ela volta, ela gerou o Fórum. O Fórum foi uma coisa que ela que puxou. Claro, com os amigos, com a rede, tal, mas a animadora do Fórum, a viabilizadora do Fórum, a ideia toda de juntar as pessoas, começar a discutir e tal, e

¹² Centro de Estudos de Segurança e Cidadania

pensar um caminho de sustentação foi muito trabalho da Elizabeth. Então realmente nesse tema, não sei de outros, mas nesse tema a Ford tem um...

D.P. - Fala um pouquinho do Fórum e da sua participação também.

R.C. - Eu participei no início, bastante. Depois fui me afastando porque estava com outros interesses, negócio do Haiti começou a tomar muito meu tempo, mas o Fórum foi muito interessante o seguinte, ele conseguiu reunir pesquisadores, em geral não se reúnem muito porque são todos egos enormes, então tem aquele problema de se juntar. Porque lá na Anpocs é uma coisa... Você vai lá fala umas coisas, apresenta umas coisas e vai embora. Outra coisa é ter uma relação constante. Não só os pesquisadores, mas também líderes na área de segurança pública, polícia. Policiais de vários estados e militares e civis, pouco federal, pouco federal. Mas é uma elite da polícia brasileira que está ali e que dialoga bem com os pesquisadores, na tranquilidade, conseguem discutir, alguns deles sobretudo, e com uma diversidade de opiniões importantes, são fortes, são personalidades fortes. Várias figuras que viraram comandantes gerais e referências nos seus Estados e tal. E um tema muito polêmico, cheio de dificuldades. Então a capacidade que teve o Fórum de reunir esse pessoal, em primeiro lugar, cruzar intelectuais pesquisadores e operadores de segurança pública com a diversidade regional, diversidade também institucional, é um feito isso. Não sei se tem outro lugar você encontra esse tipo de combinação. Você encontra muito organizações de polícia com qualidade, ou pesquisadores, mas cruzando os dois não é comum não. Isso faz parte, eu acho, de criar um novo pensamento, de tornar essa área uma área pensada, e com proposta, com visão. A ponto que hoje em dia virou... as grandes linhas são senso comum, aí começa depois brigar de novo, por dentro, as diferenças vão surgindo, mas há uma renovação do pensamento, uma evolução forte. Até os anos 80 ninguém falava nisso, não foi tema da Constituinte de 88, ninguém falava disso. Falar de segurança pública... São ridículo, totalmente assim estratosférico. Ainda herdeiro realmente do pensamento militar. Quem cuida da defesa... Tudo é defesa meio do Estado, da sociedade, tudo é auxiliada do exército, um negócio assim, é muito pobre a Constituição porque ninguém discutiu o assunto, então passou o lob militar, emplacou a coisa e submetendo a polícia. Quer dizer, nem a polícia teve muita presença na constituinte. Então quando chega os anos 90 o tema é virgem, em termos do pensamento democrático e da pesquisa. De lá para cá realmente foi um caminho feito nesse campo, importante, eu acho que

o Fórum, realmente, reuniu quem estava se interessando por isso, trabalhando por isso, tanto na universidade quanto no meio policial. É muito promissor, muito interessante. Não sei como está hoje, porque eu tenho participado pouco. Porque é difícil alimentar essas coisas. É difícil a continuidade por que... faz história, são coisas que fazem, marcam, mas a continuidade é complicada. Porque é caro, pelos recursos.

H.A. - Sobre a continuidade, queria te perguntar sobre isso. Conversando com o Candido aqui, falamos muito sobre essa questão da continuidade de financiamento dessas ONGs tradicionais, importantes, e você estava falando muito do diálogo com essas figuras das agências financiadoras, também que fomentaram tanta coisa boa, como você vê isso hoje em dia? A gente estava falando até do grupo Pedras Negras, enfim, como...

D.P. – Porque está esse drama... O que você quer?

R.C. – Eu ia atrás do café e quase derrubo a mesa. Aí já é outra conversa, não sei se tem a ver com...

H.A. - Vamos dar uma pausinha, melhor.

R.C. – Por quê? Não precisas não. Ah, por causa do filme...

H.A. - Depois a gente edita.

R.C. – Eu acho que mudou o cenário todo, então se você não mudar junto com ele, você morre, é bem darwiniano mesmo. Então onde eu vejo que há campos ainda de renovação e de continuidade eu vejo alguns campos. Primeiro, coisa que a gente fez, eu fiz, o Viva Rio fez, é a coisa internacional. Então, hoje as agências internacionais têm dificuldade de financiar projeto no Brasil com razão, que acha que o Brasil não merece, ele é sem vergonha. Então essa coisa da continuidade poucas agências continuam, algumas continuam, mas são poucas. Então já não tem aquela oferta, aquela missão, aquele trabalho de abrir um espaço cidadão, um espaço democrático, estamos todos hoje e o Brasil... Então isso é um primeiro ponto. Agora, o Brasil também está se internacionalizando, está virando parte de um cenário global. E se a gente

acompanha esse movimento, em outros lugares no mundo existe ainda a necessidade de financiar e há um movimento de financiamento. Então a gente fez esse movimento e o Haiti acabou sendo um espaço importante de... quase que renascer, a gente quase que surgiu do zero de novo no Haiti, nasceu de novo lá. E hoje está grande lá, até grande demais.

D.P. - A internacionalização do Viva Rio é só o Haiti ou vocês estão com outros projetos em outros lugares?

R.C. - Não, a gente começou uma coisa de rede, mas rede é complicado. Tem gente que gosta, eu não gosto muito, acaba virando um oficinismo, manter a rede e tal, então a gente teve algumas experiências importantes de redes, mas que passaram. Mas se a gente quiser continuar trabalhando em rede continuaria porque existe espaço para isso. Por exemplo, rede de polícia tem espaço para trabalhar; a gente trabalhou rede de polícia latino-americana, foi legal, mas o mesmo problema do Fórum, essa coisa de manter a continuidade, um negócio que é caro. Então a experiência forte foi o Haiti. Aí realmente... O Haiti você tem o mundo inteiro lá, as agências todas, Nações Unidas, tem uma coisa internacional fortíssima no Haiti, de uma maneira até *over*. E aí temos tido muito convite para ir para o mundo inteiro, e a gente resistindo porque, pelas pernas, medo de não ter condição de dar segmento.

D.P. - Vocês têm um escritório lá mesmo?

R.C. - A gente tem mais de 700 empregados no Haiti. Virou uma organização grande no Haiti.

H.A. - Nossa! E aqui?

R.C. - Aqui ele está com mais de quatro mil.

D.P. - Como assim Rubem? O Viva Rio tem mais de quatro mil pessoas?

R.C. - Tem, tem.

D.P. - Profissionais, pagos?

R.C. - Profissionais pagos, todo mês.

D.P. - Não é possível! Não tenho ideia, mesmo?

R.C. - Depois eu falo disso. Mas então, tem demanda internacional muito forte. Essa é um ambiente de trabalho, seria o caminho que as ONGs europeias fizeram ou americanas, internacionalizaram. Agora mesmo tem uma missão indo lá para Ruanda, Murundi, Congo, região ali braba, estão convidando a gente. Querem que a gente vá para lá e tal. Fomos lá ver. Então tem várias propostas assim desse tipo, e que a gente só não vai mais por conta de pernas, e tem certas dificuldades que a gente sofre, que é negócio de língua, teria que ser na África portuguesa seria mais fácil sem o problema da língua. Os nossos quadros, uma das coisas fortes que a gente tem é você é de você trabalhar num ambiente de dentro para fora, de baixo para cima, no meio popular para... lidar com... dialogar. Então essa coisa, nossos quadros populares são muito importantes no trabalho que a gente faz. É um diferencial, você tem ingresso na favela, no Rio de Janeiro, é um diferencial. Você vê os personagens de hoje no mundo das ONGs que se destacam, o Afro-Reggae, Cufa, essa coisa, o próprio Viva Rio é porque tem presença na favela, lugar que ele tem dificuldade de chegar. Então essa ponte, essa coisa. E esse estilo de fazer você não vê por aí fora, *não vê mesmo*. É um tipo de abordagem, de estilo, de estratégia que a gente pode exportar. Tem a ver com *know how* que a gente desenvolveu e que é, faz carreira, tem espaço para isso no mundo. O problema é que o nosso pessoal popular não fala inglês nem francês, então isso dificulta que eles possam também ir junto. Agora, não só popular, o *know how* tipo assim, quer lidar com lixo de uma maneira interessante, criativa, Comlurb tem gente a beça legal, capaz de trabalhar lixo em qualquer lugar do mundo, onde lixo é problema. Então, tem isso. Acho que esse é um caminho possível de se renovar, dá uma dimensão internacional a essa experiência que a gente fez. E essa é uma experiência inspiradora de outros trabalhos, de outros lugares, e aí você vai juntando pessoas, vai virando internacional mesmo, aí tem quadros do mundo inteiro no Viva Rio do Haiti.

D.P. - Isso que eu ia perguntar, essas 700 pessoas estão lá, quantos são brasileiros?

R.C. - Brasileiro tem uns 12 permanentes, tem outro tanto misturado, internacional, tem gente do Afeganistão, tem gente da Inglaterra, internacionais desse mundo...

D.P. - Do Viva Rio?

R.C. - É, do Viva Rio, trabalhando com a rede, mas tem belga, quer dizer, tem gente que circula nesses ambientes de países em crise, que são internacionais, quadro desse negócio internacionalizado que acaba no Viva Rio, lá. Agora, dos 700, 700 são haitianos, são locais. Aí gente que a gente formou, encontrou, recrutou...

D.P. - E quem está financiando? Financiamento é variadíssimo ou...?

R.C. - Variado, alguns países mais importantes, Noruega, Canadá, BID, agências da ONU, Pnud, Ocean e uma variedade de outras organizações.

D.P. - Mas é aquele esquema de projeto, faz projeto ou é outra lógica?

R.C. - Faz projeto.

D.P. - É a mesma lógica de projeto, é?

R.C. - Mais é trabalho.

D.P. - Então tem quantos? São vários projetos?

R.C. - Muitos projetos. A gente trabalha em quatro áreas. Área de segurança, saúde, educação-arte-esporte, meio ambiente. Tanto aqui no Brasil como lá hoje o Viva Rio está organizado nessas quatro áreas. Então tem projeto nessas áreas, e a lógica é levar *kown how* nosso e ajustar para lá, como sempre a gente fez na vida. A gente exporta o que você sabe fazer.

D.P. - E a Ford está nisso?

R.C. - Não.

D.P. - Vocês tentaram?

R.C. - Não tentamos, não tentamos. A Ford não está no Haiti, que eu saiba.

H.A. - Acho que não.

R.C. - Eu não sei por quê.

H.A. - Eles têm os escritórios deles espalhados pelo mundo.

R.C. - Eu não vejo Ford no Haiti.

H.A. - É, não tem.

R.C. - Não, não tem.

D.P. - Mas, por exemplo, o Viva Rio tem financiamento da Ford no Brasil?

R.C. - Nesse momento, não.

H.A. - O último foi em 2005.

D.P. - Iser?

R.C. - O Iser não sei, acho que não.

H.A. - Acho que não, também.

R.C. - Depois dessa conversa eu vou procurar eles de novo.

D.P. - O último foi 2005?

H.A. - 2005 para o Viva Rio, segundo a tabela, e 2007 o Iser.

R.C. - Mas no Iser... Eu fui várias vezes lá nesses últimos anos, mas nunca rendeu, não sei por quê. Acho que está na hora da gente procurar de novo. Vamos levar um projeto de mulher. [risos].

H.A. - Está legal, Rubem, muito obrigada.

R.C. - Obrigada vocês.

H.A. - Quer perguntar mais alguma coisa?

D.P. - Fica para a próxima.

H.A. - Senão vamos entrar na vida e obra de Rubem César.

D.P. - Não sei se o Rubem quer falar alguma coisa desses 50 anos da Fundação Ford, porque esse projeto tem essa...

H.A. - Poderia ser legal. Acho que a gente também teve nesse momento de repensar aí, caminho deles.

D.P. - Porque eu acho uma coisa legal, eu vivi isso agora na... Ibase, essa crise...

R.C. - Deixa eu dizer... Eu não terminei então essa fala sobre a crise. Talvez eu devesse terminar isso.

D.P. - Acho que é legal terminar e você poderia falar alguma coisa, um comentário sobre... Porque a situação das ONGs é dramática no Brasil.

R.C. - É, é. Então, primeiro então é essa, a coisa da internacionalização, porque você começa a ter um arejar internacionalmente, e de certa maneira é uma continuidade, você está *recolocando* toda sua experiência em outros ambientes. É bacana uma coisa assim, você percebe que você aprendeu alguma coisa, que você sabe coisas. Porque o povo em geral das ONGs do norte, eles chegam nesses lugares como *gringos*, se vestem como *astronautas*, *por causa da insegurança*. Então a pergunta: “Ah, mas dá para chegar lá?”. A gente está lá, nossa sede é lá, mas eles não vão lá, estão proibidos de ir lá, a não ser com escolta. É outra cabeça. E chega com os modelinhos tudo dessa coisa ortodoxa, liberal, ortodoxa, direitos humanos, chega tudo com o dedinho assim, faz assim, faz assado e a realidade está passando por outros caminhos totalmente diferentes. *Nada a ver*. Então a distância de pensamento e de estratégia, de estilo entre esse universo das Nações Unidas em geral e das agências, da maioria das grandes ONGs, e o ambiente local em lugares como esses, lugares que a gente frequenta é abissal. E aqui a nossa experiência, na América Latina, acho que não é só no Brasil, mas no Brasil em particular, no Rio de Janeiro em especial a gente fez um movimento muito de dentro para fora, a gente se aproximou muito de dentro, temos afinidade, temos uma facilidade, tem um prazer de estar lidando com essa coisa dali para fora que é raro. Então isso tem um *kown how* interessante, como estilo e como possibilidade de continuidade. Então só ficar no local nosso aqui, acho que é uma pobreza. A gente aprendeu, mudou com a gente, mas está cheio de lugar no mundo que pode. Então acho que é uma coisa internacional, é uma dimensão importante de continuidade. E a outra, tem uma dimensão que o Viva Rio acabou adotando, que é mais complicada, pior, virar é um prestador de serviço. E aí a coisa das OS. A OS o que é? Não é uma ONG, é uma quase... Como chama?

D.P. – Oscip.

R.C. - Oscip, mas mais que isso, é uma quase governo, não é que é não-governo, é entre não-governo e governo, é quase governa. Porque ela executa políticas públicas...

D.P. - Ela é uma gestora de políticas públicas.

R.C. - Ela é uma gestora de políticas públicas. E por isso que a gente ficou com essa maluquice de mais de quatro mil funcionários, hoje, porque a gente executa Saúde da Família pelo Rio de

Janeiro inteiro, desde São Conrado até Madureira, nas favelas todas aí com a Saúde da Família. Mas executando política pública de Saúde da Família, que é uma coisa que tem a ver com trabalho em favela...

D.P. - Daí vocês fazem os convênios com prefeituras, com governo...

R.C. - Prefeitura. A gente está procurando diversificar... Aí é um novo caminho, de novo a gente está procurando, aí está aprendendo a disputa e a concorrência no mundo da saúde que é quase criminal, o bicho pega realmente, o negócio de máfia e de corrupção de grana, *são concorrências pesadas*. A gente não sabia que era assim. Mas que é um campo também de expansão, de trabalho etc, mas é diferente. Você está executando política pública num ambiente que é o nosso, onde a gente fez a nossa vida, que é o ambiente de favela, digamos, esse ambiente mais pobre; então aí também há um campo de expansão grande, eu vejo esses dois caminhos. Fora isso são outras coisas, de ser inovador, bem pequenininho, bem pós-moderno, essa coisa de umas turminhas legais, tal, que sempre tem seu espaço, não é?

D.P. - E a Ford, quer dizer, nessa crise toda, uma agência como a Ford no Brasil, qual seria seu papel? A pergunta é essa também. Eu acho que tem muito a fazer do ponto de vista das ONGs porque mesmo o Brasil sendo o sexto PIB do mundo, a sexta economia, não sei que, a gente sabe da situação. Então engraçado que há pouco tempo veio um representante da ED, apoio base no Brasil, e ela entrou aqui com a cabeça dizendo assim: “Ah, não precisa mais financiar, coisa e tal”. E o pessoal levou ela para Jardim Gramacho, Lixão, ela depois de três dias estava dizendo: “Não, é um trabalho super importante que o Ibase está fazendo, vou ver se ganho o pessoal da ED para dizer que é importante”. Mas minha pergunta para você o seguinte, pois é, mas a gente sabe que não é isso que está acontecendo, as agências estão saindo etc e tal, e aí, a Ford em relação ao Brasil, o que você acha que deve ser, continua, não continua?

R.C. - Eu vou saltar fora porque eu estou distante da Ford, eu teria dificuldade em dizer alguma coisa que tivesse a ver com a Ford, seriam generalidades de fora para dentro. Eu acho que, francamente, eu não saberia agora fazer nenhuma sugestão para a Ford.

D.P. - Mas você acha, essas agências estão vivendo também outro momento. Se a gente está vivendo aqui internamente... A pergunta é mais ou menos essa. As ONGs no Brasil estão vivendo isso que você falou: “Ou muda ou...”, e as agências também? Você acha...?

R.C. - Eu acho que uma agência como a Ford, função não falta, função não falta. Aí tem que encontrar seu nicho, sua estratégia e que tenha continuidade com o histórico dela. Eu não sei francamente se no campo da pesquisa hoje, considerando toda a evolução no Brasil em termos de pesquisa, se há muito espaço para a Ford. A importância que ela teve em outro momento, se teria hoje. Então acho que teria que focar onde há mais possibilidade de inovação, de fazer diferença aqui, e onde está essa estratégia para fazer diferença. Aí teria que sentar e pensar junto.

H.A. - Eles estão indo um pouco para o campo de mídia, por exemplo, na área que precisa. Acho que precisa bastante, não é só por ser minha área, que eu sou jornalista, mas essa questão da democracia na comunicação, enfim, eles estão bem focados nisso agora. É um novo campo para eles, até internacional.

R.C. - Sei, sei. Mídias alternativas?

H.A. - Também.

R.C. - Mídias sociais, essas coisas?

H.A. - É, mas principalmente essa questão de democratização da comunicação nessa discussão meio braba. É um dos campos que eles estão aí.

R.C. - Entendi. Interessante. É um campo lá que tem uma experiência interessante com o Viva Favela.

H.A. - Exatamente. Está ótimo.

D.P. - Obrigada.

R.C. – Está ótimo. Eu vou ficar devendo essa pergunta sobre a Ford...

[FIM DA 1º ENTREVISTA]

2ª entrevista: 15/03/2012

L.O. - Rio de Janeiro, 15 de março de 2012, nós estamos fazendo a segunda entrevista com o Rubem César Fernandes. Rubem, na entrevista anterior explorou um pouco mais já a formação do Iser, sua relação Iser - Ford, que era isso mesmo que a gente estava pensando. Mas tem algumas coisas suas, até a própria história de vida que a gente ouvindo a entrevista fica com vontade de saber. Então vamos aproveitar a chance para conversar com você. A primeira coisa é isso, suas origens familiares, como você... eu brinquei que o outro niteroiense mais internacional que eu conheço é o Sergio Mendes.

R.C. - [risos]. Meu contemporâneo, dancei muito em Icaraí...

L.O. - De Niterói para Hollywood, Los Angeles, você de Niterói...

R.C. - Até hoje, até hoje ele está com o mesmo jeitinho que ele tocava, uma bossa nova.

L.O. - Então um pouco assim, as origens familiares, Niterói, informação escolar, quem era a turma de praia de Icaraí, tudo, para gente depois a gente chegar na formação.

R.C. - Eu sempre estudei em escola pública. Quando comecei a estudar em escola particular, eu tive bolsa, então, dessas pessoas raras, que hoje em dia é impossível, praticamente, na classe média ter educação sem nunca ter pago por ela.

D.P. - Mas isso era por uma opção da sua família ou foi...?

R.C. - Não, a opção é que era a melhor escola eram assim mesmo.

D.P. - Naquela época, não é?

L.O. - Tinha o colégio...

R.C. - Colégio primário foi Joaquim Távora, uma escola pública ali no Jardim São Bento, depois o Liceu Nilo Peçanha que era o nosso Pedro II de Niterói, a melhor escola. O exame de admissão era difícilíssimo, era uma coisa concorridíssima; só caxias, gente que estudava que passava. Então foi isso, eu estudei em escola pública. Só saí de escola pública, paguei, para dizer que não estou mentindo, paguei o último ano do clássico, porque eu já estava tão metido com política que eu não tinha tempo para estudar. Aí fui para uma escola tipo pagou-passou,

era o Plínio Leite, à noite. Então a gente colava geral, o professor ajudava a colar, para passar. Eu já estava enfiado em outras histórias. Então sempre estudei em boas escolas, graças a Deus, e tive uma educação bem boa, mas sempre pelo lado público.

D.P. - Sua família era uma família de classe média em Niterói?

R.C. - Meu pai era médico, professor de universidade e cirurgião da laringe para cima, sem entrar no cérebro, olhos, ouvido, nariz e garganta. E minha mãe era dona de casa. Os dois muito envolvidos na igreja, se conheceram na igreja, meu pai de uma família de sul de Minas, bem mineirinha, bem prática, daquele jeito mineiro, gostoso; e minha mãe, filha de pastor, fugido de Santa Catarina, perseguição religiosa lá, anos 40.

D.P. - O pai da sua mãe, seu avô foi fugido de Santa Catarina, nos anos 40?

R.C. - É, porque era protestante. Numa cidade católica, teve lá uma perseguição, tinha uma história de perseguição religiosa, e tinha um lado meio alemão do lado da minha mãe. Então se encontraram na igreja, os dois lados protestantes. O lado protestante do meu pai, um lado mais pragmático na vida, meu avô tinha uma pequena fazenda de café no sul de Minas, mas ele era farmacêutico de profissão. Teve oito filhos, *todos* envolvidos com medicina. O mais fraco deles foi vendedor de remédio, mas estava no ramo. As mulheres, farmacêuticas, estudaram farmácia, se formaram em farmácia. Muito interessante, meu avô era um sujeito progressista do interior mineiro, protestante, que era meio raro na época, naquela região, e foi o primeiro, por exemplo, a introduzir o automóvel, tem umas histórias assim na família. Então ele construiu uma estrada para andar de automóvel e botou uma corrente de cada lado, só ele usava, senão o pessoal bagunçava com a estrada. Tem essas coisas daquele tempo ainda. E eu andei, fiz viagens em carro de boi, no sul de Minas, adorava. Mas então vieram, o lado protestante do meu pai tinha esse perfil, então uma família prática, médica, saúde, mineira, e o lado do meu avô era um lado mais exaltado, vamos dizer assim.

D.P. - Seu avô materno?

R.C. - Materno. Muito religioso, o irmão dele, Benjamim Cesar, outro pastor, teve seis filhos, todos pastores. As mulheres diaconisas. Então o lado do meu avô era um lado mais missionário e o lado do meu pai um lado mais cirurgião, tem esses dois lados na família.

D.P. - E a sua formação nisso aí? Porque os dois se conhecem na igreja, então seus pais...?

R.C. - Os dois cantavam muito bem, eram solistas do coral. Minha mãe soprano, meu pai tenor. Então eu ficava ali admirando, criança, meus pais cantando muito em casa também muita música, piano e tal, cantaram até no teatro Municipal de Niterói, um momento assim de glória.

Então era muita música, muita vida de igreja, uma igreja presbiteriana, eu garoto cresci na igreja, cresci nesse ambiente, em Icarai, na Praia das Flechas. Eu só começo a sair do rumo ali... Eles tinham um movimento de mocidade presbiteriana, que era um movimento interessante da época, e eu conheci um pessoal de esquerda protestante que estava associada a uma coisa chamada União Cristã dos Estudantes do Brasil (UCEB), que era o equivalente da JUC, do lado protestante. E tinha alguns centros importantes no Brasil, um deles era em Campinas. Num seminário de Campinas, tinha um teólogo americano, passou pela Colômbia, chamado Richard Shaull, e que foi o primeiro autor a aproximar marxismo e teologia no Brasil, antes dos católicos. Então havia uma linha teológica de esquerda em Campinas, e muito forte, porque a presença do movimento estudantil de São Paulo da UEE, um dos vice-presidente da época, eu me lembro era o Rubão, Rubens Bueno, que era um seminarista de Campinas. Então, alguém do seminário, protestante, virar líder estudantil, entendeu, naquela época que o movimento estudantil de São Paulo era uma coisa importante, demonstrava que tinha um peso, tinha uma presença. Então, por esse lado aí, aí tinham outras denominações: metodista, episcopais, sempre meio intelectualizada, em torno de seminários.

L.O. - Cada um deles tinha o seu próprio seminário?

R.C. - É, cada denominação tem o seu seminário. No mundo pentecostal não, o mundo pentecostal a formação é mais na prática, na própria igreja, mas o mundo, digamos, reformado, das igrejas reformadas, primeira geração da reforma protestante, eles têm lá seu seminário, tem uma estrutura bem formal de educação, os pastores. Então, nesses seminários, na época, no início, fim dos anos 50, início dos anos 60, havia uma tendência de uma teologia liberal se aproximando dos temas sociais. Isso influenciou muito o mundo protestante da época, e não me lembro bem como, sei que chegou a Niterói. Tinha uma figura que chamava Jovelino Ramos. O Jovelino era um seminarista de Campinas que fez o movimento do seminário para... aí pede pastores... mencionei isso na outra vez, que vão trabalhar em fábricas, havia um movimento assim em São Bernardo na época, de padres e pastores que optavam por se aproximar do mundo do trabalho, mundo operário, mundo sindical para fazer uma experiência social importante. Jovelino fez isso e de lá foi recrutado por uma... de fato era um movimento mundial, chamava Associação Cristã de Acadêmicos (ACA), e que tinha uma expressão nos Estados Unidos, na Europa, era uma coisa, digamos, de peso. Nos anos 60, o movimento estudantil, o movimento jovem, anos 60, essa corrente Student Cristian [Federation]*¹.

L.O. - Associação Cristã de Moços é outra?

R.C. – É outra coisa, essa é mais antiga e mais voltada para a saúde do corpo. Então comecei por aí.

D.P. - Você está fazendo o que, o clássico? Fez o clássico ou o científico?

R.C. - É. Fiz o clássico, claro. Eu comecei por aí. Mesmo antes, já no final do ginásio, chamava ginásio, aí na igreja. E nesse movimento de juventude da igreja chega, sou convidado... eu não vou entrar em tanto detalhe, conferência em Presidente Prudente, Presidente Prudente era uma cidade protestante na época, de predomínio protestante muito grande.

L.O. - Sabe por que é importante esse contato? Porque de alguma forma a história dessa transformação dentro da igreja católica a gente conhece mais. Ou porque o caso eu sou essa variante, e segundo lugar porque tem muita gente que escreveu, e da linha protestante, a transformação que é muito menos... por isso que é importante, sim.

R.C. - Então, você tinha algumas vertentes: a presbiteriana era importante, sobretudo, eu acho, por duas coisas, uma eram esses seminários em Campinas e o outro existia um movimento de mocidade presbiteriana que tinha um jornal chamado *A Mocidade*. Esse jornal foi um bom jornal. Foi uma coisa curiosa, jovens da época, uma coisa muito jovem na época, de geração mesmo, muito jovem, fazendo coisas de peso. E esse jornal foi um jornal *muito melhor* do que a igreja, o jornal da geração que mandava na igreja, os pastores. Era um bom jornal, o editor era o Waldo César, vocês devem lembrar dele, sociólogo. Então o Waldo, jovem, era dessa turma, ele dirigia esse jornal. Então era uma corrente de opinião jovem pela estrutura da igreja e tinha a corrente meio pelo seminário. E aí teve uma conferência em Presidente Prudente, que era *A igreja e a problemática social*, alguma coisa, tema social e a igreja, era o tema da conferência dos jovens, gente pra chuchu e tinha alguns palestrantes. Eu fui chamado para ir nessa conferência como representante da juventude de Niterói. Isso foi em 58, eu acho, eu tinha 15 anos. E nessa conferência tinha alguns palestrantes, o Richard Shaul foi um deles, outro Joaquim Beato, era um negro do Espírito Santo, teólogo, presbiteriano, e que foi influente também na igreja, foi formado em teologia na Inglaterra, acho que em Cambridge, algum lugar importante, tinha uma boa formação, falava aramaico, umas coisas assim. E o Joaquim Beato, grande personagem, depois veio a ser senador na República, por um período, era suplente, chegou a assumir. Não tinha muito negro senador. E o Beato uma grande figura, me lembro de ter ficado muito impressionado com a palestra dele, aí eu fiz matéria. Que a gente tinha um jornalzinho na igreja, chamava *O Valor*, e aí fiz matéria sobre ele, rendeu um pouco, e por causa talvez dessas historinhas, então o Jovelino me encontrou. Eu era acho que presidente da

associação de moços da igreja. Aí comecei a me envolver com uma história do Jovelino, ele reunia jovens, eu era secundarista, então tinha também o lado secundarista, e o trabalho era encontro de jovens protestantes nas escolas e nas universidades. A universidade chamava ACA, Associação Cristã de Acadêmico. Eram estudos bíblicos, a atividade principal era estudar a Bíblia. E a partir da Bíblia, então, dialogar com as ciências. E aí é um caminho assim bem clássico do pensamento liberal, de uma exegese bíblica, que acaba com toda sacralidade da Bíblia, começa analisar história, a língua, os períodos, aí vai acabando com a Bíblia, você descobre um livro da Bíblia, de fato, foi escrito durante séculos, não tem um autor só, vai destruindo aquela sacralidade do livro e aproximando das ciências, da história, da interpretação exegese, essas coisas. Então tinha esse exercício de aproximar a Bíblia, das ciências, e por aí ia formando cabeças que eram um pouco, digamos, evangélicas e mais racionais do ponto de vista de uma formação teológica e tal, ainda protestante, mas já perdendo, eu não diria a fé, mas quase, vai perdendo...

L.O. - A sacralidade daquela coisa.

R.C. - O que aconteceu com a teologia da libertação católica, a mesma coisa. Mas aí é mais por uma teologia liberal protestante e da exegese, coisa de muita tradição na Europa, Estados Unidos. Então foi a gente foi meio que levado por essa corrente e o Shaull era um mestre nesse tipo de pensamento, e ele tinha uma pedagogia de diálogo. Foi a pessoa que eu melhor vi, professor assim, a coisa mais socrática, ele realmente introduzia um tema e provocando as pessoas para falarem e através da conversa ir levando, conduzindo com fios de meara. Muito impressionante porque o Shaull fazia a gente se sentir inteligente, muito intelectual e tal, sem saber nada, ele que vinha puxando da gente, e ele afinal parecia que ele não tinha dito nada, tinha apenas provocado o grupo para pensar e a sala a pensar. Tinha um grande professor nesse sentido de pedagogia. Então o Shaull foi o grande pedagogo, eu diria, dessa geração de intelectuais protestantes no Brasil, nos anos 50, 60. Ele em 64 foi expulso do Brasil, com o golpe, por acusações do próprio meio protestante que se voltaram... o meio protestante rachou com o golpe, então muitas acusações do lado conservador contra o lado progressista e o Shaull foi um dos primeiros a ir embora. Se não me engano foi até um pouco antes do golpe. Ele já estava naquela de estrangeiro aqui, trazendo o comunismo... ele não tinha nada de comunista, ao contrário, sempre fez uma aproximação entre marxismo e teologia cristã, de um lado bem protestante. Então tinha algumas ênfases que ele insistia e que de certa maneira brigava com o marxismo. Primeira era ênfase nos valores individuais de liberdade e a outra era uma tendência

antissistêmica. Ele não gostava de sistema, o pensamento sistemático, onde tudo se encaixa, aquela coerência brutal. E que é muito católico, os católicos adoram sistema, e o marxismo também, na época, pelo menos. Eu me lembro dos diálogos do Shaul com os marxistas. Então tivemos assim, por exemplo, encontro Wanderley Guilherme dos Santos e Richard Shaul conversando sobre o marxismo e cristianismo, lá num lugar que a gente inclusive tem propriedade, o Viva Rio hoje tem uma propriedade ali na Serrinha, entre Penedo e Mauá, ali era meio que uma parede ali, o pessoal protestante, Jether Ramalho, todo mundo tinha terra lá, Waldo, Waldo que vendeu aquilo tudo.

D.P. - É perto da coisa do Betinho, lá em Itatiaia?

R.C. - É antes, um pouco antes. Por ali.

D.P. - Rubem, você está nessa militância, digamos, religiosa, sua família está aceitando porque é uma coisa religiosa, como é?

R.C. - Na família já começou a esquentar porque, evidentemente, que nesse movimento jovem na igreja era contra pastor. O pastor era o Antônio Elias, era um grande orador, mas do tipo carismático, e tudo menos racional. Era sempre aquelas vivências, aquelas experiências, terminava o sermão chorando. E gente achava aquele choro uma coisa ridícula, que não tinha nada a ver. Então o jornal faz oposição ao pastor, o jornal dos jovens. Então já tinha ali um certo complicador com a família, meu pai era presbítero, então era do conselho da igreja, “seu filho está criando problema aí, esse garoto aí arrogante, esse menino se metendo com o pastor”, não era só eu, era uma turma. Até aí tudo bem, mas aos 17, nesse processo de diálogo interno a gente foi... Foi em 61, eu sou de 43, portanto 61 são de 17 para 18. Então 61 tem a história da legalidade, Golpe do Estado, João Goulart, o movimento estudantil está muito ativo. Eu já era secundarista ainda, mas chegando na universidade, mas bem ativo. Eu dirigi uma revista do movimento estudantil fluminense, aí consegue dar o salto e consegui ir para o jornal *O Metropolitano*. Aí comecei a sair de Niterói, não aguento mais Niterói. Então vim para *O Metropolitano*, já estava bem metido nessas histórias, quando vem o golpe, 61...

D.P. - Só para entender um pouquinho. Até então você não tinha nenhuma organização de esquerda por trás, está ligado ao pessoal do partido comunista?

R.C. - Não, não.

D.P. - Porque a sociedade estava muito polarizada, era tudo ainda movimento igreja...

R.C. - Igreja, ACA, o UCEB, o movimento secundarista. E na escola, no Liceu Nilo Peçanha eu era lá do centro acadêmico. A gente tinha uma professora de latim, profa. Ivete, de esquerda,

e ela meio que recomendou ler o jornal *O Semanário*, leia *O Semanário*. Então comecei a ler *O Semanário* e ficava orgulhoso disso, botava o *Semanário* debaixo do braço, aquele Rosni Duarte Pereira, aqueles artigos enormes, uma chatice, racionalista. Então era uma coisa assim, um sinal de distinção, a gente já tinha uma coisa. Era um tempo que já na escola pública secundarista já existia essa polarização, então, eu estava nela. Então no Liceu já havia uma militância, depois junto com o movimento estudantil. Mas em termos de organização eu era pelo lado protestante, [Acuo, Cd]*², essa história. E eu começo a encontrar outros ambientes quando venho para o *Metropolitano*.

L.O. - Isso ainda secundarista? Não é na FNFi

R.C. - Não, secundarista.

L.O. - A pergunta que eu ia... como você tinha entrado numa história da FNFi...

D.P. - Pois é, mas você morando em Niterói ou você vem para o Rio, secundarista?

R.C. - Morando em Niterói ainda...

D.P. - Com seus pais?

R.C. - É, em casa com meus pais. Em Niterói tinha uma galera jovem bem bacana, não era só o Sergio Mendes. Tinha muito melhor que o Sergio Mendes, a Marília Medalha, vocês se lembram dela, linda ela.

D.P. - Claro. Ponteio, não é?

R.C. - Menina jóia e tinha uma voz bonita, uma coisa quente. Ela garota, ele já cantava. Então tinha uma turminha que se encontrava, tinha um pessoal de esquerda, forte que meio que dominava esse meio intelectual de Niterói, então a gente, garoto, circulava em volta daqueles personagens. Mas por conta do *Metropolitano* eu venho, começo a frequentar o Rio, barca é todo dia. Então antes de chegar na FNFi eu resolvo me mudar, sair de Niterói, mas ainda estava estudando em Niterói, era meio complicado, mas não ia na escola a essa altura. Então, para mim um ano marcante é 61, com a história da legalidade, aquela coisa, eu estava no *Metropolitano*. O *Metropolitano* era um jornal muito bacana que era o Jabor, o Silvio, o Cacá Diegues, tinha uma turma que depois foi fazer... tinha cultura, história cultural, no período da bossa nova e...

D.P. - Você era pago pelo jornal, era estagiário?

R.C. - Tinha um dinheirinho, ganhava um dinheirinho bacana.

L.O. - Cesar Guimarães já estava nisso?

R.C. - Carlos Cesar Guimarães estava lá no *Metropolitano*. O *Metropolitano* merece um estudo. Reinaldo Jardim fazia a paginação, veja só. Foi o primeiro jornal do Rio, eu acho, do Brasil, a explodir a página, então a coisa das fotos grandes, os espaços em branco, tem uma paginação leve, bonita, estética. O novo jornalismo, o *Metropolitano* foi vanguarda junto com o JB. Ele saía com o *Diário do Comercio* aos domingos, era um suplemento semanal, era um jornal muito lido e de qualidade, com essa galera jovem e tal. E eu entrei de foca de jornalista por uma menina chamada Ana Maria Mascovich, que era minha chefe. O Paulo Alberto Monteiro de Barros deu um curso na UNE anunciado no *Metropolitano*: “vamos fazer um curso sobre jornalismo e tal, aberto”, aí eu me inscrevi, fui lá na UNE, lá do Flamengo. Aí o Paulo Alberto deu o curso, uma série de quatro palestras ou seis, sei lá, e na última palestra ele disse: “agora quero vocês escrevendo uma matéria sobre o curso”, assim de surpresa. Com base nessa matéria ele selecionou duas pessoas para trabalharem no *Metropolitano*, então eu fui um dos selecionados. Yes! Foi aí que eu vim trabalhar no *Metropolitano*, e lá a Ana Maria já estava no *Metropolitano*. Então entrei como foca dela. Já tive uma primeira matéria publicada na primeira página do *Metropolitano*, assinada por mim, com belas fotos. Realmente tinha um fotógrafo sensacional que hoje está em Hollywood, eu acho, bom fotógrafo, foi para...

D.P. - Essa matéria era do que?

R.C. - Foi ser cinegrafista em Hollywood. A manchete eu lembro até hoje, “Luz na favela de Lucas também é feita de sobras”. Era o seguinte, Parada de Lucas, tinha lá uma *Rádio Nacional*, ficava emitindo aquelas ondas todas, então a galera da favela escutava a *Rádio Nacional* e acendia, iluminava a favela aproveitando as ondas da rádio. Então tinha uma coisa de luz galena, que chamava. A lâmpada tinha que ser queimada, não podia ser uma lâmpada normal, senão não acendia. E o pessoal usava assim, frutas cítricas, ficava ouvindo a rádio na laranja, no limão. Tinha um camarada lá que era quem montava essa gerigonça, e ganhava dinheiro com isso, montando rádios assim de improviso, tudo em cima das ondas da *Rádio Nacional*. Foi uma matéria sobre isso. Vendeu essa matéria, foi bem legal. Não sei como eu cheguei nela, mas alguém me deu a dica.

L.O. - É gambiarra é o princípio da cidade, historicamente...

R.C. - Aí eu fiquei... todo ficou ficou: “que legal, tal”. Então foi isso. Outra matéria que eu emplaquei lá foi “O cristianismo está na esquerda”, aí já era sobre esse grupo de protestantes, então fizeram uma conferência no nordeste, chamaram o Juliano, chamaram essa turma para dialogar os pastores com esse povo lá, o Arraes, essa conferência organizada pelo Waldo César.

D.P. - Você foi para essa conferência?

R.C. - Não, mas eu trabalhei os materiais, os resultados da conferência. Aí fiz a matéria. Pelo *Metropolitano* eu entrei nessa “thurma” que era muito próxima da UNE, participei das conversas lá, embora não fosse universitário ainda, mas já estava nessa galera, ia para lá, ia para cá.

D.P. - CPC você chegou a participar?

R.C. - Não, eu nunca fui muito artístico, muitos amigos sim, a participar do CPC ativamente, eu ia lá o tempo todo com o pessoal do CPC. Uma delas era a Albinha, Alba Zeloar, que era uma graça de menina, dançava muito direitinho, encantava todos os rapazes e era do CPC, e tinha outras meninas assim no CPC, a gente ia atrás das meninas para ver elas no CPC. Nessa coisa da UNE eu participei lá de reuniões e tal, para eleição do Aldo Arantes, tido no congresso da Une como, que elegeu o Aldo, que já era uma aliança entre o pessoal católico e o pessoal marxista, e que também o pessoal protestante de alguma maneira participava, e eu meio que junto, atrás, garoto, então eu comecei a frequentar esses ambientes da UNE, entre a UNE e o *Metropolitano*, ainda não era universitário. E aí veio 61, que explodiu, e essa turma toda se envolve muito por uma história... 61 foi sobretudo na Cinelândia, as pessoas se juntaram na Cinelândia, tinha o Brizola lá no sul, e na Cinelândia era o lugar de se encontrar e de polícia batendo, gás lacrimogênio todo dia, tal, durante uma boa semana. Daí eu começo a participar de reuniões, apareciam outros personagens. Um deles o Marcos Janovitch, que era o eterno representante da juventude no partido comunista. Marcos já um senhor, arquiteto, da equipe do Oscar Niemayer e que ainda representava a juventude, e junto com a... como era o nome, Zulmira, não é, que era outra que era da juventude, era uma senhora. [riso]. E o Marcos então... outro que... nessas reuniões de 61, Givaldo.

D.P. - Givaldo Siqueira.

R.C. - É, em reuniões para discutir o que estava se passando na Cinelândia, então juntava lá para planejar o dia seguinte, eu acabei nessas reuniões, ficava ouvindo. Aí a *diferença* a maneira como Marcos Janovitch, o... ou o outro, como chamava, um alto, grandão, depois eu lembro, também do Partidão.

D.P. - Hércules Armênio?

R.C. - Não, esse era um intelectual... não, o Hércules era o sindicalista, Armênio intelectual, mas era um outro, bem conhecido, mas que era tão diferente. Uma coisa tão direta, sem cascata: “amanhã, tal hora, tal lugar vai acontecer isso, a análise é aquela, não sei, que...” Ficava

olhando, “gente, que diferença, muito mais inteligentes”. Muito mais capaz. Aí a tendência que predominava na UNE e no *Metropolitano*, não era uma tendência marxista, não era comunista, digamos, era o PC, era mais, uma coisa que a gente chamou de “nova esquerda” e que se reunia na casa das pessoas na zona sul, era uma turma da PUC, turma de Paulo Alberto, o Cacá, Jabor, Orlandinho, tinha umas lideranças e uma turma assim, tipo, católicos de esquerda, tipo Aldo Arantes, e a turma do *Metropolitano* que era um pouco os mesmos. E esse pessoal, diante de 61 e diante da liderança tão evidente do pessoal comunista, o Partidão, o grupo falou: “precisamos organizar porque realmente os comunistas vão tomar conta”. E aí montamos a Nova Esquerda, que era uma coisa que puxava um pouco do Sartre, era coisa intelectualizada francesa do *nouvelle gauche*, que era muito influente na época, a França era a referência intelectual. Era bacana [Lila Ponceau, Humanité, essas coisas, Les Prix]*³, eram referência intelectual, Sartre, Merleau-Ponty, essa coisa toda era a literatura. Isso a gente já lia na escola secundária, tinha uma turminha assim, ficava lendo aqueles livros Simone Beauvoir.

D.P. - Isso que eu ia te perguntar, essas leituras durante sua adolescência...

R.C. - Tinha uma amiga que se matou, se suicidou na escola, no Liceu, usando o discurso da Simone Beauvoir, da vida sem sentido, existencialismo. Uma bobajada, devia ter outras razões mais profundas, mas o que aparecia de racionalização, ela se suicidou, era namorada do Sergio Politero, que depois veio a ser diplomata e tal, era um rapaz intelectualizado também lá do Liceu, era colega de adolescência. Então era uma literatura ou da esquerda cristã ou essa coisa assim francesa existencialista de esquerda e tal, Camus, esse povo. E era a literatura que essa turminha lia também.

D.P. - Só voltando um pouquinho. Você falo que era muito estudioso, só no terceiro ano que você deu a famosa desbundada, você lia muito, como era?

R.C. - Eu até tinha mais no terceiro ano do que antes, mas eram essas coisas da política.

D.P. - Certo, mas você foi uma pessoa que sempre leu muito, infância e adolescência?

R.C. - Sempre.

D.P. - E essa literatura... teu pai que introduzia ou você...

R.C. - Não, foi mais do lado da minha mãe, o lado da mamãe que tinha essa coisa de ler e na escola, na igreja. Na igreja fiz esse caminho, na adolescência, 13, 15 anos, um caminho na igreja que era um caminho mais intelectualizado, por causa daquela historinha que eu contei, esse movimento intelectual influenciou a igreja aí. Então eu acho que quem me meteu para ler

foi essa turma da igreja. Em casa era mais cantoria, eu seria cantor se seguisse meus pais. Mas aí...

D.P. - Você estava falando desse grupo, da Nova Esquerda. É um grupo como, vocês [institucionalizaram] alguma coisa?

R.C. - Foi 61 que provocou.

D.P. - Certo, para se contrapor um pouco ao Partido Comunista que era mais organizado, mais pragmático.

R.C. - Muito mais eficaz em tudo, e a gente assim meio viajante, muito jovem, intelectual, muito bom de cultura, a coisa da bossa nova, a coisa da música, coisa do jornal *Metropolitano*, do cinema, uma turma da cultura, mas não da política, sensu stricto. E quando acontece em 61, é aquela correria na cidade, o país quase entra numa guerra civil e era em cima de uma discussão tipo Guerra Fria, esquerda-direita, ameaça de golpe sobre o Jango, parlamentarismo, toda aquela mudança, aquele clima de conflito que se materializava no fumacê toda noite lá na Cinelândia. O gás lacrimogênio toda noite. A gente saía dali ia para UNE para avaliar e tal. Tinha o Boal, que também tinha uma liderança que era interessante. Porque eu morria de medo dessa coisa de polícia, correria, coisa de ficar com medo. E me admirava de algumas pessoas que pareciam não ter medo. Uma delas era o Boal, ele ficava no meio do fumacê, comandando, como se não tivesse nem aí com a confusão. E os comunistas, porra, durante e depois analisando tudo e “amanhã vai ser assim, vai ser assado”, sempre teorizando, mas com sentido prático. Então essa turma de estudantes, *Metropolitano*, UNE, PUC, se encontra na Cinelândia, acontece muito, mas depois não tem nada a dizer, porque quem é capaz de falar alguma coisa sobre o dia seguinte são os comunistas. “Olha, a gente precisa de organizar, porque senão eles vão dominar tudo isso aí, aí não é bem o que a gente quer.” A gente é a nova esquerda, não é a esquerda antiga, é a nova esquerda. Então tem bossa nova, tudo é novo, então a gente tem a esquerda nova também. Então começam reuniões para formar um partido, digamos, da nova esquerda. A primeira coisa é: “é preciso ter uma ideologia, senão você não consegue discutir com os marxistas, porque eles têm uma ideologia, então é preciso formatar uma ideologia”. Como você faz uma ideologia? A proposta foi, o Raul Landinho que estudava filosofia, ele podia propor...

L.O. - Fabricar...

R.C. - Propor uma linha, um programa de estudo nossos, da nova esquerda, para a gente ver... pensamento comum, um doutrinário comum para a gente montar então a base doutrinária da

nova esquerda no Brasil, porque existia na França, a gente acreditava. Aí o Raul Landinho, na reunião seguinte, reunião lotada, sala lotada, todo mundo fumando...

D.P. - Faziam essa reunião onde, no prédio da UNE, na casa de alguém?

R.C. - Na casa de alguém, não me lembro... mais para a zona sul. Aí o Raul Landinho aparece com uma proposta, um programa de estudos, ele diz: “pelo menos um ano de seminários e tal para a gente pode desenvolver essa ideologia e a gente precisa começar dos pré-socráticos.” Aí o pau quebrou, eu fiquei uma fera, pré-socráticos, esses caras, não é possível um negócio desse, “sem você entender os pré-socráticos você não consegue formatar um ideologia”. E aí, foi uma discussão enorme, rachou a nova esquerda por causa disso, por causa dos pré-socráticos. [risos] E o Raul Landinho que era um ótimo filósofo. Não sei onde anda ele, deve ser um provector professor de filosofia, era realmente um cara que estudava filosofia.

L.O. - Especialista em pré-socrático.

R.C. - Especialista, com toda certeza, pré-socrático. Então dessas discussões trouxeram o padre Vaz, Henrique Lima Vaz, alguns seminários lá na UNE, até na UNE, uma série de...

D.P. - Lembra mais os nomes desse grupo, essa tentativa de formar esse partido.

R.C. - São os nomes que eu lembro: Cesar Guimarães vai lembrar, Arnaldo Jabor deve lembrar, Cacá Diegues vai lembrar, o Sílvio, como é, Sílvio Gomes de Almeida vai lembrar.

L.O. - Várias dessas pessoas, por exemplo, o Sílvio está não sei em que altura entrando na AP...

R.C. - É depois disso. Rachou essa...

D.P. - Isso tudo é 61 ainda?

R.C. - É, isso é pré AP.

L.O. - Porque Ana Maria Moscovitch é AP, Sílvio é AP, eu conheço esse lado.

R.C. - Exatamente, é pré AP.

D.P. - E você com 18 anos? 17 para 18?

R.C. - É, 17 para 18. E aí... era muito jovem tudo, muita gente jovem aí. E aí racha, tem uma discussão séria, e alguns de nós disse: “isso aí é uma palhaçada, os únicos realmente que estão a fim de alguma coisa séria são os comunistas.” Então entre nós que chegaram a essa conclusão estava o Ailton, o Alcir, os dois irmãos, o Ailton que veio a morrer cedo de câncer, eu acho, o Alcir depois também morreu, marido da Flora. A Flora era de direita!

L.O. - A essa altura.

R.C. - Não era, tadinha, mas a gente achava que ela era de direita porque ela era católica, e era bem de direita, uma turminha de direita, isso já era no FNFi. O fato é que a gente racha e

começa... Se não dá, esse negócio é uma palhaçada, e aí um rapaz chamado Antônio Carlos Peixoto, ele nos chama e diz assim: “tem um convite aí para ir a Cuba, está afim?” isso foi 61. “Porra, sensacional e tal”. Aí eu fui representando o movimento estudantil secundarista, num movimento do Antônio Carlos para nos recrutar, a mim e ao Ailton, o Alcir era garoto ainda, um pouco mais jovem. Então, eu fui a Cuba em 61, final do ano, assisti a chegada daqueles batalhões do pessoal dos alfabetizadores, usavam lápis.

D.P. - E você vai como, você tinha legalmente ou... passaporte?

R.C. - O Antônio Carlos...

D.P. - Ele resolveu tudo.

R.C. - É, o Antônio Carlos organizou, o partido organizou.

D.P. - Organizou tudo, rápido, claro, competente nesse momento.

R.C. - E aí foi o Caio Fábio... Caio Graco da Brasiliense, tinha uma turma lá. Começaram a organizar aquelas viagens para conhecer Cuba. Em Cuba ficamos maravilhados com a evolução e tal. Já estava nesse processo aí e lá em Cuba eu falei: é isso mesmo, vou entrar no Partido Comunista.

D.P. - Apesar de não ser nada novo, mas diante da nova esquerda ser aquele fiasco, vai na velha esquerda mesmo, não é?

R.C. - Então alguns de nós passou para o Partidão e outros foram formar a AP. A AP acho que foi de fato esse grupo e a turma de Belo Horizonte, onde estava o Betinho, o eixo que forma a AP, e com o padre Henrique Lima Vaz como sendo um pouco filósofo, um ideólogo de qualidade, um filósofo, de fato, que nunca foi ideólogo ele era filósofo. Comentava as coisas da história, o pensamento histórico na teologia e tal. E o Shaul achava o padre Vaz muito bom, mas é católico, essa coisa sistemática, botar tudo dentro. A igreja realmente católica universal tudo tem que se encaixar em algum lugar, no pensamento.

D.P. - Igreja Católica Apostólica Romana, direito romano que guia isso tudo...

R.C. – Então, teve [Eliano]*4, muito forte, e o Shaul não gostava dessa história muito. Então é isso e aí...

D.P. - Quando você entra... e esse pessoal, os teólogos ficam abismados com essa... não acompanharam?

R.C. - Na igreja do pessoal protestante é um evento assim um pouco, a minha necessidade de entrar... pequeno evento, não chega a ser um grande evento, mas foi uma coisa que foi conversado, foi discutido, foi tema de discussão, com o Shaw sobretudo e a gente ia a encontros

e tal e que a gente, eu insistia que realmente... eu insistia não tanto na verdade do marxismo, mas quanto no aspecto da eficiência do marxismo. Você olha quem realmente está querendo fazer as coisas na prática realmente, a diferença entre os comunistas e essa turma da esquerda católica, protestante é muito grande. Era meu argumento. E o Shaul reconhecía isso e respeitava. Então não foi chocante, foi uma coisa que eles respeitaram, assimilaram. De modo que alguns de nós... Acho que do pessoal protestante só eu entrei no Partidão, mas um bom número dialogava com esse tipo... Uma pessoa que fazia parte dessa história era o Claudios Checon, era metodista, ele era dessa turma do Shaul, essa turma aí. Então foi assim. A essa altura eu estava chegando na universidade, terminando o secundário, então em 62 eu faço vestibular para história. E na época tinha aquela frase do Marx “a única ciência é a ciência da história, tudo é história, inclusive a natureza é história”, a natureza apropriada pelo ser humano, transformada pela cultura é história também, então não existe nada que não seja história. Então, porra, isso aí a gente repetia. Eu tenho que estudar *história*, e aí eu fui estudar história. E no pré-vestibular da FMFI fiz o vestibular na FMFI e aí fiz o pré. E no pré tinha uma turma que ficava recrutando os melhores alunos para o Partidão. E tinha alguns professores que eram excelentes do Partidão, o Partidão dirigia o pré-vestibular da FMFI. Tem alguns professores que eu lembro, um era o Antônio Carlos.

D.P. - Peixoto?

R.C. - Peixoto. Que é uma das pessoas que tem a maior memória, é um fenômeno de memória, ele sabe tudo, aqueles detalhes, como é mesmo aquela disputa em Burma... o companheiro tal e tal, sabia tudo de Burma. Como esse cara sabe tanta coisa! O Pedro Celso Uchoa Cavalcanti Neto, professor.

L.O. - Já eram professor?

R.C. - Não, eles eram alunos, mas professores do pré. O Pedro, digamos assim, era uma liderança grande, do ponto de vista da inteligência, do raciocínio, as tiradas, ajudar as pessoas a pensarem e tal, e tinha um professor de geografia que eu esqueci o nome que era maravilhoso, um cara enorme, grandão, forte que era muito bom realmente. Ele ensinava geografia, você ficava gostando de geografia, entendendo tudo através da geografia, muito legal. Então era um *bom curso* de pré-vestibular, totalmente marxista. Então quem queria entrar na faculdade pelo pré-vestibular da universidade nas ciências humanas tinha uma boa chance de ser recrutado se tivesse afim. Era clandestino nessa altura, não era legal, mas era um caminho para entrar no Partidão. Eu vinha com essa história paralela, teve a coisa de Cuba, entro no pré-vestibular, eu

já estou meio que pré-recrutado, de fato fui recrutado em Cuba pelo Antônio Carlos, estava lá o Ailton também, estava nós dois. Eu e o Ailton caminhando em Havana, “vamos entrar, não vamos entrar... tem que entrar, pô.” Tipo assim, vamos dar, não vamos dar...

L.O. - Decisão grave da época...

D.P. - Você ficou quanto tempo em Cuba, uma semana?

R.C. - Um mês.

D.P. - Um mês! Chegaram a ver Fidel Castro, alguma manifestação?

R.C. - Ah, sim, ao lado dele, Che Guevara...

L.O. - No início...

R.C. - Debate... uma salinha, ele todo charmoso e tal.

D.P. - Era ver o Deus, não é?

R.C. - É. E o Fidel, naquela praça de Havana, gente pra dar com o pau, horizonte. E quando começa a coisa, primeiro houve uma parada militar, naturalmente, primeiro a parada dos alfabetizadores que usavam um lápis como se fosse um fuzil, desfilando. Depois vem a parada militar e aí a população começa a correr para chegar mais perto do palanque, a gente ao lado do palanque, e aí começa aquela correria, os tanques ainda se locomovendo, e Fidel pega o microfone e manda os tanques pararem para não ter um acidente. Então os tanques param, a população entra e se mistura com os tanques. E aí o Fidel começa o discurso dele: “Não são tanques contra pueblo, e sim pueblo com tanques” “ahhh”, meia hora de palmas. E aí fala horas, aquela coisa, a gente ali...

L.O. - Maravilhados.

R.C. - Anos mais tarde encontrei uma menina na Polônia, estava lá por acaso no mesmo palanque, e a gente se lembrou, começamos a comparar e ela me dizia: “que horror foi aquilo, fiquei com tanto medo daquela... eu me lembrei do nazismo, minha memória, coisa terrível aquela...”. Então dependia dos olhares.

L.O. - Mas aí...

*1 *2 *3 *4 *5: mais próximo do que foi possível ouvir.

[FIM DO ARQUIVO I]

L.O. - Nós estávamos você contando como tinha ficado encantado com a eficiência organizativa...

R.C. - Ciência prática, razão prática.

L.O. - E isso junto com a viagem a Cuba tinham feito a sua conversão pela mão de Antônio Carlos Peixoto.

R.C. - Isso aí. Uma mão de mãe, de sabedoria.

L.O. - De sabedoria. E aí você a partir desse pré-vestibular entra então na história da FNFi.

R.C. - Isso. Na história são meus colegas o Joel Rufino dos Santos, o Elio Gaspari, o Maurício Martins de Melo, Pedro Celso era uns dois anos à frente, uma coisa assim, Luiz Sergio que também era uns dois anos à frente.

D.P. - Sergio Talepur?

R.C. - O Sergio que gosta de artesanato, historiador e gosta de artesanato, esqueci agora o sobrenome, uma grande figura, um rapaz magro, bonito, elegante assim, que sabia muito história e também, todo mundo do Partidão, mas tinha uma certa sabedoria para além do Partidão, o seu jeito de ser. No fundo todo mundo era um pouco além do Partidão, Joel também. Então a história, de fato, era a faculdade mais forte, eram duas faculdades mais forte, era a história e a física. Na física tinha um grupo que depois veio a ser importante aí no Centro Brasileiro de Física, que era da faculdade que era do Partidão. Roberto Passos Guimarães que conhece a Albinha aí, na base, se namoraram e se casaram. O Partidão tinha aí, na FNFi tinha uma base... nas reuniões do Partidão iam mais de cem pessoas.

D.P. - As reuniões eram assembleias, quase.

R.C. - É, eram assembleias mesmo.

D.P. - Vocês faziam reuniões assim juntos, cem pessoas?

R.C. - A gente se reunia, era clandestino, era ilegal, a gente se reunia ali no Marquês Gerval, no prédio onde tem aquela livraria francesa, na Rio Branco, subterrâneo...

D.P. - Leonardo da Vinci?

R.C. - Você desce, lá embaixo tem a Leonardo, é. E era, se não me engano, no 16º andar, lá em cima. Chegava lá era uma sala com mezanino, enchia mezanino, sala embaixo, todo mundo fumando, planejando a revolução dentro da FNFi.

L.O. - E o grupo da história nova?

R.C. - Isso é depois.

D.P. - Você acabou de entrar, estudante...

L.O. - Entrou no Partido, entrou na faculdade.

D.P. - Pré 64, é 62, não é?

R.C. - 62. Então, na faculdade que a gente entra tem um debate ideológico profundo, entre a turma do Partidão, que era uma turma forte, muita gente muito intelectualizada assim, e a turma católica. Na turma católica, a Flora era uma das figuras da galera católica, e aquele rapaz que foi para a USP, Ricardo, um sociólogo importante que fez carreira como sociólogo. Então tinha uma turma... um rapaz de barba que namorava a Flora. Ele sim era de direita. Acho que nunca deixou de ser. A gente dizia, a turma da direita, que eram os católicos e a turma da esquerda que eram os comunistas. A AP não tinha surgido ainda, estava surgindo. E a turma da FNFi católica era mais anticomunista. Então a gente, logo no primeiro ano, a gente tem uma disputa para o diretório acadêmico, que a disputa era entre a turma do Partidão e a turma católica.

D.P. - Quando você diz católica, já era o pessoal de AP?

R.C. - Pré-AP. Estava sendo formado. Justamente, essa turma, não era muito...

D.P. - Mas era de esquerda... esses católicos eram...

R.C. - Não sei. A gente chamava de direita.

L.O. - A luta ali era do outro lado, então...

D.P. - Os inimigos imediatos.

R.C. - E tinha então, no Partidão estava essa turma que eu mencionei aí, estava o Elio Gaspari, Pedrão, Joel, essa turma aí.

L.O. - Uma turma forte.

R.C. - E aí eu saio como candidato a vice para o centro acadêmico no primeiro ano, o presidente era o Enylton Sá Rego que era da filosofia, era Ampliação, era o partido, e o Jair que era da biologia. Campanha eleitoral, que era uma campanha muito animada, cheia de coisa, era uma política impressionante, muito forte na FNFi, e a gente ganhou, ganhou da direita que estava no poder, e a gente conseguiu ganhar no voto esse ano, 62.

D.P. - O curso era a noite?

R.C. - Não, de dia.

L.O. - Passava o dia inteiro...

R.C. - Passava o dia militando.

L.O. - Era a vida.

R.C. - Não era só a vida, era o mundo.

D.P. - E a sobrevivência, você fazia o que, dava aula?

R.C. - Não. Nessa altura eu ainda recebia um dinheirinho de casa, papai, mamãe me davam um dinheirinho para poder...

D.P. - Você morava aqui, já?

R.C. - Antes de vir, fui morar na Lapa, fui morar ali na rua Taylor. Morava mal pra chuchu, mas era o que dava para pagar, com dinheirinho. Tinha um dinheirinho do *Metropolitano* e tal, mas não dava para viver, era uma micharia. Então eu já estava morando no Rio.

D.P. - Aí vocês ganham o diretório...?

R.C. - O diretório, e a luta era contra o diretor que era um diretor de direita, Eremildo.

D.P. - Figura.

R.C. - Figura que o Elio Gaspari celebrizou “Eremildo, o idiota”, personagem do Elio. E aí o Eremildo luta com a gente, então tem uma luta política dentro da FNFi, tinha a Maria Ieda, que era da história também, que era uma personagem forte, tinha alguns professores de física, sociologia. Essa discussão também na faculdade de letras tinha expressão. Então tinha essa discussão toda na FNFi, um ambiente de muita polêmica e em 62, se não me falha a memória, você tem o cerco a Cuba, a crise dos mísseis em Cuba. E o Kennedy então cerca Cuba, e aí Cuba está cercada e ameaçada pela invasão americana. Aí a gente toma a faculdade... ah, tinha uma pessoa que era fantástica, Wilson Barbosa, negão, inteligentíssimo, uma fera em história também, historiador, muito forte, um temperamento muito abrasivo, e aí a gente disse: “vamos ocupar e só saímos daqui quando liberarem Cuba”. Relação direta, conexão imediata entre FNFi e Cuba, estamos aqui...

D.P. - Tremendo nas bases, com medo de vocês.

R.C. - E aí a polícia cerca a faculdade, aí configura o cerco. Estamos cercados, assim como Cuba está cercada, a gente dormindo lá, aquela coisa, e a polícia lá todo dia pressionando. Um líder forte nesse momento, mais do que o Pedro Celso, é o Wilson. O Wilson é mais do gênero confronto, Pedro Celso mais cabeça, estratégia. O Wilson é mais confronto. O Wilson gostava de servir o exército, ele aprendia as artes militares que um dia seria útil. Então nesse confronto, a polícia batendo ali na porta, pressionando, e os portões da FNFi, os portões ali na Antônio Carlos, ao lado da Aliança Francesa, eram portões de ferro, pesados, grandes, e ficava aquela coisa, a polícia empurrando de um lado, tentando entrar e jogando, batendo e a gente do lado de dentro empurrando para não deixar entrar, aquela correria. E *algumas pessoas ficavam do lado de fora*, encarando a polícia do lado de fora. Entre elas, aquele professor de geografia que

era um cara grandão, tinha um outro cara grande também que se destacava e um que não era nada grande, mas sempre foi de uma coragem física impressionante que era o Elio Gaspari. Eu aos berros, que nunca fui muito corajoso, aos berros do lado de dentro: “entra, entra, entra”. E eles eram os últimos a entrarem, até o último minuto de sopapo com a polícia, apanhando, aquela coisa. Eu ficava muito impressionado, sobretudo com... porque os outros dois eram grandões, mas o Elio era alto, mas era magro, e o gosto que ele tinha de ficar do lado de fora trocando sopapo com a polícia.

D.P. - História ao vivo é isso aí. [risos].

R.C. - E eu me lembro, estou falando de Cuba e tal porque me lembro de um discurso do Wilson lá na plenário, no salão nobre, ele fazendo daqui como se fosse uma metáfora de Cuba e do mundo. Aqui estamos lutando do mesmo modo que eles estão lutando lá, é uma luta universal e tal. Essa noção de que você estava participando de alguma coisa que era global, que era realmente a organização, que era a revolução, era muito vivida ali. E tinha um lado intelectual forte que era a faculdade de história fazia uma revista chamada *Boletim de história* que era um livro, tipo um anuário, feito pelos estudantes e que era da melhor qualidade. A gente ficava traduzindo e publicando texto da historiografia moderna. Porque a historiografia que predominava na faculdade era daquelas coisas, realmente, lamentável, Hélio Viana, vocês já ouviram falar? Hélio Viana era o seguinte, eram páginas, do livro dele, sobre o Tratado de Tordesilhas, todos os acidentes geográficos por onde passava a linha imaginária de Tordesilhas, identificar isso um a um; ele tentava me sacanear e a gente se preparando para a prova do Hélio Viana, eu, o Joel, e o Maurício, vai cair esta merda do Tratado de Tordesilhas, que era um troço único, um livro, professor... essa porra vai cair, ficava horas decorando todos os acidentes... aí na prova oral ele me perguntou isso, e eu disse para ele tudinho, de memória. Ele ficou estareceu, ele não esperava, me deu oito. Então era um grupo forte porque a gente participava junto com a Maria Ieda, que era a professora que era nossa aliada, de esforço da renovação da historiografia, de pensar a historiografia, as novas correntes da história, a coisa do relativismo histórico.

D.P. - Manoel Maurício era professor de lá?

R.C. - Manoel Maurício era professor de lá, mas ele ainda era bem conservador. Ele era assistente do Hélio Viana. Então o Manoel Maurício era muito condicionado pelo Hélio Viana, quem mandava era o Hélio. Então o Manoel Maurício, eu lembro da aula dele... agora “curiosidade”, ele dizia, dava aula, aquela coisa bem careta. “Curiosidade”, aí ele começava

divagar sobre aspectos bem interessantes da história, a gente gostava, ficava esperando o momento das curiosidades. Ele dividia, agora vamos falar de curiosidades, aí divagava sobre a história que aí era legal. Depois do golpe é que eu acho que ele se esquerdizou mais, se aproximou de uma coisa mais moderna e se livrou do Hélio Viana. Mas então essa faculdade de história, tinha esse *Boletim de história*, não sei se vocês tem isso aqui, vale a pena recuperar, são vários volumes que foram publicados, de qualidade, coisa bem feita, todo feito por estudantes. E nessa altura a gente tinha lá, começa um debate [sobre jus]*¹, para onde vai a história mundial e o debate se organizava entre as duas principais correntes de pensamento da época, que era Kruchoy de um lado e Mao Tsé Tung do outro. Então o debate China - União Soviética. E a gente é tomado por esse debate dentro da base. Tinha uma menina chamada Aninha, uma baixinha, casada com o Manoel. E Aninha, tinhosa, ela ia para as reuniões com um dicionário filosófico [Esdanavi Iudin]*² uma coisa assim, filosofia soviética, para discutir lá, fazer o debate e Aninha e Manoel eram mais do lado Mao Tsé Tung. Então tinha uma corrente chinesa, tinha uma corrente soviética. E eu, Pedrão, Maurício e o Elio Gaspari, mais uns poucos, ficávamos entre os dois e éramos da corrente italiana. O Elio nessa altura já trabalhava no jornal *Novos Rumos* [inaudível], com a turma que era meio italiana também, do jornal. Então a gente era revisionista, um pouco, essa turminha da Itália. E ficava essa polaridade entre os chineses e os soviéticos. Um debate que foi *rachando* a base, literalmente rachando. Enquanto a gente está nessa coisa, o Nelson Werneck Sodré manda um recado para a base, ele era do Partidão: “olha, recebi uma encomenda, escrever uma coleção de história do Ministério da Educação, um livro *Coleção de História*, para professores de História do Brasil, para ele dar uma reorientada na história que é ensinada nas escolas. Eu preciso de alguns assistentes, então eu gostaria de oferecer um curso para os estudantes aí da base”, e veio selecionar alguns para ser assistente nesse trabalho que vai exigir muito esforço, muita rapidez que é uma coisa que tem que ser produzida rapidamente, importante, para reorientar a história que se ensina no país, tal, tal, aí a gente vai. Ele estava no Iseb na época e a gente vai fazer o curso lá do Nelson, ele dá um cursinho lá e aí faz umas provas, são cinco selecionados, entre eles então: Pedro Celso, Maurício, Pedro... Pedrinho que a gente chamava, eu, Joel Rufino, cinco. É Maurício Martins de Melo, que depois se interessou mais por arte. Então nós cinco é que fomos ser escolhidos, trabalhar com o Sodré na história nova. E aí, isso provocou uma indignação lá do lado dos chineses da base porque, “está na hora da revolução, vocês vão escrever história, que absurdo...”, e a gente achando o máximo, aquela coisa de ser assistente,

somos estudantes ainda, já escolhido para escrever livro, achando muito bacana e os chineses esculhambando. E Manoelzinho tem uma conversa comigo, a gente era amigo: “Rubem, infelizmente, vou te dizer, com essa decisão acho que eu vou ser obrigado a te matar. No momento que a gente se encontrar na barricada, vou ser obrigado...” “Porra, Manoel, para com isso...”. Era visto como o cúmulo da traição à revolução... Aí a gente em resposta cria um grupo, uma facção dentro do partido, a gente chama de “Alegria de estudar pede passagem”, então formamos uma facção chamada “Alegria de estudar” e aí essa decisão de estudar, isso foi em 63, foi vista dentro do debate da base como uma opção séria, e aí teve que ser justificada teoricamente um estudo. Porque diziam os chineses que a teoria está feita, então o problema era aplicar a teoria, e aplicar é uma coisa de estudo, de saber fazer, uma coisa de fazer direito, estudar, porra, você vai aplicar a teoria. E aí o Pedro Celso escreveu um artigo sobre a “Particularização do pensamento”, se não me engano publicou no *Boletim de História*. O seguinte, as teses são genéricas, mas cada situação é *histórica*, portanto, exige uma particularização das ideias gerais. Essas ideias gerais nunca se apresentam na sua generalidade, sempre na sua particularidade, posição histórica. Então não existe teoria feita, a teoria te permite estudar o concreto que é a história. Aí foi, puta filosofia, discutindo, publicada, o pessoal com argumento para lá, para cá, dicionário, quem é que estava com a razão, se devia estudar ou não. De fato, foi nesse ambiente de discussão, que a gente começou a estudar para fazer a história nova lá no Iseb.

L.O. - Chegou a publicar algum dos livros?

R.C. - Sim. Ainda antes do golpe a gente publicou seis volumes.

L.O. - Civilização Brasileira que publicava?

R.C. - Não. Foi publicado pelo Ministério da Educação. Eram pequenos assim, para botar no bolso do professor, tinha um símbolo bem burocrático do ministério, cada volume tinha uma cor para diferenciar. Dividia a história do Brasil, e a gente avançou. A gente escrevia a primeira versão, depois o Sodré redigia. Sodré redigia com uma agilidade impressionante. Impressionante como ele ficava... e a gente alimentava o Sodré com os originais, com os fatos, quando pedia outra coisa, a gente ficava ali dando materiais e ele redigindo. Depois a gente discutia. Era que nem reunião do Partidão, então a gente discutia como companheiro... Eu não tinha coragem de criticar o Sodré nem o Pedro Celso. O único que tinha coragem era o Pedrinho. O Pedrinho ousava em dizer que o Nelson Werneck Sodré estava errado em alguma coisa. Aí ficava todo mundo... caraca, esse cara não tem simancômetro, falta simancômetro no

Pedrinho. E o Sodré aguentando aquelas críticas bem juvenis, mas o fato é que a gente trabalhava junto mesmo.

D.P. - Você escreveu qual parte?

R.C. - Escrevi dois, escrevi o Independência do Brasil, que a gente chamou *Independência de 1822*, para não chamar Independência do Brasil, e *Floriano Peixoto*, que era progressista e tal, nacionalista. Então cada um pegava um pedaço e depois o Sodré... Então a gente chegou a publicar seis, e depois do golpe a Brasiliense publicou a coleção completa, eram 12. E esses seis chegaram a ser distribuídos no Brasil inteiro para os professores e deu a maior confusão, foi queimado em praça pública...

L.O. - A prova concreta que o Partido Comunista estava tomando o poder... inclusive...

R.C. - Por exemplo, o capítulo sobre o Caxias era “Caxias, o pacificador”, a gente botou o título “Caxias, o repressor”. E cada volume tinha uma introdução que criticava a literatura didática distribuída nas escolas. E um dos, claro, que foram objeto sempre, todo volume tinha que ter um capítulo dedicado ao Hélio Viana, umas páginas de crítica ao Hélio Viana, aquele professor que a gente considerava realmente o suprassumo do pensamento arcaico. Então a história nova teve impacto de opinião muito grande. E essa história do “Caxias, o repressor”, os militares acharam isso realmente o suprassumo do absurdo. Então eles perseguiram... a história nova entrou na lista das publicações comunistas, da época, acho que muito por causa das coisas dos militares, os militares não gostaram nada da maneira como eles eram apresentados.

D.P. - Aí, o golpe de 64, você está na faculdade...?

R.C. - Na faculdade, aí tem aquela coisa da... como é... comissão...

D.P. - CPI, Comissão Parlamentar de Inquérito.

R.C. - Não, não é parlamentar.

D.P. - IPM, Inquérito Policial Militar.

R.C. - Isso.

D.P. - CPI é atualmente.

R.C. - CPI é agora. IPM. Os IPM foram então que os militares usaram para estar investigando as pessoas, eventualmente levando a prisão, tortura, já em 64, 65. Então eu entrei em três IPMs, passei por essas coisas, fui sabatinado...

D.P. - Você foi chamado...

R.C. - Não fui preso, fui chamado para IPM. Então eu fui pelo IPM da história nova, um ou outro da FNFi, que foi objeto de IPM e outro da UNE, pela proximidade com a UNE. Então

nessa época aí, 64, 65, você teve essa correria de pessoal estar se escondendo, aquele desassossego, então a faculdade fechada, praticamente. A nossa turma toda sem poder estudar, expulso e tal, e aí em 64 eu paro de ir a faculdade, então eu não me formei.

D.P. - Você não se formou?

R.C. – É, não cheguei a me formar porque tinha essa situação.

D.P. - E o dia do golpe, você estava aonde?

R.C. - Estava com a turminha do Sodré. A gente estava lá no história nova escrevendo, trabalhando lá direto. Quando vem o golpe a gente foi para a *Rádio Nacional* para ajudar a redigir as falas da *Rádio Nacional*, então não vou para a faculdade, vou para a *Rádio Nacional* junto com o Sodré. Era o Dias Gomes que era o diretor e a gente ficava lá acompanhando os dias do golpe da *Rádio Nacional*, meio que redigindo coisas que as pessoas falavam, supostamente... inventando, ninguém sabia...

D.P. - Como se fossem manifestos?

R.C. - Não... não tinha... da guerra, do confronto, da revolução. A gente não tinha noção do que...

D.P. - Achando que ia deter o golpe, não é?

R.C. - Estava no confronto, estava na luta.

D.P. - Com chance de ganhar, achando.

R.C. – Achando que sim, mas logo, logo foi ficando claro... tinha o Brizola lá no sul, a esperança era o Brizola. Eu lembro da gente na janela assim, com o telefone, não tinha celular naquela época, puxando o fio, para tentar falar com São Paulo para saber notícias de São Paulo, Minas, para ter notícias de Minas para poder falar na *Rádio Nacional*, alguma coisa que estava se passando nos estados, porque não tinha comunicação capaz de dar conta disso. E tinha o Brizola, do Brizola se ouvia, se transmitia as falas dele lá no sul, resistindo e tal, foi quem mais resistiu. Então eu acompanhei na *Rádio Nacional* até que veio a orientação, sai correndo todo mundo que o exército está chegando, vão prender todo mundo que está aqui na rádio. Aí a gente saiu correndo pelas escadas e fomos... Eu e Maurício estávamos ganhando um dinheirinho no Iseb por conta da história nova, a gente alugou um apartamentinho no Jardim Botânico muito maneiro. Aí foi todo mundo para nosso apartamento, “ninguém conhece o apartamento de vocês, vamos dormir lá.” Sodré foi para lá, todo mundo foi para lá para ficar com a gente se escondendo. Mas aí o exército tomou o Iseb e aí o nosso contrato... a gente esqueceu o contrato dentro da gaveta. Aí, vão ver... Largamos o apartamento, cada um foi para

um lado se escondendo. O Ênio Silveira também era muito próximo do Sodré, dessa turma do Sodré, teve umas reuniões lá com o pessoal do Ênio. Por conta dessa coisa do Sodré eu me afastei da turma mais da faculdade, da militância.

D.P. - Esse apartamento vocês deixaram?

R.C. - Largamos, nunca mais voltamos lá, morto de medo, porque o exército prende e...

D.P. - Estava com o contrato.

R.C. - Estava com o contrato dentro do Iseb, o exército foi lá, levou tudo, porra, esse apartamento dançou. A gente tinha feito os móveis nós mesmos, aquela coisa bem curtida, sabe, primeiro apartamento, garoto. E aí meu pai que não tinha nada a ver com essa história, não admitia deixar os móveis todos, papai foi lá, pegou a chave e levou os móveis, as coisas nossas. E eu fiquei muito impressionado com a coragem de papai, por que... Sodré, Ênio Silveira, ninguém tinha coragem de ir lá no apartamentinho. E foi meu pai que não tinha nada a ver, veio de Niterói para... ele achava um absurdo ficar... Aí eu fui me esconder na casa de Jovelino Ramos, em Santa Teresa, aquele do estudo bíblico, que havia se casado com a Maira, que era uma missionária muito legal, também fazia estudos bíblicos. Santa Teresa tem uma coisa que tem um trezinho assim, um bondinho, você deve conhecer, eles moravam numa vila que você sobe de trezinho. Aí ficamos lá escondidos uns dias, aí chega o Jovelino um dia e diz: “o cerco está apertando”. “Por quê?” “Porque a polícia está entrando na vila indo de casa em casa.” Aí descobriram que na vila ali era uma base do Partidão, em Santa Teresa, então a gente estava no lugar errado. Aí descemos o Maurício e eu, falando francês, eu tinha estudado francês na época, para disfarçar, aí passamos pela polícia falando francês, evidentemente não estavam nos procurando, aí pegamos um bonde, descemos a Lapa falando francês, chegamos na Lapa, descemos, pegamos um ônibus para Copacabana falando francês, não conseguia parar de falar francês, com medo de nos descobrirem. [risos]. Aí fui para a casa do Claudio Checon, ficamos lá uns dias, depois fui para um lugar lá...

D.P. - A mulher do Cláudio é sua prima?

R.C.- Ela tem algum parentesco.

D.P. - Parentesco com você, não é, a Ju?

R.C.- É, a Ju.

D.P. - Aí você ficou na casa do Cláudio um tempo?

R.C. - Fiquei na casa uma semana, uma coisa assim. Depois arrumei um lugar. Aí, meu avô, aquele pastor severo, mandou me chamar e disse: “olha, eu conheço essa estrada como

ninguém”. Meu avô não gostava de igreja, era pastor, mas achava a igreja uma politicagem, um negócio horroroso. Então ele preferia distribuir novos testamentos pelas ruas. Desse cara que vai com o terno preto, com a bolsa cheia de novo testamento, vai de casa em casa, entra no bar e pega na mão: “satanás, larga”. Não sei o quê. Vovô era assim, mais do corpo a corpo. [risos].

D.P. - Seu vovô paterno?

R.C. - Vovô Materno. Paterno era aquela coisa de carro de boi, cavalo, farmacêutico. Vovô materno... Aí ele diz: “Você vem comigo, nunca mais vão te achar. Eu te dou proteção.” Aí eu falei: “Vovô, muito obrigado. Não quero não”. Aquela era uma vida muito dura, andar pelas estradas. Aí eu fiquei na fazenda um tempo me escondendo. A gente, todos nós nos escondendo. O Pedro Celso e o Joel entraram na Embaixada da Bolívia, acho que o Paulo Alberto também. Uma correria para as Embaixadas em 64, não é? Para se esconder nas Embaixadas e sair pelas Embaixadas. Ficaram um tempo lá na Bolívia, em La Paz, e nesse período o Joel e o Pedro funcionaram como treinadores de boxe. Não sabiam nada de boxe, arrumaram uma piração lá. Sacanagem, tudo molecagem deles. Depois foram pro Chile, aí no Chile ficaram um tempo. Aí foram pro Chile o Serra, o pessoal. E lá dentro do Chile o Pedro Celso conseguiu uma bolsa na Polônia e a Polônia era para nós importante porque, entre os países comunistas, a gente era à favor dos italianos, o [Petit]*³, O Gramsci, aquelas histórias, o Togliatti, o Grieco, mas aí eram a referência. Dos países comunistas, onde havia um pensamento aberto era a Polônia.

L.O. - Que bom saber isso, porque eu falei assim: “Que decisão de exílio tendo a Polônia como destino. O que é que é isto!”

R.C. – A gente publicou no *Boletim de história*, aquele, a gente tinha publicado. O Adam Schaff, vários trabalhos do Adam Schaff, que a gente achava o máximo traduzir o Adam ? e tal, do francês, não é? A gente gostava de filmes do Wajda, o Polanski. A gente tinha uma “cinemacoteca”... como é que chama?

L.O. – Cinemateca.

R.C. – Cinemateca na FNFi, no diretório, e a gente gostava muito dos filmes dos países socialistas, mas não eram aqueles soviéticos logo depois dos anos 20 tal, não eram filmes poloneses. O cinema polonês a gente curtiu muito nessa época, mostrando na faculdade, a gente tinha discussões: Wajda, “na Água”, “Canal”. Vários filmes, assim, muito legais e que eram um diferencial, e então, aí na filosofia tinha um historiador [Victor Cullen]*⁴, que a gente

publicava também no Boletim de História que era um historiador importante. Então era assim, a Polônia tinha uma produção cultural dos países socialistas que era diferenciada e que tinha a ver com o momento Outubro Polonês 56 que deixou um espaço aberto para a cultura e foi muito forte. Então a nossa referência no mapa do socialismo, o lugar que tinha mais abertura, mais pensamento era a Polônia. Aí o Pedro, também a mulher dele, a Norma, uma grande figura, a Norma. Quando o Pedro viaja, a Norma fica livre do Pedro, e aí, eu era mais novo e eu e Norma, Norma meio que me levando e aí a gente curtiu demais em 64, 65, escondido, mas curtindo, foi o período de Zicartola, não é? A coisa da música, muito legal, muito forte. E a Norma tinha uma amizade com esse pessoal. Então no apartamento dela em Copacabana... a Norma tinha dinheiro, tinha um apartamento bacana em Copacabana, grande. O pessoal se reunia lá ficava tocando samba, essas coisas, e então eu fiquei muito amigo da Norma nesse período. O Pedro já no exílio.

D.P. - Você escondido, clandestino, mas curtindo a vida?

R.C. – Escondido, mas curtindo Zicartola. E aí a Norma estava separada do Pedro. Gostou da liberdade, gostou de estar sozinha, não sei o quê, de curtir. Depois veio a ter um caso, viveu com um cara, mas não tinha ninguém na história. Era mais a liberdade mesmo, a atividade, era mais se descobrindo também nesse período. E outra é a Regina que era... eu não devia estar falando essa história do pessoal. Mas então, a Regina que era mulher do Ivan. Ivan Pinheiro, que era do Partidão e estava lá na Polônia também, e então era uma turminha assim de mulheres de exilados próximos do Partidão que os maridos vão embora e as mulheres ficam mais contentes aqui, mais livres e começam a fazer sua história. A Regina tendo um caso com a Eunice, e aí as duas se apaixonam e tal e têm uma relação forte, e a Norma não, a Norma não tem ninguém, mas também ganha a liberdade assim e tal. E eu com elas. Então aí o Pedro escreve dizendo: “Consegui uma bolsa com Adam Schaff, para estudar com Adam Schaff. Puta merda esse que é um cara de sorte, não é? Do Chile ele vai para a Polônia. Aí da Polônia ele manda um recado: “Consegue aí um jeito de vir para cá que eu consigo um espaço pra você com Adam Schaff também, para ser assistente do Schaff”. Aí eu: “Pô, eu nem me formei...” “Faz mal não, o Schaff resolve, ele manda” [risos]. Aí eu vou, consigo, aí vou por São Paulo, faço a documentação em São Paulo. Naquele tempo não tinha internet, não é? São Paulo fazia, Rio não tinha nem ideia de segurança. Fiz toda a minha documentação como se fosse paulista, e o pessoal do partido ajudando e saí por São Paulo.

D.P. - E a passagem? E a família ajudou? O partido não deu dinheiro, foi a família?

R.C. - Não, partido deu só o caminho. E aí, consegui o visto lá em Paris, não tinha como conseguir aqui. O visto fora do passaporte para não manchar o passaporte, uma folha de papel.

D.P. - O partido tinha uma base lá em Paris, não é? Para rever essas coisas de passaporte. Várias histórias assim, incríveis.

R.C. - E eu chego em Paris doido para ir para a Polônia. Imagina, estou indo “nas asas da Panair”. Rio, algum aeroporto do nordeste, de lá pra Dakar, de Dakar para Paris. Aquele avião de [inaudível]. E eu chego em Paris e eu não quero saber de Paris, eu quero ir para a Polônia. Aquela coisa da cabeça [inaudível], garoto, não é?

D.P. - Sua primeira viagem para o exterior?

R.C. - Minha primeira viagem. Isso em 65, não é? E eu chego em 1º de maio em Paris: “Poxa, vai ser legal chegar em Paris em 1º de maio. O pessoal lá, os trabalhadores, *Humanité*...” Chego lá é um deserto lá. Tudo vazio, ninguém na rua. Não tem nada, eu vou para casa do Belda, Rogério Belda, que era da turminha do *Metropolitano*. Ele era da turma do Aílton e AP.

L.O. - Ele casado com a Tereza, Tereza Belda, que é filha do Martins Rodrigues, deputado.

R.C. - E o Belda era um cara muito legal. Ele tinha uma cabeça mais das exatas no meio da gente, engenheiro. Então ele tinha um jeito diferente de abordar as coisas, tinha muito bom humor, tinha um bom desenho. Ele era humorista de desenhos, charges e tal. O Belda me serve um coelho como se fosse galinha. Meu primeiro coelho, ele mesmo cozinha e tal, ele morava no subúrbio. Mas eu vou rapidinho para Polônia, quero mesmo é ir para a Polônia, vou de trem, uma viagem longa, curtindo, passando pela história. A história que a gente conhecia, que a gente adorava, a história realmente a única ciência, era a história da Europa, não é? O resto não tem história. História é a Europa: História antiga, Idade Média, Idade Moderna, Idade Contemporânea, revolução, Revolução Industrial... é tudo Europa.

D.P. - E essa viagem você está fazendo sozinho?

R.C. - Sozinho, mas curtindo a história, não é? Viajando pela história, ali a Europa, aquela coisa e tal. Atravessa Berlim e tal, e já vou namorando no caminho. Aquela coisa assim bacana, não é?

L.O. - Adaptado.

D.P. - Já se adaptou, não é? [risos]

R.C. - E chego na Polônia e aí tem lá um grupinho de brasileiros. O único que tinha chegado depois da revolução foi o Pedro, porque os outros tinham ido para a Polônia para se preparar para a revolução pelo Partidão. Tinha o Jorge Miglioli, um economista, um querido amigo,

muito inteligente, muito sério, que depois veio a ser professor em Campinas. Um cara supersério, superlegal, supercompetente. Foi para ser treinado para dirigir a economia do país, do Brasil socialista. Estava estudando lá com um grupo de economistas forte da Polônia, Kaletsky, Oskar Lange. São nomes mundiais da economia, e eram professores lá e o Jorge foi para estudar com eles “planejamento socialista”, e o Ivan Pinheiro que também tinha ido para estudar “planejamento agrícola”. [inaudível] muita coisa da agricultura e tal. E os dois estavam lá, e tinha uma menina que tinha ido para estudar piano, não tinha nada a ver com a revolução... *Clarisse*. E Tinha o Pedro Celso e o Pedro Celso me puxa, namora a Clarisse e depois a gente puxa também o Maurício, e depois puxa também o Reinaldo, que era da faculdade, os dois da FNF. O Reinaldo era amigo de filosofia e o Maurício também de História, História Nova. Então, a gente formava lá uma turminha de brasileiros em Varsóvia, colegas e tal, que passamos uns anos lá na Polônia.

D.P. - Você falava o quê, inglês?

R.C. - Na época a gente falava mesmo era francês. Assim que a gente era treinado, não é? Então eu tinha estudado na Maison de France. E depois, no dia a dia, você usava inglês. Então era em inglês e francês que a gente se virava. E o polonês veio com o tempo, não é?

D.P. - Quer dizer, as aulas você fazia...

R.C. - As primeiras aulas o “... Porque eu cheguei lá e virei mestrando, sem ter terminado a faculdade. O Schaff deu uma volta no... Porque eu tinha currículo, eu tinha livros escritos e publicados, tinha um monte de livro publicado. Foi a direita lá no Brasil que não permitiu que me formasse. Aí ele deu um reconhecimento que eu podia fazer um mestrado. Aí eu entrei já no mestrado, mestrado História da Filosofia.

D.P. - Mas aulas em polonês?

R.C. - Não, mas aí enquanto a gente não sabia polonês no primeiro ano, o Shaff tinha um seminário, que ele organizava, que era em inglês, entendeu? Que era então para o pessoal lá, estava no socialismo, sinais da Polônia, não é? Estamos no socialismo, mas por via das dúvidas “vamos aprender inglês”. Então ele tinha um seminário na academia de ciências. Os poloneses lá todos falando um inglês horrível, mas era inglês. Então a gente meio que se virava. O primeiro ano foi estudando, entrando e tal, pegando uma literatura que o Shaff indicava, ele era o nosso orientador. E fazendo o seminário, esse, a nossa atividade acadêmica era esse seminário em inglês. Já no segundo ano já entramos no curso normal de História da Filosofia.

L.O. - Vocês ficaram quantos anos na Polônia?

R.C. - Eu fiquei quatro. Eu acho que o Pedro ficou cinco.

D.P. - E aí você fez o mestrado...

R.C. - Fiz o mestrado na Polônia.

D.P. - O Schaff era o seu orientador? Nossa, que glória, hein.

R.C. - Só que a gente descobre que o Schaff, de fato, é um conservador.

D.P. - É o desencanto?

R.C. - É o desencanto. Porque a gente vai, quando começa a frequentar a faculdade... Porque enquanto está no seminário é só lá na Academia de Ciências, tudo muito “carta marcada”, mas quando a gente vai para a faculdade, a gente descobre que o seminário do Schaff, ele dava aula em forma de seminário, era assim, o palco para combater o partido, para combater o marxismo. E os estudantes todos se prepararam e tal, aquela coisa se preparando para debater com o Schaff. Porque o Schaff era o marxista da época que respondia as críticas dos demais. Então o Schaff tinha um livro sobre o existencialismo...

D.P. - Marxismo e existencialismo, não é?

R.C. - Em que ele reconhecia todo o valor do existencialismo, em termos de afirmar a liberdade, o indivíduo, a criatividade do pensamento... não sei o quê, não sei o quê. A liberdade do pensamento, mas evidentemente é preciso que seja inserido no social e na história etc. e tal. Onde você realmente encontra o lugar próprio para o indivíduo é no Marxismo, não é? Já o marxismo que se autocritica e já incorpora as lições do existencialismo. Ele tinha também o livro sobre Ciência, claro, positivismo lógico, que era muito forte na Polônia. E aí todo devido valor dado ao positivismo lógico, porém, evidentemente, sincero... E assim o Schaff ia incorporando todos os “ísmos” do tempo e fazendo aquela versão marxista de todas as coisas, no final o marxismo sempre renovava e não sei o quê. E o pessoal achava isso uma grande palhaçada. Então caíam de pau no Schaff. Aí o Pedro dizia: “Caramba, cara, a gente vai ficar mal aqui”, porque o Schaff nos apresenta para os colegas lá, para os alunos da faculdade, dizia: “aqui dois amigos comunistas do Brasil, fugidos da ditadura”. Aí todo mundo olha assim: “Dois espíões”. Aí nos dão o maior gelo, a gente não consegue se enturmar. Aí eu falo: “Pedro, a gente está mal, cara. A gente não consegue falar com os colegas”. Aí a gente propôs fazer um seminário sobre o comunismo no Brasil, e fizemos um trecho supercrítico mostrando todos os problemas. Fizemos um seminário criticando o partido comunista no Brasil, o que lá era uma espécie de ousadia porque você está no regime do partido c. Então, a linguagem é sempre do subterfúgio, do entrelinhas, aquela coisa de estar falando sempre por um viés de banda, não é,

porque você não pode ir de frente. O esquema era fechado. Era livre, porém, por exemplo, só tinha um mimeógrafo na universidade, que era na reitoria. Se você quisesse... Para republicar a bibliografia de cada curso você tinha que dar lá para datilografar, dava lá para a reitoria. Eles devolviam o número de cópias mimeografadas. Era proibido ter um mimeógrafo em casa ou em algum lugar que não fosse oficial. Então todos os folhetos subversivos que o pessoal publicava, a literatura que se publicava era uma literatura grande, era todo datilografado com papel carbono. Então, as pessoas juntavam depois os livros em papel carbono. Os discos das músicas de contestação eram gravados em fitas. Fitas gravadas em festas, o pessoal tocava na casa, bebendo, e lá pelo meio da festa já estava aquele... Já perdeu o ritmo, não é? A gente tinha sonografia de fitas gravadas nessas condições. Uma maneira de folheto, realmente, de publicar e multiplicar, lá não tinha mimeógrafo, mas a fotografia era muito barata, que eram máquinas e filmes, fotografia da Alemanha Oriental. Era de boa qualidade. Então todo mundo tinha lá o seu negócio de revelar a fotografia, era uma curtição que a gente tinha. Então o pessoal replicava folhetos com fotografias. Fotografava o texto e ficava refazendo folheto de papel de fotografia. Então era um sistema fechado, embora com uma liberdade intelectual grande na universidade, mas sendo com essas dificuldades. Então, o fato da gente fazer um seminário esculhambando o partido comunista no Brasil abriu as portas. Foi aí que a gente fez amizades.

D.P. - Vocês foram aceitos, não é?

R.C. - Fomos aceitos e entramos na turma.

L.O. - Eu li muitos anos depois um livrinho, José Joseph, marcou muito, entendeu? Porque é muito interessante imaginar... Quer dizer, o diálogo fictício, não é? Exatamente o que tem a prática do socialismo, não é, e o outro que está sonhando com o socialismo. Aquilo inclusive aqui deve ter sido recebido com dificuldades, não?

R.C. – É, o pessoal achava que a gente era...

D.P. – Aqui já entrou um pouquinho depois, não é?

L.O. – Depois, mas não era assim...

R.C. – O pessoal não teve essa experiência realmente de viver no outro lado, não é? Lá foi uma experiência muito forte. A gente era muito novo. Eu cheguei lá em 65, em maio de 65. Eu tinha 22 anos incompletos. Então, poxa... Eu estava em uma fase de curtição da vida. Chega lá tinha um jazz de qualidade, entendeu? O pessoal bebe devagar. Uma coisa assim, vinho Winiarnia. Aquelas mesas compridas, todo mundo bebendo vinho, não é? Vodka era de uma vez, dominava, de um gole só, não é? Como a gente chama, dá um... Bebe muito, não é? Frio.

Costume muito diferentes, muita liberdade de gênero, uma coisa muito interessante, a gente ficava olhando assim, tinha *mulheres guardas de trânsito*. Mulheres! Isso não existia na época: mulheres controlando o trem. Então, mulheres em funções, para nós, masculinas. Então, a gente ficava achando tudo muito interessante e, sobretudo muita cultura, entendeu? *Alto nível de cultura*. Os seminários na universidade eram de um nível que a gente ficava assim bestando. O pessoal tinha lido, lido, lido muito mais do que a gente a gente tinha lido aqui. Os professores de bom nível também, então os seminário eram bons, de qualidade: *teatro, dança, cinema, música*, sensacional, Paderewski, aqueles caras assim... E era tudo muito próximo. Não é uma Paris, não é uma coisa assim, é menor. Todo mundo vive muito... a elite vive muito esse mundo cultural e a gente próximo disso. Então, porra, de fato eu adorei a Polônia.

D.P. - Mas você teve a crise com a coisa do socialismo ali? Como é que começa a sua...?

R.C. - Aí que começa essa proximidade com os colegas na universidade, morando em casa de estudante, eram quatro por quarto, beliche e tal, aquela vida estudantil. E essa coisa da universidade, esse tempo todo na universidade e tal. E aí começa a ter sinais da resistência, das oposições dentro da universidade, e em 68, em março de 68, tem lá um movimento que é na universidade. Eram duas faculdades principais: sociologia e filosofia. Eu estava na filosofia. E então eu participo das conversas e das reuniões preparatórias. O movimento que dia 8 de março tem na universidade, como se fosse um *happening*, todo mundo se reúne, uma menina chamada Irena Lassota, colega, sobe no murinho e lê o manifesto pela liberdade. O mote é uma peça de um autor Mickiewicz, que é um autor de meados do século XIX e que tinha sido um libertário no século XIX, ele viveu na França, participou lá daqueles batalhões em 1848, por ali, que estavam na Itália, estavam na Alemanha... Sempre tinha um grupinho polonês lutando. Eles estavam no exílio, ocupado pela Rússia, então tinha uma turma. O Mickiewicz, ele conta essas batalhas, ele tem esses romances enormes sobre as lutas da liberdade, os poloneses estão sempre à caminho de casa, que é a liberdade. Então, em busca da liberdade, em busca da Polônia. Porque o dia que a Polônia for libertada, aí o mundo será livre. E lá estão Rússia, Áustria, Hungria, os impérios na época dominando aquela região, no dia que aquilo implodir a liberdade vem. Então Mickiewicz é um autor importante no pensamento polonês e tinha uma peça sendo representada, de teatro, que evidente, do Mickiewicz, que é então uma coisa tipo um clássico, e que, evidentemente, é toda metafórica para a situação de domínio soviético. E aí o partido manda fechar a peça de teatro. Então, em resposta, os estudantes da universidade faziam essa manifestação. E aí, a polícia vem, e uma turma assim tipo... não é policial, era

inverno, março ainda é inverno, vem com aqueles casacões pretos até os pés, tipo a polícia civil, à paisana, e baixa um cassete nos estudantes e aquela correria, e é o 8 de Março. Virou um dia histórico, porque é um quebra-quebra, os estudantes correndo, a polícia batendo. Aí os estudantes ocupam a universidade, e eu estou no meio da turma, então estou lá ocupando junto. Então eu participei muito ativamente desse movimento lá de Março. E de novo, que nem Cuba, é coisa fechada, ocupada, a polícia do lado de fora, o Partidão que estava ocupando. E numa dessas correrias eu vi o [Dobrowchelsky]*^s, era o reitor da universidade, que era um cara que era professor da faculdade de filosofia e dava um curso ridículo, chamado “Filosofia da paz.” Aquela coisa bem oficialasca, da doutrina da paz, da honra, não sei o quê, todo mundo ria dele, ele era pugilista. Então, um cara que era pugilista dando aula de filosofia da paz, não convencia. Então todo mundo sabia que era um troço totalmente oficial e tal. Vivia viajando pela ONU. Então desses “paparati”, que... um quadro e reitor da universidade. E aí, eu estou lá no meio dessa correria e vejo o [Dobrowchelsky]*^s dando porrada em um estudante, *pessoalmente*. Lá atrás, num canto assim, no meio daquela confusão. Ele era bom de briga, não é? Aí tem uma plenária lá em que as pessoas ficam discutindo, e o [Dobrowchelsky]*^s vem para tentar convencer que é preciso desocupar a universidade. Aí está aquela sala cheia e tal e ele tentando convencer os alunos, que é uma coisa que vai favorecer o lado mais obscurantista do partido. “Se vocês ficarem ocupando, o lado mais à direita do partido vai se aproveitar disso para tentar tomar o poder e tal”. O que de fato aconteceu. Um grupo chamado partisans, que era um grupo que nunca havia saído da Polônia. Quem dominava o partido na Polônia era... Quando os nazistas chegam e tomam, tem um grupo que se arrebenta e tem um grupo que foge para a União Soviética. Para fugir para a União Soviética, você era de alguma maneira simpático ou então não tinha jeito, “ia na onda”, mas não era um lugar que um polonês iria normalmente. Mas há toda uma geração que vai, fortemente composta de judeus fugindo do nazismo, judeus de esquerda, que era uma tradição forte, judeus de esquerda na época. que iam para União Soviética, e formam lá um batalhão polonês socialista na União Soviética, que volta com os exércitos soviéticos. Então esse grupo que volta com os soviéticos, polonês, do partido, refazem o partido lá, e formam a liderança do contingente polonês na União Soviética, quando eles voltam eles é que tomam o poder na Polônia, o partido comunista formado na União Soviética. E tinha uma outra corrente, que nunca foi à União Soviética, nunca saiu da Polônia, que viveu na clandestinidade toda a guerra, que era minoritária, e que se sentia muito ressentida porque eles é que passaram por essa guerra e no final de contas nunca mandaram nada. Quem mandou

foram os judeus que foram para lá e voltaram como soviéticos. Então era um grupo polonês, comunista, nacionalista, antissemita.

*1 *2 *3 *4 *5 o mais próximo do que foi possível ouvir.

Há gírias no decorrer do texto.

[FIM DO ARQUIVO II]

R.C. - Aí o [[Dobrowchevsky]*¹ argumenta “é preciso acabar com esse movimento porque no fundo o que vocês estão fazendo é favorecer o crescimento dos partisans. Aí peço a palavra, garotão, burro, “professor, mas eu vi o senhor naquele dia, o senhor estava em tal lugar, o senhor estava dando murros num estudante que era um sujeito de barbicha”, descrevi toda cena, foi aquele... aquela coisa gelada. O reitor, o cara é chefe do partido da universidade, sendo denunciado batendo num estudante, no meio da confusão, na repressão, derrubou todo discurso dele. Aí virei um heroizinho da turma dos estudantes, Yes, porque tinha denunciado o [Dobrowchevsky]*¹. E aí fui totalmente incorporado e tal, assimilado pela turma, virei muito amigo da turminha que estava liderando o movimento que veio depois a ser uma facção de esquerda do Solidariedade, que era o [Mirnick, a Erena, o Alik smolak, o Iatzéc]*² figuras que depois no Solidariedade foram ser importantes, que eram estudantes naquela época, um pouco mais velhos que eu, mas que estavam naquele movimento. Aí, eu realmente, eu me inseri bastante nessa turma, vivi isso intensamente e...

D.P. - Isso é 68?

R.C. - 68, março de 68. Que está no mundo inteiro a coisa sacudindo. Lá foi esse evento, março. Na França foi em maio. Mas é esse ano é um ano esquisito, juvenil no mundo. Então, de fato, em certo sentido o [Dobrowchevsky]*¹ estava lendo corretamente, que está crescendo, tinha informação, ele já sabia por dentro do partido. Acontece que nesse movimento aí da reação aos eventos de março, cresce dentro do partido desse grupo de extrema direita, derruba o Gomulka que havia subido em 56, que foi assim um líder que abrigou essa abertura polonesa, mais abertura para a Polônia, então expulsam o Gomulka, derrubam o Chat, o Chat tem que sair para o exílio, na faculdade de filosofia 39 professores foram expulsos, uma limpeza na faculdade, na sociologia outro tanto, todos os melhores, a inteligência polonesa ceifada, perseguida, presa, sempre na acusação de serem sionistas, que era a maneira de dizer judeu. Então cresce o

movimento antissemita na Polônia, de cima para baixo, no partido, reagindo a esses eventos na universidade. Isso durou de março, o resto do ano, 68 foi um ano muito duro de repressão na Polônia, e eu vivi isso muito intensamente, estava lá, e como se não bastasse, em agosto tem a invasão de Praga, Tchecoslováquia, lá para o movimento da Primavera de Praga, foi 25 de agosto. Aí a gente foi lá na...

D.P. - Vocês foram...?

R.C. - A gente ficava ouvindo no rádio, tal. Eu e o Reinaldo fomos de trem para ver lá o negócio e tal. Isso aí eu conto na próxima.

*1 *2 o mais próximo do que foi possível ouvir.

[FIM DA 2º ENTREVISTA]

3ª entrevista: 20/03/2012

L.O. - Rio de Janeiro, 20 de março de 2012 e continuação da entrevista com Rubem César Fernandes. Só para lembrar, nós paramos em 68 no aniversário de Varsóvia e você estava contando os episódios do movimento estudantil. E de alguma forma fiquei conversando depois com Dulce, que é interessantíssimo isso, e ao mesmo tempo, que coisa interessante, você era um estrangeiro participando da manifestação. Se isso tinha alguma importância ou não, você estava absolutamente incorporado...

R.C. - Lá havia muitos estrangeiros, naquele tempo havia o povo assim, fim dos anos 60 e começo dos anos 70, fim dos anos 60 mesmo, 68,69, esse período aí, você tinha na América Latina já uma situação de vários países entrando para a ditadura, golpes militares, você tem uma onda de golpes militares tanto na América Latina quanto na Ásia você tem 65 a queda do Suharto, foi muito chocante na Indonésia na época, então que arrastou uma geração, tinha muito indonésio por lá estudando nos países socialistas. Na América Latina muita gente indo para o socialismo para estudar. Da África era normal, fazia parte da divisão da guerra fria, tinha muitas ofertas dos países socialistas era bolsas para as elites africanas. Nego chega lá um estudante, não sei por que, fomos levados a receber... realmente não lembro porquê, o fato é que fomos ao aeroporto receber fulano chegar.

D.P. - Os africanos?

R.C. - É, um africano, estudante. Ele sai... chegou.... ele abre um guarda-sol, aí desce um verdadeiro estudante, que era um príncipe, trouxe um pajem para ajudá-lo, apoiá-lo. Então deu muito africano. Existia uma casa de estudantes estrangeiros lá muito frequentada por rapazes estrangeiros de todas as nacionalidades e as moçoilas polonesas em busca de dólares, os poucos dólares, um dólar lá você fazia a festa, imagina dois. Então tinha bastante estrangeiro no pedaço. Na manifestação mesmo, poucos. O pessoal evitava se envolver, mas o clima geral era compartilhado por todos os estudantes. Então de certa maneira os estrangeiros também tinham opinião e tal. Eu me envolvi mais talvez por essa coisa de fazer amizade com a turminha que estava na organização do evento, de participar, reuniões. Eu me lembro de sempre achando que daria para mudar tudo, eles, em geral, tinham uma voz mais realistas, diziam: “aqui é diferente e tal”. Então não foi tão problemático por ser estrangeiro. Sendo que como estrangeiro você tinha que a cada mês renovar seu visto, você não tinha um visto permanente, era mensal a revisão do visto. Você ia lá e preenchia um formulário enorme polonês e tinha uma senhora que nos recebia, grandona, com jeito de polícia braba. Então havia um controle grande sobre os estrangeiros, todo mês tinha que estar indo no setor de divisão para estrangeiros na divisão de polícia polonesa para bater ponto. E preencher tudo de novo, para ser renovada sua presença. Então tinha um controle.

D.P. - Você participava de alguma coisa mais organizada ou você participou dessa manifestação?

R.C. - Não tinha nada organizado no sentido mesmo organizado. O que existia era um grupo que se reunia sempre. Como eu disse na outra conversa, eu contei da informalidade dos meios, coisa do papel carbono para produzir livro, bibliotecas inteiras em papel carbono. Tinha uma editora importante em Paris chamada *Cultura*, na Saint- Germain-de-Prés, e que até hoje é uma importante livraria e editora polonesa, foi fundada por socialistas da Social Democracia Polonesa, que no pós-guerra, quando os soviéticos entram, acham melhor ficar do lado de cá, não voltar. Então eles ficam no exílio e formam quase que uma comunidade, quase de um monastério, curioso, interessante, um grupo que vive junto a vida inteira, até morrerem. Uma geração que fica ali de intelectuais de esquerda, socialista e que na casa deles, no subúrbio, cria uma editora e estão sempre produzindo, essa revista chamada *Cultura*, e tem um formato de um livro, mensal. E nunca falhou um número. A *Cultura* é uma coleção assim... ali publicaram todos os intelectuais poloneses de importância publicaram na *Cultura*. Então é uma revista importante. Eles produziam também livros dissidentes e muita publicação em formato de bolso

para as pessoas que visitam Paris voltar e sempre botar umas coisinhas no bolso para depois distribuir.

D.P. - Pois é, isso que eu perguntar. Isso não tinha uma livre circulação lá, não? Essa revista...

R.C. - Tudo proibido. Então, as coisas produzidas... tinha dois grandes centros de produção de material dissidente. Um era a esquerda, *Cultura*, esse grupo de Paris e depois tinha *Europa Livre* que era coisa da CIA, departamento de Estado e tal, e que fazia uma boa programação jornalística. Eles tinham rádios para cada país, então tinha uma rádio com transmissão, as pessoas pegavam a distância, transmitiam de Viena e era um bom jornalismo. Enquanto que o jornalismo local era aquela coisa totalmente censurada. Então eles faziam uma diferença porque ali você tinha notícia. Mas era a direita. Não direita, mas do lado americano, lado que queria [rebortar] com o sistema; o outro era mais por dentro, tentar mudar o socialismo etc. Mas então, na universidade, isso que corria por Paris, esse circuito parisiense de produção de alguma maneira chegava lá, as pessoas conseguiam transmitir e tal. Mas a produção interna mesmo... Você tinha uma liberdade relativa em alguns veículos. Por exemplo, na área de semanários, tinha alguns semanários de livro, aí você tem aquela arte de escrever no entrelinhas, que a gente aqui na ditadura também desenvolveu. O bom entendedor e tal e basta. Então tinha boa literatura analítica semanal e tal. O jornal diário era uma droga, realmente uma droga. Ao contrário, quanto mais importância a notícia, menor era o título, menor o caixa. Algum sinal de alguma coisa no mundo, porque local, zero. Ao menos que algum recado do partido. Então o sistema era todo muito controlado. Eu disse na universidade, a bibliografia tinha que ser feita na reitoria. O professor não tinha liberdade dele próprio multiplicar a bibliografia do curso. Mas você tinha nas faculdades de filosofia, de economia, de sociologia, ciências humanas, digamos, você tinha realmente um nível de muito bom padrão, de muito nível internacional e tal, pela memória, pela história, que foi reincorporada a universidade depois de 56 na Polônia. Então eu peguei essa fase de uma universidade aberta, digamos assim, dentro dos limites do razoável, dentro de um regime totalitário. Então foi assim.

L.O. - Você fez seu mestrado, tinha dissertação de mestrado? Qual era o tema da sua?

R.C. - Aí foi outro perrengue porque, como eu disse da outra vez, nesses eventos de março, eu estava fazendo mestrado normal e era um mestrado com seminários de qualidade, tinha gente de alto nível, sobretudo em lógica, em positivismo lógico. Tem uma corrente lá no círculo de Viena, no pré-guerra que continuou por dentro da Polônia que fez história, e continuou e retomou, depois de 56 voltaram a universidade e tal, eram nomes globais. Tinha um professor

de cibernética, antes que existisse a internet, era tudo teórico, era proibido até ter mimeógrafo, que dirá computação etc. Mas digamos assim, ciência avançada decente, mais na universidade, então uma universidade de bom nível. Então eu peguei esse período. Quando chega em março que tem aquele evento de manifestação estudantil e aí uma repressão *muito violenta* em cima, sobretudo nos meios intelectuais na universidade e antissemita, que também era muito intelectualizada a comunidade judaica, você teve uma situação de crise profunda na universidade, só sobrava... só não estava sendo perseguido quem não prestava, aqueles caras que estavam realmente ali encostados por uma razão política ou então uma carreira muito técnica que não afetasse. De modo que a coisa piorou muito, foi nesse período de 68, de março de 68 em diante, que é justamente o período que eu estava terminando os créditos do mestrado. E eu bati de frente, como eu contei com o [Dobrowcheski]*¹ que era o reitor da universidade na época, secretário geral do partido. [Dobrowchesky]*¹ pouco depois desses eventos de março ele viaja, viajava sempre, conferência da ONU, representava a Filosofia da Paz no currículo, e aí o vice dele um camarada chamado Jerzi Szacki, o Szacki era um bom sociólogo. Eu havia traduzido um livro dele, tinha publicado aqui no Brasil, sobre as utopias, na época. E o Szacki uma obra boa, um cara sério. O Zygmunt Bauman também era meu professor. Era dessa turma que foi perseguida. Ele é expulso justamente nesse período, 68, vai para a Inglaterra. Mas aí o Szacki assume a vice direção da faculdade, da universidade, de ciências humanas e filosofia e o Szacki me procura e fala: “o [Dobrowchesky]*¹ vai de expulsar quando ele voltar da viagem, então preciso que você me apresente algum texto que você tenha para eu dizer que você concluiu o mestrado para eu te dar o diploma, senão você vai embora sem nada. Você tem alguma coisa?” “Tenho.” Que era um primeiro estudo que eu tinha feito quando cheguei lá, quando estava aprendendo as coisas, meio sem ter o que fazer, escrevi um texto para entregar ao Szacki que era um texto sobre, quem diria, era a esquerda cristã na América Latina. Tinha a ver com a minha história e com início da Teologia da Libertação e tal. Então eu botei uma bibliografia, entreguei esse texto para ele, ele falou: “está ótimo”. Então...

L.O. - [risos] Deus nos socorre nas horas mais...

R.C. - Deus é pai, não é?

D.P. – Você ficou com o título de mestre?

R.C. - Aí ele me deu o título. Quando o [Dobrowchesky]*¹ voltou da viagem, foi um período de um mês, eu já estava recebendo, já tinha feito os exames, do [Duconchatizky]*² era um sociólogo de respeito, e que sobreviveu a essa perseguição toda curiosamente, ele não era

judeu, sobrevive, está na direção da minha banca, ficava complicado... e aí eu recebo o título, virei mestre graças a Teologia da Libertação. [risos].

L.O. - Depois você sai da Polônia logo a seguir ou fica lá mais tempo?

R.C. - Aí ainda tem um período até essa coisa se completar. Isso, de fato, vai... continua o ano acontecendo, e aí eu começo a mandar garrafas para todo lado pedindo bolsa de estudo para continuar a estudar e recebo uma resposta positiva da Columbia, em Nova York, com bolsa de estudo, graças a Deus.

L.O. - Eu ia perguntar, como dali você... Por que Columbia?

D.P. – Você mandou várias?

R.C. - Mais de dez, com certeza.

D.P. - Isso era para fazer o doutorado?

R.C. - Para fazer o doutorado. E aí nessa história o tempo vai passando, eu ainda estou na Polônia, até vir a resposta, mas eu já tenho o título na mão. A coisa está rodando e aí recebo o recado que o [Dobrowchesky]*¹ vai me expulsar, está providenciando uma coisa lá para me expulsar e aí ficaria ruim se eu saísse expulso tal. Eu tenho que agilizar a saída. E havia umas certas complicações de visto, você tinha que passar pela Alemanha Oriental para ir em direção ao ocidente do trem. Nesse período é um período em que está havendo essas expulsões todas dos judeus. Estão sendo expulsos, a intelectualidade está saindo, então toda a semana, a estação de Kidansky, a estação que sai para o sul, que vai para Viena, toda semana havia um trem que o pessoal juntava e saía levando tudo consigo. E o governo ia nas casas das pessoas e checava tudo que tinha na casa, fazia um preço, calculava os anos de estudo dos membros da família, tudo isso investimento que o socialismo fez na pessoa, e para sair tinha que pagar de volta, tinha que indenizar o estado e aí recebia uma autorização para sair com a condição de ir para Israel, os judeus, não podia ir para outro lugar. Então era assim uma imposição. E a maioria ali era judeu comunista que tinha vivido essa história, não queria ir para Israel, justamente, queria ir para Paris, outros lugares mais bacanas, Londres, Estados Unidos. Então é um *período de uma migração*, parecia aqueles filmes em preto e branco de pré-guerra, você vê aquele pessoal cheios de mala, saindo, a família, os que ficam choram, toda semana tinha aquela coisa na estação ali. E a gente inclusive participa, contar historietas, como dizia o Manoel Maurício, curiosidades, nessa história o Schaff também está sendo perseguido, ele também é judeu, ele era o grande chefe, mas de repente ele cai com essa coisa dos partisanos, antissionistas que estão tomando o poder no partido, nessa onda anti-intelectual, o Schaff também é vítima, aí o

Schaff nos procura e diz: “estou preocupado com a minha filha Eva” – uma menina bonitinha, muito inteligente, estudava lógica, toda fera – “e o que ela quer mesmo é fazer medicina” diz Schaff, “preciso providenciar que ela saísse, mas para ela poder sair, sem ter que passar por todo esse esquema da família, que vai para Israel, que a gente não vai fazer, então está uma coisa complicada, eu preciso que ela case.” Para sair casada com algum brasileiro. Aí o Maurício e eu, estamos nessa, “claro, professor”, mas tinha que ter os papéis, nós dois mandamos aqui para o Brasil pedindo: “pelo amor de Deus, arruma os papéis aí para a gente poder casar.”

D.P. - Mas quem resolveu que ia casar, você ou o Maurício?

R.C. - Nós dois, o que chagasse primeiro. Naquela coisa, para ter um documento para sair. E o Maurício sempre foi meio romântico, ele mais do que eu. Então ele se animou muito com a história porque ela era bonitinha, muito inteligente, a gente tinha um certo fascínio pela filha do Schaff. E aí o Maurício recebe primeiro os documentos.

L.O. - Você perdeu?

R.C. - Perdi, essa eu perdi. E aí os dois casam. E o Maurício quer fazer uma noite com ela... Ele levou um esporro da moça, assim: “que absurdo, o que você está pensando, não é nada disso...” deu-lhe uma humilhada, é uma coisa de solidariedade política, “não é nada para valer.”. Eu sei que o dois saíram, o Maurício e a Eva Schaff, foram para Viena, sem pisar em Israel, porque ela era esposa do Maurício, aí ela foi para os Estados Unidos e foi encontrar depois o namorado dela que conseguiu sair via Israel, se casaram nos Estados Unidos, ela fez medicina, dizem que se tornou uma grande médica e tal, então final feliz nesse lado.

L.O. - E aí você ficou lá mais tempo? Casou com quem para sair?

R.C. - Não casei com ninguém. Fiquei por lá. Nessa história, quando sai a bolsa finalmente e as coisas de Columbia, aí eu organizo a saída, mas tinha problema de visto, porque com essa coisa de visto, com essa coisa do [Dobrowchesky]*¹ estava complicado; para ter o visto precisava ter autorização, aquelas coisas complicadas que eu não estava obtendo. Esse pessoal que fazia essa viagem, essa coisa de trem, me organizam a saída, um pouco clandestino e eu saí fechado num trem de leito, trancado, como se não estivesse ali, então não passei por fronteira nenhuma, saí na boa, trancado a noite inteira num trem leito, em troca de uma Wyborowa, vodka Slivovitz, aquela que tem uma folha assim, negociaram com o trocador do trem, como chama, que pega o bilhete, e assim eu saí da Polônia, saí escondido num trem com os amigos que organizaram com o cara.

D.P. - Conseguiram levar suas malas?

R.C. - Não tinha muita coisa.

L.O. - Seu trem era em direção a Viena ou Paris?

R.C. - Em direção a Berlim. Paris – Berlim. Então atravessei... Só fui sair da cabine lá na frente, tem que passar pela Polônia, Alemanha Oriental, depois Berlim Ocidental, depois Berlim Oriental de novo, depois que é Alemanha Ocidental, aí você está na liberdade.

D.P. - Isso durou horas?

R.C. - Uma noite inteira. Então foi assim que eu saí da Polônia, a troco de uma garrafa de vodka. Pequena corrupção.

D.P. - Aí você desembarca...?

R.C. - Aí eu vou para Paris, lá peguei um avião, aí Nova York.

L.O. - Como você entrou nos Estados Unidos, o visto norte-americano?

R.C. - Consegui o visto na Polônia. Porque como estava havendo aquela perseguição toda na Polônia, pelo outro lado, a embaixada estava facilitando as pessoas irem para os Estados Unidos, então eu entrei na onda dos... E eu tinha aceitação da Columbia, tinha a bolsa, tal, tinha uma justificativa boa. E naquele tempo não existia internet, para eles também. O pessoal daqui não conseguiria visto, porque quem tinha complicações aqui não conseguia entrar nos Estados Unidos, mas de lá não teve problema.

L.O. - Você era quase polonês saindo da perseguição antissemita na Polônia.

D.P. - E o Pedro estava nessa altura...?

R.C. - O Pedro continuava lá, ficou um tempo a mais que eu, e tinha o Ivan também. O Ivan Ribeiro, coitado, foi para fazer economia para voltar para dirigir o Brasil socialista, planejamento socialista no setor agrário; estudou lá e tal, foi pego pelo golpe, entrou num processo em Minas Gerais, que ele era de Minas, e pegou 16 anos de prisão na coisa da ditadura, do julgamento dos militares, 16 anos de prisão. O Ivan, coitado, não acreditava como pode “mais 16 anos de Polônia, não aguento.” Então ele ficou um bom tempo, até que depois com a anistia anularam, mas ele continuou. Depois se enroscou com uma italiana, foi para a Itália, aí começou uma outra história. O Pedro também ficou na Polônia um pouco mais, também conseguiu um visto para os Estados Unidos, foi ser professor em Saint Louis, Washington University.

D.P. - Depois vocês se encontram lá?

R.C. - É, a gente se encontrava sempre.

D.P. - O José Joseph é de que?

R.C. - É desse período.

D.P. - Você faz lá nos Estados Unidos?

R.C. - Nos Estados Unidos. Mas então, nessa viagem é curioso, porque você está num país socialista, muito fechado, ninguém havia escutado os Beatles, por exemplo. Então as músicas eram aquelas músicas do século XIX, Tchaikovsky, ou então umas coisas bem modernas, Paderewski, umas coisas assim mais cabeça polonesa. Porque o socialismo, uma das coisas que ele fez, ele congelou a história cultural progressa, depois da revolução, nada. Então você tinha lá Tchaikovsky, aquelas figuras maravilhosas da cultura russa, depois daquilo, nada. O pessoal ficava ouvindo aquilo ou música clandestina e tal, mas em gravações que circulavam de maneira ilegal. Então havia essa coisa de uma cultura subterrânea muito conhecida, todo mundo conhecia, todo mundo ouvia, curti, mas por meios informais. Na Polônia isso circula, mas circula lá por dentro, a gente não tinha contato com o que estava acontecendo; isso a gente está falando fim de 68, início de 69, no ocidente, sobretudo nos Estados Unidos em matéria de contracultura, de música, droga, psicodélica, aquela maravilha toda e eu *não tinha ideia*. Me lembro que recebi um disquinho do Beatles, pelo correio, alguém me manda, era aquele 48 com rotação, com furo no meio grande, e a gente juntava os colegas para ouvir, era *Yellow Submarine*, aquele blu, blu, aqueles sons diferentes, a gente ria, achava uma graça nesse tipo de som, era duas músicas só, uma de cada lado. Não conhecíamos. Então para mim chegar nos Estados Unidos, início de 69, me deparar com aquela coisa que estava acontecendo foi um choque *cultural total*, eu era um europeu ali, um europeu do leste, e toda a minha cabeça estava na Europa do Leste, a minha leitura era da Europa do Leste, ia para a biblioteca eu lia o jornal da Europa do Leste antes de olhar América Latina, estava muito ligado lá. E que era totalmente outro ambiente, outro mundo. De modo que levei um tempinho durante 69 para me aproximar da maconha, LSD, essas coisas que o pessoal lá, a garotada toda estava explorando. Eu sei que foi uma diferença, uma transição muito bacana, muito chocante, muito interessante.

L.O. - Tinha algum professor que recebeu você ou foi pela universidade geral?

R.C. - Foi o seguinte... Gozado as perguntas que você faz, é bem assim de quem sabe fazer entrevista. Os detalhes, não é?

D.P. - Estrada...

L.O. - Perguntar os detalhes que você nem lembra, pergunto para você lembrar.

R.C. - Como foi? De novo a conexão protestante de esquerda. Porque a universidade, de fato, recebi a bolsa, mas o período começava em setembro e eu chego lá em fevereiro, fim de fevereiro, começo de março de 69. Então eu não tinha na universidade ainda o que fazer, eu cheguei com US\$5 no bolso, 5, duro, e quem está a minha espera para cuidar de mim é uma representante dessa turma que eu tinha falado da esquerda cristã, muito forte nos Estados Unidos, uma pessoa chamada Margareth Flory, e ela me abre um espaço. Então me deu uma graninha e me encaminhou para um seminário presbiteriano em Chicago, que me abriu um espaço de moradia, casa, comida e roupa lavada e trabalho, eu trabalhava na limpeza do seminário e tal, *Ground Departement*, ficava fazendo aqueles vassorões, em volta do seminário tinha um *subway*, uma estação nova muito imunda, então aquela limpeza era permanente, tinha uma turminha que tinha esse benefício e ganhava um dinheirinho por conta da limpeza.

L.O. - Você entrou em contato com essa turma ou eles acharam você?

R.C. - Eu pulei, aí nesses anos, 65 a 69, eu sempre estive em contato com essa turma. Tinha duas redes de relacionamento, eu tinha a rede comunista, italiana, revisionista, a vontade assim, e tinha a rede protestante de esquerda, e o grande centro disso era Genebra com o Conselho Mundial de Igrejas, aonde eu ia regularmente.

D.P. - Você na Polônia você ia lá?

R.C. - Ia lá, me chamavam para reuniões, seminários, conferências, eu ia lá falava, revia amigos e tal. Então, em Genebra nesse período 65 a 69, tinha um grupinho de exilados que moravam lá. Tinha um casal, meus amigos desde então, que é o Miguel Darcy de Oliveira e a Rosiska. Eles tinham participado de um operação no Itamaraty de passar malotes com documentos sobre tortura, via o malote Itamaraty, aí foram descobertos e tiveram que ficar no exílio, perderam os cargos no Itamaraty, ficaram em Genebra, um lugar chamado Foyer John Knox, é uma delícia, em [Gransaconéck]*², uma área mais alta da cidade, fresquinha, verde, muito linda, e uma casa de estudantes muito maneira dirigida por um cara chamado [Chuck Rapper]*³. E o Chuck veio a ser um sujeito interessante na nossa historinha que foi ele que organizou aquele livrinho *Tortura Nunca Mais* com d. Paulo, Paulo Wright, então tinha um lado católico, um lado protestante, e do lado protestante era o Paulo Wright, que tinha sido um deputado de esquerda nos anos 60, antes do golpe, entrou na ilegalidade, James Wright, o irmão do Paulo, porque o Paulo foi morto pela repressão, e o James que era um pastor, irmão do Paulo, foi co-organizador do *Tortura Nunca mais*, aquela coleção juntou documentos, entrevistas e tal, junto com uma equipe do D. Paulo. E o Chuck era o organizador disso tanto para o Brasil como para o Chile,

ele de vez em quando vinha ao Brasil e Chile juntar documentos, conseguir recurso e tal, para montar aquele projeto. Foyer John Knox tinha uma galera do mundo inteiro, era uma casa de estudante meio de exilados do mundo inteiro.

D.P. - O Marcos Arruda morava lá?

R.C. - O Marcos Arruda chegou a morar lá. Porque Marcos foi para os Estados Unidos também, depois ele foi para Genebra. Então era uma casa de estudante muito bacana.

D.P. - O Miguel e a Rosiska não eram dessa rede protestante, era da rede de exilados, não tinha nada a ver com...

R.C. - É, exilados e diplomatas e tal, era outra turma, mas eles estavam lá direto, em Genebra, e outro casal que foi para lá é o Claudius Cecon e a Jô, Jovelina. Também moravam lá no mesmo Foyer. Então tinha o Claudius, que era meu compadre duas vezes, o Miguel e a Rosiska, o Claudius e a Jô, e eu ia sempre lá, aquela coisa de amigos, e o Foyer era um lugar muito animado, cheio de palestras, seminários música. Tinha um cantinho lá que o pessoal ficava dançando, bem legal. De vez em quando aparecia um cantor de algum lugar do mundo, porque era esse tipo de ambiente, então vinha esse pessoal jovem, supertalento que tocava, era realmente uma delícia de lugar, uma comida direitinha, boas acomodações. Acho que aquele pessoal não pagava nada, porque tinha alguma mordomia pré-exilado que segurava a barra. E quem estava lá também era o Paulo Freire que foi assumir uma função no Conselho Mundial de Igrejas e que lá formou uma pequena equipe de trabalho com ele que incluíam Miguel, Rosiska, Claudius e Jô, os quatro ficaram com ele, com o Paulo Freire, trabalhando com o tema lá da educação popular. O neto do Paulo Freire...

D.P. - E tinha alguma coisa a ver com a África também, porque eles vão para a África.

R.C. - Essa turma foi para Guiné-Bissau. Desenvolveu em Guiné-Bissau um trabalho. Eu lembro deles discutindo como faz, qual o grupo prioritário, público alvo prioritário. No final o critério foi se tem bota ou não tem bota. Optaram por educar o exército, opção política. Era um ambiente interessante e o Conselho Mundial de Igreja, naquela altura, era uma instituição ponte internacional entre leste e oeste. Porque membros do conselho incluíam a igreja ortodoxa que era russa e o mundo soviético e depois o mundo protestante, o mundo dos Estados Unidos, América Latina, África, então era um ambiente progressista. Teologia liberal, aberta, de diálogo leste e oeste. Então o conselho teve uma função interessante em termos de... na Guerra Fria que era um dos poucos canais de trânsito de comunicação com uma certa autonomia e com uma certa rede própria de penetração para os dois lados. Tinha o Chuck fazendo esse tipo de

levantamento na América Latina e tinha figura tipo Chuck fazendo o mesmo para o lado de lá. Então embora o lado de lá fosse mais conservador. A maioria dos dirigentes ortodoxos era tudo espião, tipo KGB, o pessoal morria de medo deles, tinham muito cuidado nessa hora porque os caras entregam mesmo. Então era uma coisa muito hierarquizada do lado de lá, com muita presença do governo. Mas, então, o conselho nesse período foi uma instituição *muito interessante* e com uma vitalidade intelectual; você tinha autores importantes escrevendo e que participavam da vida do conselho, grandes teólogos, intelectuais que decidiam assumir funções de dirigentes, de um órgão executivo, mas por conta da importância do conselho. Então você tem uma linhagem de teólogos de peso que foram membros do conselho, secretários gerais do conselho etc. Um deles, que acabou por lá, foi o Richard Shaull, mas isso mais tarde, como presidente da organização de estudantes, de jovens cristãos mundial. Não prestou, nunca foi um bom executivo, ele era bom professor, não foi muito bem sucedido nessa missão. Mas o Shaull chegou a ir para lá também. Então muita gente da América Latina que a gente conhecia foi para lá. Tinha uma galera latino-americana, uruguaia, exilados do Uruguai, sofridos do Uruguai, escritores, gente de igreja do Uruguai que foi para Genebra, menos o Chile, mas tinha do Peru. Então tinha uma comunidade latino-americana exilada em Genebra em torno do Conselho Mundial de Igrejas e da Universidade de Genebra que era interessante na época. Eu ia para lá de vez em quando; e foi através dessa conexão que uma participante da rede americana no conselho Mundial de Igrejas, essa Margareth Flory, que me pescou.

D.P. - Estou achando interessante porque do jeito que você está falando, para mim você tinha ficado exilado na Polônia muito sem contato. Por exemplo, quando trabalhei no arquivo do Betinho, impressionante essa rede, que você está falando, internacional, dos exilados, como eles viajam, como eles se veem, como eles se escrevem. Quer dizer, você mesmo na Polônia você não estava tão isolado assim.

R.C. - Não, não... é.

D.P. - Você viajou várias vezes. Além de Genebra você foi para outros lugares?

R.C. - As primeiras viagens principais eram de férias.

D.P. - Você ia para onde nas férias?

R.C. - Aí o Pedro Celso que era o rico da turma, ele tinha um carro, um Mercedes, escolheu um Mercedes conversível, antigão, íamos todos no carro do Pedro. E a cada férias a gente ia numa direção, viajando todos juntos, comendo pão e vinho e queijo e aquela brincadeira, uma coisa muito legal. Então fomos em várias direções, inclusive na França, em direção de França,

em direção de Bélgica, Holanda, duas vezes fazendo Hungria, Tchecoslováquia, Hungria, Iugoslávia, Grécia, fiz Grécia nesse período, então as férias eram ótimas.

D.P. - E sempre encontrava também com os brasileiros, essa rede?

R.C. - Sempre, é.

D.P. - Você tem muita carta? Porque o arquivo do Betinho tem uma riqueza dessas cartas do exílio.

R.C. - Eu não guardo nada, não tenho nada. Não tenho nem fotografia.

D.P. - Eu fiquei impressionada com a quantidade de carta do Betinho, dos exilados todos se correspondendo com ele, porque as dele não tem, porque estão com as outras. Mas o que chegava para ele era uma loucura. É a parte mais rica do arquivo dele, essa. E falando do Brasil, das articulações, “vamos voltar, vamos preparar”. Tanto que o Ibase surge dessas articulações com Paulo Freire, Carlos Afonso.

R.C. - Já canadense, não é?

D.P. - Pois é. Mas você também estava nesse mundo aí, Conselho Mundial de Igrejas, enfim.

R.C. - Mas tenho esse desvio, primeiro, de estar no exílio do lado socialista, pouca gente foi nessa direção, dos nossos, e depois na Polônia a conexão mais protestante voltando através de Genebra, que já era essa outra rede que me acompanhou a vida inteira.

L.O. - Que ótimo, estou contentíssima porque ganhou...

R.C. - Fez sentido alguma coisa.

L.O. - Quer dizer, a gente sabe que Deus está a seu favor, mas é demais...

D.P. - Chegar sozinho com U\$5!

L.O. - U\$5, desce e aí tem uma moça, Margareth Flory, que vai ajuda-lo. Isso é o que seria o anjo da guarda.

R.C. - A Margareth era uma senhora, de fato...

L.O. - Só contando isso... Aí eu morreria de inveja total, porque aí era mágico. [inaudível] conexão.

R.C. - Sempre tem.

D.P. - Tem essa conexão e essa coisa que agora ficou clara, porque os exilados eram uma coisa, uma efervescência muito grande. E como você estava na Polônia, quase sem contato... mas não.

R.C. - Tinha uma turminha lá, meio fechado...

D.P. - Mas vocês saíam e viajavam.

R.C. - Saíam. É. Agora, a gente estava, veja só, tinha uma outra coisa que diferenciava que a gente foi da geração 64, diferente da geração 68. Então a gente não conheceu na intimidade essa galera a não ser já no exílio, quando chegava Jean Marco, chegava uma figura assim, ficava conhecendo, já tinha ouvido desses personagens, mas não acompanhou o histórico dos anos 60 no Brasil.

D.P. - Você tinha contato com as coisas do Brasil? O pessoal dizia que recebia fita K7, recorte de jornal, o Betinho no arquivo dele é cheio dessas coisas assim. Os irmãos mandavam, a família mandava, *Veja*, revista tal. Você não tinha essa coisa do Brasil?

R.C. - Muito raramente chegava alguma coisa. Chegava o queijo, uma goiabada e uma revista, mas era raro, por conta da Cortina de Ferro, da separação.

L.O. - Então está lá, passa por esse seminário presbiteriano em Chicago, antes de...

R.C. - É, para ter um lugar onde ficar e morar até esperar a entrada na Columbia. O seminário é um lugar também de pós-graduação, seminário de pós-graduação e presbiteriano, conhecido em termo de cultura, tal, interessante, mas eu estou lá isoladão esperando o tempo passar, e morando em Chicago. E aí venho um pouco antes para Nova York, ainda passo um mês morando numa igreja ali no Washington Square, uma igreja metodista que a Margareth Flory me arruma para eu ir morar, que tinha uma pastora lésbica. Então era uma das primeiras igrejas... *lésbica e homossexuais* lá no período, que estava começando essa história. Isso foi em 69. Jacqueline, a Jacqueline tinha morado no Brasil, daquela turma, CEB, turma da esquerda cristã que veio como missionários para o Brasil, trabalhar com jovens aqui depois se foi. Quando ela veio aqui ela era *straight*, era direitinha. Voltou para os Estados Unidos descobriu a vocação, virou uma pastora de uma comunidade gay, ali em Nova York. E eu fiquei morando nessa igreja ainda um mês, com ela, esperando o tempo passar, até que finalmente chega o momento de entrar na Columbia que foi em setembro. Aí eu mudo para lá.

D.P. - Você tinha bolsa?

R.C. - Tinha bolsa.

D.P. - Dava para se manter?

R.C. - Dava.

L.O. - Uma curiosidade. Nesta época, depois de Nova York, você encontra com a Joan Dassin, que depois vai ser da Ford?

R.C. - Acho que sim, acho que sim.

L.O. - Quem fala da Joan Dassin, outra figura que também fala que tem a ver com “Tortura Nunca Mais” e tudo, que é o Ralph Della Cava.

R.C. - O Ralph, meu querido amigo, morei um tempo na casa dele, inclusive, que era na LaSalla Street, 125, em Broadway, tem uma entradinha, prédios grandes, ficava em um quartinho na casa do Ralph.

L.O. - Quer dizer, tinha...

R.C. - Tinha uma turma.

L.O. - Uma turma de americanos...

R.C. - Brazilianistas.

L.O. - Brasileiros ou brazilianistas, que de alguma forma também trabalhavam nessa coisa de divulgar...

R.C. - Tortura, exatamente. Eu participei ativamente desse grupo. E tinha, como era o outro cara... De novo a conexão protestante de esquerda, porque você tinha ali a universidade, o Ralph era de Queens, acho, ou da New York University, não lembro direito, tinha uma turma da Columbia, o Ralph mora perto da Columbia, se caminha, Columbia era na 126, ele na 125, e ali perto é a sede do Conselho Nacional de Igreja, o correspondente americano do Conselho Mundial de Igreja, Riverside Drive 175, decorou assim, era um point, realmente, Conselho Nacional de Igrejas, que na época era uma instituição de peso, também tinha toda uma expressão importante na cultura americana, na cultura liberal americana, Martin Luther King, aqueles períodos, esses personagens circularam em torno desse universo Conselho Mundial de Igrejas. Esse pessoal que tinha essa marca brasileira estava por aí, entre a universidade e o Conselho Nacional de Igrejas. Um deles era o Jovelino, já falei do Jovelino. Jovelino muito malandro inventou uma sigla, arrumou um emprego lá, inventou um emprego para si mesmo lá no Conselho Nacional de Igrejas que era Justiça, Liberdade, Igualdade Racial de gênero, juntava todas as boas causas, virou diretor disso aí durante anos, lá no Conselho Nacional de Igrejas. Aí juntava um monte de amigos, gente que tinha um trabalho lá para o Jovelino, ele tinha esse setor que juntava tudo que era politicamente correto. E o Ralph, Jovelino muito ativo, Amália Ramos que havia se casado com ele, que esteve aqui também, os dois casados, então tinha uma turma boa, acho que a Joan Dassin também. Aí se trabalhou muito o tema da tortura, com muita divulgação, campanhas e tal, encontros, palestras, cada brasileiro que passava era convidado, então era um nucleozinho que animava.

D.P. - E você estava nessa coisa envolvido aí?

R.C. - Estava.

L.O. - Abdias Nascimento já morava lá?

R.C. - Ah, sim. Abdias Nascimento morava ali, sim, falava e era uma bela figura, adorava ele. Ele com a mulher dele, uma americana. O Abdias chegou um pouco mais tarde, mas entrou de cabeça nesse grupo. A gente se encontrava sempre, era a turma, sempre se vendo. Eu tinha duas turmas, essa turma e a turma polonesa, ficava entre os dois grupos. A minha mulher na época afinal veio a ser polonesa, então.

D.P. - Você casou com uma polonesa?

R.C. - Não casei, mas morei. Quer dizer tinha uma relação muito próxima.

D.P. - Mas ela veio com você?

R.C. - Não, não, encontrei na...

D.P. - Encontrou lá.

R.C. - Uma boa turma que eu reencontrei em Nova York veio migrada da Polônia também pelos episódios de 68. Então eu reencontrei lá colegas de Varsóvia...

D.P. - E essa sua mulher você já tinha conhecido ela lá, não?

R.C. - Não, vim a conhecer na Columbia. Eu frequentava tudo que tinha a ver com Europa do Leste, porque me interessava e ela também, a gente se conheceu ali. Então ficava entre os dois setores, América Latina e Europa do Leste.

L.O. - Exilados do Brasil e exilados da Polônia.

R.C. - E adjacência, porque sempre tinha um tcheco no meio, uma russa, pessoal *mucho loco*.

D.P. - Nessa altura você já falava o polonês, o inglês já estava falando bem...

R.C. - O francês, um pouco de russo, aprendi um pouco de russo, mas depois fui perdendo. E aí com esse pessoal a gente recebeu lá, recebeu Marcio Moreira Alves, recebeu Jamarca, a gente organizou vários eventos recebendo a turma que chegava em 69, 70.

D.P. - Essa é uma história pouquíssimo contada. Fiz uma entrevista superlegal com a irmã de Arraes, Violeta Arraes, que ela foi uma pessoa chave nessa coisa da Europa.

R.C. - Exatamente. Ela era uma referência. Inclusive todo mundo tinha que passar pela Violeta. O outro era o Miguel Reale que acabou de morrer. O Miguel Reale era outra referência porque ele era o correspondente do *Estadão* em Paris, desde sempre, não quis voltar, era aquele correspondente de confiança, superprofissional, acordava cedo, cinco horas na frente, fazia a materinha dele legal, lia os jornais que trazia as notícias do dia da Europa, mandava e pronto. Aí ia curtir Paris, a família, teve uma filha que virou modelo, modelo importante em Paris, tal;

todo mundo passava na casa do Miguel Reale. Como era jornalista do *Estado de São Paulo*, tinha essa coisa do jornalista, referencia lá, então era mais a elite política que passava pela casa dele. Mas era impressionante. Então tinha dois polos lá em Paris, eu acho, que era a Violeta e o Miguel Reale Júnior.

D.P. - Quando deu o golpe no Chile, também é uma demandada, aí você lá fazem várias coisas.
R.C. - É. A mesma coisa, chega muito chileno e movimento de solidariedade e tal. Aí já tem mais ampla a coisa do latino-americanismo. Já tinha uma rede de latino-americanistas especialistas de solidariedade. Havia nesse período, nos anos 70, o tempo todo, uma animação dessas várias formas ou de perdas ou de recuperações, conquistas e tal. E também, Columbia, universidade americana, aquela coisa *fantástica* de presença, convidavam todo mundo que passava então tinha sempre gente interessante passando, passava por lá dava uma palestra, fazia alguma coisa, eles tinham costume do *brown bag lanche*, você compra seu sanduiche, põe no saco de papel, vai para o seminário, fica comendo, enquanto os caras falam, termina o almoço, todo mundo vai embora. Aí chegava lá no *International Fairs Building*, um prédio extraordinário, cada andar é um continente, só especialistas do continente. Aqui você está na China, aqui você está na África, Saara, América Latina; o elevador embaixo, aqueles papeluchos colados com durex, bem meio vagabal assim, *cheio* de palestras do mundo inteiro, você escolhia, “vou ver um turco ali”, um mercado de conhecimento. Vi aqui agora na FGV, estava esperando lá embaixo, uma coisa bem organizada, passando na televisão, uma coisa bem organizada, professor tal, sala tal, sala tal, era aquilo só que numa zorra de papel colado, uma coisa mais animada. Passei agora lá, mês passado, fui na Columbia, fui nesse prédio para ver, ainda tem, está um pouquinho mais organizado, mas ainda tem a coisa dos papeluchos. Já é mais impresso, porque naquele tempo era escrito com pilot, hoje em dia está... computador já organiza um pouquinho, mas ainda tem essa dinâmica maravilhosa. Um lugar de passagem como Nova York, o tempo todo alguém interessante.

D.P. - Você caiu no filet mignon.

R.C. - É muito legal essa coisa de você estar...

D.P. - Você vai estudar o que, Rubem, lá, qual o seu tema?

R.C. - Aí, vamos lá, onde está a cabeça? Lá na Europa do Leste. Em particular com quem? com meus professores. Que eram quem? Eram Leszek Kołakowski era o [Bruni Sorbático, Chistopónia, Andi Walitsky]*4 e Jerzi Szacki, tinha uma meia dúzia de figurões, aí eu resolvo estudar a “História do pensamento na filosofia social da Polônia no pós-guerra”, a minha esse

de doutorado foi sobre isso. Um assunto um pouco visitado e que, basicamente, era entre Hegel e Marx, o debate intelectual era isso, ainda era o debate da época, embora estivesse passando, mas eu ainda estava com a cabeça nesse debate. E numa versão polonesa disso aí, e a versão polonesa é uma versão, uma tragédia, a versão do paradoxo, não é... Nesse tempo você tinha algumas figuras que ganharam expressão que pretendiam ter a verdade. Você tinha o Althusser que de repente veio com a ciência e o marxismo, matou um monte de gente, não só a mulher, mas um monte de gente que pensava, tinha a cabeça pouco aberta, ele via aquele castrador, aquela coisa horrorosa de pseudociência, rigor, o tal do rigor francês baixou ali juntou com o marxismo fez um estrago em todo mundo que tentava... não conseguiam pensar mais nada, batia naquele cara e ficava entulhado, perdia a capacidade de imaginação e tal. Você tinha esses fenômenos mais na Europa, e algumas figuras assim fortes do pensamento marxista, mas numa tentativa de revisão, mas pretendendo encontrar um caminho de verdade. E a versão polonesa, nessa geração, é que esse campo de reflexão é um campo paradoxal, é um campo de dilemas, paradoxos, antinomias, então você não consegue superar as contradições, as teses, os valores e tal, então é um campo trágico, digamos assim, de pensamento. É por aí. E eles expressaram isso através da história da filosofia, então cada um deles é um historiador de filosofia de peso. O Bauman faz parte dessa turma, foi também parte da minha tese. Então esse pensamento é um pensamento situado na vertente marxista do pensar, mas já, digamos, um pós-marxismo no sentido de explorar as antinomias. O título da minha tese foi “Antinomias da liberdade”. A ideia de liberdade, uma ideia que não se realiza está sempre em vala de dilemas, confrontos, tensões e tal, e o segredo da jogada é viver as tensões, porque saída não tem. Então foi essa tese. Eu tentei demonstrar que havia um pensamento comum. Porque eles não se diziam portadores de uma filosofia própria, não era assim, mas era um pessoal que pensava junto, foi desenvolvendo um estilo de história da filosofia e ensinava... Também no socialismo como não podia se falar muito abertamente, tudo se dizia através da história. A coisa da história foi um campo que se podia fazer as reflexões que quisesse. Por exemplo, um livro que é marcante do Kolakowski foi a *História da reforma protestante*. Mas é a reforma, da reforma, da reforma, off, off, off, [broader]*5, aquela coisa bem lá nos reformadores mais radicais que tentam realmente reformar a igreja e acabam sem igreja, então são cristãos sem igreja. Ele faz um levantamento, uma pesquisa enorme, superinteressante dos pequenos reformadores tentando ser verdadeiros para percepções fundamentais da reforma protestante. Então esse livro é um livro importante, marcou muito. E o [inaudível] estuda Rousseau, iluminismo, vira um

especialista em iluminismo, o Valitski estuda populismo russo, pensamento russo, é um especialista de pensamento russo, o Christopher é um pensamento medieval, cada um foi pegando um campo da história do pensamento e explorando essa temática, essa temática dos dilemas. E aí a minha tese foi isso, tentar mostrar que havia alguma coisa em comum naquele pensamento, que esse conceito de antinomias de dilemas da liberdade. Então a tese que eu fiz foi isso, deu uma trabalhadeira danada.

* 1 a 5: Mais próximo do que foi possível ouvir.

[FIM DO ARQUIVO I]

D.P. - Quem foi seu orientador?

R.C. - Lenard Triguer, que era um professor da universidade que não sabia nada do mundo da Polônia, do pensamento do leste europeu, mas que sabia de hegelianismo, história da filosofia social, ele sabia bem, então foi um bom diálogo, uma pessoa legal, um cara legal, mas realmente não entrava na questão. Então o que eu fazia era conversar muito com esses próprios autores porque... eles achavam divertido porque ainda relativamente ativos, muito ativos, alias, tinham saído da Polônia em 68, todos, salvo o Szacki e Valitski que também não viajou. Mas os outros todos viajaram, seus alunos, seus assistentes, tinha tudo isso, mas continuavam no exterior, sobretudo na Europa. O Kolakowski ficou um tempo em Harvard. Então era a coisa de eu ir procurá-los e conversar e tentar explorar, “é isso mesmo, estou certo?” Aí eu chegava me arrastando de quatro, na maior humildade realmente, porque a gente chegava aos pés da Europa em termos dessa formação toda, aquela coisa da Europa como celeiro realmente do pensamento histórico, pensamento social, da filosofia e tal, então eu sempre “é isso mesmo?” e viraram meus amigos, finalmente. Então uma coisa que eu frequentava assim e tal, então, de fato, meus orientadores acabaram sendo eles, eu fazia entrevistas que eram também um pouco diálogo, então é quase como se eu fosse um aluno, um discípulo tentando juntar o que eles já haviam dito, ensinado. “O que vocês ensinaram, foi mais ou menos isso, corrige aqui, corrige ali, está correto?” Então de fato a orientação mais para valer foi dessa turma, da própria turma. E tinha um polonês na universidade que era um especialista de...tinha um cara importante lá, [Jiajinski]*¹, acabou sendo um assessor de um dos presidentes, não sei se [inaudível], um desses presidentes da república, ele acabou indo para lá para orientar a política em relação a União soviética, que era um cara com publicações importantes relativos ao leste europeu, tal. E ele tinha um assistente que eu esqueci agora o nome que se interessou pela tese e acompanhou a

tese, os dois poloneses, e achava curioso que um brasileiro estivesse fazendo a tese, estivesse tão interessado realmente. Aquilo ali me dominava totalmente, o pensamento, livros difíceis, coisas complicadas de entender, mas também me oferecia, digamos assim, cursos de suporte para os créditos para você poder entrar nos temas, então foi muito legal, foi período assim... eu só estudava, não fazia outra coisa a não ser umas reuniões lá sobre tortura no Brasil.

L.O. - Nessa história eu me pergunto, você em algum momento pensou em ficar por lá? Porque voltar ao Brasil?

R.C. - Então, teve um momento...

L.O. - Não digo voltar para a Polônia porque a Polônia não dava, mas...

R.C. - Depois eu pensei em voltar para a Polônia. Mas nos Estados Unidos teve um momento em que eu estava terminando a tese, isso foi em 74 e eu tinha que pensar, fazer essa pergunta, não para sempre, eu sempre pensava em voltar ao Brasil, mas trabalho, terminando a faculdade, cheguei a dar aula na Columbia nesse período, terminei o doutorado já dando aula, dei aula lá dois anos.

D.P. - Aula de filosofia, você estava nessa área de filosofia, não é?

R.C. - Filosofia social, assim, nessa área aí. Era uma cadeira chamada de, curiosamente, de história contemporânea, mas de contemporânea não tinha nada, começava lá nos pré-socráticos também, a mesma ideia do Landinho.

L.O. - Você realizando o Landinho.

R.C. - É aquela coisa, é o mundo ocidental, como é o mundo ocidental? Você tem que entender Péricles, tem que fazer lá, Aristóteles, isso que é o mundo ocidental, é a história da Grécia, Idade Média e tal. Era uma cadeira de introdução às humanidades para o pessoal dos alunos da graduação, e eu me divertia muito, uma boa cadeira, interessante, boa leitura e tal. Eu ganhei um tempo, um dinheirinho na Columbia já nessa fase, dando aula, no final do período do doutorado. Mas aí veio essa história de tentar um emprego nos Estados Unidos, aí distribuí meu currículo em algumas universidades, fiz algumas entrevistas. E uma lá, como chamava, uma universidade lá no *middle west*, você ia para Chicago, chegava em Chicago pegava um aviãozinho desses que voa baixinho, vai embora, olhava para baixo, só tribo, não via outra coisa, aqueles ricos assim, aquelas casinhas, tribo, tribo, tribo, dizia: “meu Deus, onde estou indo...” chegou, Urbana Champaign o nome da cidade. Aí eu cheguei já tinha um carro enorme me esperando, aqueles carros americanos em um aeroporto pequeno. Praticamente cidade universitária, não tinha muito mais. Aí, “meu Deus, onde eu estou?” O cara me leva, vai falando

mal da universidade do aeroporto até a universidade, reclamando da vida, pô, já chego lá, primeiro tem um coquetel, “agora, professor, vamos para a sua palestra.” “Palestra? Não me preparei para palestra”. “não, está previsto uma palestra”. “eu não preparei palestra, ninguém me avisou”, “Mas faz parte, tal”. Me levam para a palestra. Eu me lembro, era como se eu tivesse assim naquelas cenas do Charles Chaplin, aqueles balés, o cara vai assim depois vai assado, e as pessoas olhando e eu dando um espetáculo de *non sense*, sobre a tese, “por favor, fale de sua tese”, e eu falando, imagine, essa confusão da antinomia da liberdade para o pessoal de Urbana Champaign. Eu sei que depois da palestra um pessoal mais jovem chegou para mim e disse: “sensacional, poxa, você fumou um baseado...” [risos]. Nessa altura, esse cara maluco, não vale nada. Eu sei que criou-se uma certa polêmica e perdi, não fui convidado. Aí no fim do dia, eu dormindo, para no dia seguinte vir embora, algum bate na porta, era um brasileiro, professor exilado, que morava em Champaign, com uma garrafa, “vamos conversar”, ficamos conversando, um cara infeliz, uma tristeza, isolado, nós dois bebendo, aí rimos, “que merda de lugar, como você veio parar aqui, cara”, a gente já se conhecia, algum tipo de conexão. Depois disso, falei: “não vou ficar nos Estados Unidos, Deus me livre”.

L.O. - O risco de você pegar uma coisa dessa era muito alto.

R.C. - Muito alto. Então perdi a vontade de trabalhar lá. Se fosse necessário ficaria, mas em princípio não.

D.P. - Nesse momento você já está organizando o livro “Memórias do exílio”?

R.C. - É, isso já foi...

D.P. - Já foi para trás. Quando você estava no início do doutorado, mais ou menos, logo que você chega lá?

R.C. - É, 70, 72, 73, aquela história.

L.O. - E aí, se voltou, porque Campinas? Nós estamos acompanhando a sua trajetória.

R.C. - Então, no intervalo aí, já que estou falando da minha vida pessoal, tem um outro capitulozinho interessante, que junta as pontas e tal. Eu fumava muita maconha, mas nada muito mais. Tentei uma vez LSD, fiquei com medo, tal, então me recolhi para maconha e haxixe, ficava nisso. E todo mundo fumava, não era só eu, eu a torcida do Flamengo, a garotada toda na universidade, muita música, psicodélica, muito legal, que nem a bossa nova aqui, aqueles anos de criatividade cultural e musical, jovem, tudo muito jovem, beleza pura, coisa maravilhosa. Então assim, o que a gente viveu aqui nos anos 60, lá mais para os 70, virando os 70, realmente sensacional. E eu estava lá nessa história e tal, e aí um dia fumando maconha eu

faço uma viagem ruim e fico com medo, começo a ficar meio paranoico. Aí ligo para o Jovelino,”Jovelino, estou mal de cabeça, posso dormir na sua casa? “Vem para cá e tal”, aí vou, durmo na sala, apartamento do Jovelino ali em Nova York, perto de Columbia, e aí de manhã cedinho os dois filhinhos dele, ele tinha um casal de gêmeos, me acordaram. Eu acordo, olho para eles assim, e tenho impressão que vou matá-los, que vou agredir os dois meninos, que eu não consigo controlar esse desejo, uma coisa de destruir uma coisa frágil como duas criancinhas, engatinhando, aquilo me apavora demais, grito “Jovelino, estou passando mal, estou com a cabeça ruim, não sei que”, eu sei que fico mal de cabeça. E aí tentei algumas coisas; na Columbia tinha um pessoal que oferecia dar um tratamento, desde que você passasse por alguns testes. Selecionava algum tipo de patologia mental e aí exploravam isso como campo de pesquisa, você não pagava nada, mas você tinha que se encaixar na doença que os caras estavam pesquisando ou vai buscar outro apoio, aqui é isso. Aí eu fiz até um exame desse negócio, mas não passei, os caras não se interessaram pelo meu drama. Fiquei numa situação muito inseguro, passei alguns meses vivendo essa coisa, tinha medo de andar na rua, de fazer uma besteira, via uma pessoa se aproximando com uma bengala dava vontade de chutar a bengala da pessoa, um agressivo assim estranha.

D.P. - Você parou de fumar maconha ou continuou?

R.C. - *Parei.*

D.P. - Ficou apavorado.

R.C. - Fiquei apavorado.

D.P. - A *bad trip* foi se estendendo?

R.C. - É, e ficou na minha cabeça. E com esse sentido agressivo e contra coisas frágeis, entendeu? Pessoas, situações e tal. Aí eu ouvia vozes, fiquei meio piradinho. Aí eu falei, gente... isso foi se estendendo, e aí conversei com o Richard Shaul, nessa altura morava em Filadélfia, era professor em Princeton, que não é longe. Aí o Shaul falou: “vem morar comigo, você já está... já tinha feito os créditos, então, vem morar comigo, você fica pesquisando lá e te dou um apoio, a gente vive numa comunidade.” Parece coisa desses carinhas que ficam passeando pelas histórias. Então tinha em Filadélfia um bairro que é um bairro de comunidades, uma casa atrás da outra, aqueles casarões, cada casa dessa um monte de gente vivendo junto tentando viver aquela ideia de comunidade, da contracultura. E o Shaul tinha um grupo desses que era, que eram os alunos dele do seminário, de Princeton, já tinham também terminado o crédito geral, moravam juntos, tinham duas casas ligadas ao Shaul. Então me convidou para ir morar

lá, que viver na comunidade eu me sentiria mais protegido, e os caras fumavam o tempo todo. “Não precisa fumar não, se você não quiser...”. O Shaull tinha esse barato, nesse momento ele estava explorando a coisa da sensibilidade e a relação entre sensibilidade e pensamento e teologia e mística, então ele estava explorando essa linha de pensamento, se aproximando. Então ele já tinha se aproximado da teologia do mundo marxista, América Latina no Brasil e agora estava se aproximando do mundo da contracultura nos Estados Unidos, vivendo em comunidade, e os caras fumavam maconha, tomavam uns troços e ficavam passando uns cremes no corpo um dos outros para ver que ideia que vinha em função disso.

D.P. - Mas o Shaull participava desse negocio ou só...?

R.C. - Participava também, *plenamente*, ele já um senhor, teólogo, mas ele se esfregando aqueles cremes todos para ver se alguma verdade mais profunda...

D.P. - Para quem está pirado isso é um prato feito...

R.C. - Você está no ambiente certo, nada é estranho. Então, eu vivi nessa comunidade quase um ano. Estudava e tal, mas fiquei morando com essa turma.

D.P. - Você fazia algum tratamento psiquiátrico, psicanalítico?

R.C. - Não, não, só com eles ali, aos pouquinhos fui retomando. E o desafio é, tem que fumar de novo, não vai poder ficar com trauma de não poder fumar. “Quando você tiver legal você fuma de novo e vê se...”, até o dia que eu pude fumar de novo, aí, falei: “estou curado.” [risos]. Aí nunca mais tive viagem ruim. Por longo tempo eu curtia muito, eu ria, gostava, recuperei a liberdade...

D.P. - E a coisa passou toda?

R.C. - Passou totalmente. Às vezes ouço algumas vozes, mas fora isso... [risos]

D.P. - Não vai querer matar ninguém...

R.C. - Não, essa fase ruim passou. Então foi um período de quase um ano de recuperação disso.

D.P. - E você estava casado com a polonesa nessa época, foi antes?

R.C. - Aí comecei a namorar a filha do Shaull. Ela morando lá.

D.P. - Mas a polonesa, já tinha separado?

R.C. - É, aí tinha separado um pouco, depois voltamos. Tem uma historia curiosa que nesse período, a guerra do Vietnã está acontecendo, movimento contra a guerra do Vietnã, e bate lá e diz: “tem um rapaz aí que está fugindo do *drafted*, um italiano, que está querendo se esconder. Vamos esconder o rapaz porque ele está sendo recrutado para ir para a guerra”, tal, aí ele foi morar com a gente também. Tinha eu e esse outro que não era da turma, era um pouco assim

agregado. E ele era um rapaz bem moreno, bem italiano, bem cabeludo, esses caras meio sul da Itália. E na outra casa tinha um casal que eram os líderes da casa, que era um casal bonito. Então o rapaz era realmente um rapaz bonitíssimo, um cara todo estiloso, a favor da liberdade tal, e a mulher dele um pouco mais frágil, mas uma pessoa também atraente e tal. E a mulher começa a dar mole para o italiano. O italiano, “que eu faço, essa mulher dando mole para mim...”, ele era bem operário, um nível que não entendia dessa contracultura. E aí ele começa a ter um caso com a mulher, ela era chefe do grupo. Era uma coisa muito estranha porque aquela ideia de que você tem aquela coisa de liberdade sexual, sexo livre, tudo a vontade assim, o italiano não entendia e o resto todo entendia, todo mundo entendia, mas, de fato, o marido começa a ter ciúmes, evidentemente, não resiste a coisa, sei que ficou um pequeno drama isso, me guardou na memória essa história desse confronto entre o operário italiano e a contracultura.

D.P. - Moderninha.

R.C. - Moderninha. Mas foi um período que eu continuava estudando para a tese, escrevendo e ao mesmo tempo sendo cuidado por uma comunidade, uma comunidade de amigos. Então novamente o grupo protestante sendo muito importante em termos de... E tinha uma outra figura, outra pessoa que morava lá, que nesse momento estava namorando o Shaul, Bárbara Hall, uma teóloga, já falei dela, acho, especialista em Paulo, grande especialista em Paulo no estudo bíblico, e que nessa contracultura toda, o Shaul largou a mulher em Princeton e começou a namorar a Bárbara que era aquela diletta estudante, um pouco discípula dele. Então tinha um ambiente meio comunitário.

D.P. - Essa abertura desse mundo, porque esse mundo católico é muito mais rígido, ou mesmo nas outras seitas, totalmente diferente, não é?

R.C. - Sem dúvida, é.

L.O. - Mas isso acontece um certo tempo, não significa que marchou desse jeito o tempo todo. Vai e volta.

R.C. - Mas é um ambiente do mundo liberal, da teologia liberal, se diz tecnicamente teologia liberal. É o grande campo.

D.P. - Imagina, você está contando, 40 anos, essa pastora, aquela mulher que você falou, Jacqueline. Isso no mundo católico...

R.C. - E pastora de uma igreja, uma igreja conhecida...

D.P. - Shaul, que você está contando essas histórias também, ele ter essa comunidade, incrível.

R.C. - Duas comunidades, duas casas composta de seminaristas de Princeton que é um seminário de alto nível, e que fazem esse esforço... aquela [inaudível] um besteiro, mas é um esforço de reflexão teológica num estado alterado de consciência. Aquela ideia, se você superar os limites do pragmatismo, do realismo diário, você chega a níveis mais interessantes de pensamento, Aldous Huxley, essas coisas. Eles estavam nesse campo de experimentação de vida, vivendo em comunidade, experimentando um pouco troca de parceiros em comunidade; uma maneira delicada, nada de suruba, uma coisa dentro de certo limite, mas uma coisa geral, direto, tomando alguma coisa para fazer aquelas sessões de reflexão em grupo; aí gravavam para ver se saía alguma coisa, porque depois esqueciam, o cara estava meio pirado. Aí não saía nada. O Shaull escreveu dois livros sobre isso, sobre esse período da vida dele, mas não souo muito interessante, eu acho.

L.O. - Como você sai disto, tropeça no Brasil...?

R.C. - Aí tem essa coisa em Filadélfia, volta para Columbia para terminar a tese, aí meu pai leva um tiro num assalto lá em Niterói. Eu recebo um telefonema dizendo: “Rubem, teu pai levou um tiro num assalto, está mal, está no hospital, seria bom se você pudesse vir, não se sabe se ele sobrevive.” Isso foi em 75. E aí eu fico totalmente fora de mim porque eu tinha tido um Édipo aguçado, todo mundo dizia: “é cara da mãe”, e o papai era duro comigo. Eu o respeitava por várias situações, mas nunca tivemos muita intimidade porque eu era todo para o lado materno, digamos, em termos de estilo, de cabeça. E aí me dá um desespero que meu pai vai morrer e eu não vou reencontrar com ele.

D.P. - Só uma perguntinha, você passou dez anos sem ver a família?

R.C. - Eles me visitaram na Polônia, foi muito legal porque eles não tinham a menor ideia daquilo e fui pegá-los em Gênova, foram de navio, aí fui pegá-los na Itália e viemos de carro, comprei um carro para isso, um Opel, verão, uma curtição, vim pela Itália, Veneza, Budapeste, Praga, só coisa boa, Cracóvia e Auschwitz, até chegar a Varsóvia. Para eles era conhecer um pouco o mundo que eu estava vivendo, eles e minha irmã. Então foi uma viagem que marcou muito a família, se rever e de conhecer aquelas coisas todas. Eu morrendo de vergonha deles, eu ainda um adolescentão e eles falavam muito alto. Então no restaurante na Polônia, todo mundo sihhhh, não ouve nada, todo mundo bêbado e todo mundo falando baixinho. E a família brasileira quando entra no restaurante é um esporro, até hoje, um barulhão. Acabei de almoçar num restaurante, um barulho infernal. Então eu ficava assim estranhando. Então eles estiveram comigo nesse período, uma vez. E aí volta essa história de papai, aí e eu tenho que voltar e aí

eu volto. Vou para o aeroporto, o primeiro voo que consigo eu venho, aviso, chego no aeroporto, a minha espera está um almirante que havia tentado me prender em 64, que era um almirante da igreja dos meus pais que está naquela onde do mundo protestante dividido, um perseguindo o outro. Ele estava lá o almirante me esperando com o Ernã, um primo, que era da igreja, ele me pega do avião e me leva por dentro sem passar pela alfândega, por nada, em 75, e me pede desculpas. Havia percebido que tinha sido um grande erro da vida dele, aquelas coisas de 64, tal, e meio que um pedido de desculpas. Era muito próximo da família, negócio de igreja e tal, nessa altura já tinham se conciliado, papai tinha ficado um fera com essa turma, claro, e aí já tinham se reconciliado e esse almirante me fez esse favor, me botar para dentro sem problemas. Isso foi em meados de 75.

D.P. - Você não ficou com medo quando você veio para o Brasil? Você estava com vontade de ver seu pai, mas ainda estava ditadura aqui, mas você achou que era mais forte...

R.C. - Não, estava tão tomado pela ideia de perder meu pai, que nem me ocorria, de algum jeito vai se virar. De fato, até teve um acidente no avião, estourou o pneu do avião na hora que ele levantou voo em Nova York. Então a gente ouviu a explosão do pneu, aquele barulho, o piloto disse: “furo um pneu e a gente resolveu continuar, porque para baixar aqui ou baixar no Rio o risco é igual. Temos todo tempo para preparar a chegada ao Rio, uma aterrissagem com cuidados, não deve ser maiores problemas...”, então ouve uma aterrissagem de emergência no Rio. Eu me lembro claramente o meu estado de espírito, era tal, que eu não me importava nada, se o avião vai quebrar, não vai quebrar, eu não estava com isso, estava com a ideia da perda do meu pai, a ideia de perdê-lo sem a gente se reencontrar. O fato de estar ali o almirante foi uma surpresa, ele vestido de almirante, naturalmente, todo de branco, na porta do avião, disse: “sujou”. Mas não, ele me trouxe. Aí com meu primo, ele me leva para o hospital, acho que até antes do hospital, porque não podia visitar, papai estava fechado na UTI, isso foi em Niterói, meu pai era de Niterói, me levou naquele restaurante de peixe lá em Jurujuba, pô que beleza, aí conversamos, ele me explicou tudo como havia sido. Aí fomos para o hospital, até papai voltar, ele sobreviveu, uma afasia muito forte, mas sobreviveu. Mudou a vida dele, era ativo, médico, tal, não pode mais exercer a profissão, mas o resto da vida dele acabou sendo uma vida feliz, ele conseguiu ultrapassar essa dificuldade e eu fiquei um mês ainda com ele. E aí teve uma confusão, negócio de correria, ainda perseguição, alguma coisa aconteceu lá com o pessoal do processo que eu estava, aí quando fui, saí pelo sul, saí pela Argentina. Sair para voltar para os Estados Unidos.

D.P. - Pensei que você tinha vindo de vez.

R.C. - Não, eu volto para terminar a tese. Mas aí, de fato, estou aqui, fico um mês, fico ali acompanhando papai, papai se recuperando, vejo que vai se recuperar, umas situações detestáveis da nossa medicina, a essa altura, papai tinha sido professor de faculdade de medicina, diretor de hospital, d. Pedro, lá em Niterói, então era um cara conhecido no meio médico do Rio de Janeiro, e quando ele tem esse problema, o problema é que ele tem que fazer uma tomografia, e o único lugar que fazia tomografia na época, que eu me lembre, a informação que eu tive, era lá Clínica São Vicente. Então tinha que ir de Niterói atravessar para ir para a Gávea, longe a beça para fazer essa tomografia, então papai saiu de ambulância, ainda naquela situação frágil, aí diz: os documentos dele, seguro saúde, essas coisas, está no apartamento, deve estar em tal lugar”, então vou lá com meu primo, que foi de muita ajuda nesse momento, a gente procurando, levei um tempo procurando os documentos dele, para poder alcançá-lo lá na Clínica São Vicente onde ele tinha ido. Então chego já com um bom tempo de atraso entre, e quando chego lá papai ainda está no corredor tendo convulsões porque o pessoal da São Vicente não ia deixá-lo entrar, internar, enquanto não chegasse o documento de seguro de saúde, sendo um colega, um médico, professor, estando ali em situação de perigo. Eu fiquei numa indignação, como pode esse tipo de comportamento. Mas ele acabou sobrevivendo e sendo feliz, e a gente se reconciliou, deu tudo certo, foi bem. E aí nesse período eu falei: “vou voltar para o Brasil dane-se.” Também aí já está no fim da ditadura, 75, já é Geisel, então começo a procurar algum tipo de alternativa de volta. Aí um colega que está na Unicamp me diz: “vem aqui, vai ter uma abertura de uma posição em filosofia e vem cá, você faz umas entrevistas, participa da entrevista aqui, você consiga entrar.” Aí eu fui...

D.P. - Quem foi o colega?

R.C. - O Rubem Alves. E aí fui lá, fiz a entrevista, apresentei um... a entrevista era um seminário, tinha que fazer um seminário, fiz um seminário sobre “Antinomias da liberdade no populismo russo”, até publiquei um artigo sobre isso, não, publiquei um livro sobre isso. Publiquei uma introdução longa e uma coletânea mostrando as várias posições do debate no populismo russo, século XII. Aí o pessoal adorou, porque um negócio diferente, assim. E aí me convidaram. Já vou de volta para Columbia, fui para buscar o doutorado, já estava pronto...

D.P. - Você estava falando, mas interrompeu, que você saiu do Brasil com dificuldades.

R.C. - Saiu pelo sul, pela Argentina. Eu tinha um tio, Ben Hur...

D.P. - Nessa altura seu passaporte...

R.C. - Mas tinha uma coisa de perseguição lá naquela turma. Aconteceu alguma coisa na época de procura, de perseguição e tal, o pessoal falou melhor você sair pela fronteira, em vez de sair no aeroporto, de repente a policia federal te pega, alguma coisa, e deu uma confusão com a nossa turma lá.

D.P. - Quando você diz a nossa turma, quem é a nossa turma?

R.C. - Aquela turma da FNFi...

D.P. - Voltou aquela história... A queda do PCB. Teve uma queda grande do partido comunista nesse período.

R.C. - É, não lembrava direito.

D.P. - Foi isso, foi uma grande queda da turma do partido comunista, pegaram José Teodosio, não sei quem. Acho que março de 75.

R.C. - “É melhor você sair pela fronteira.” Aí eu tinha esse tio, irmão de minha mãe, o Ben Hur, um personagem fantástico, que era muito gozado, muito audacioso, muito corajoso, histórias da ditadura dele maravilhosas, lá no sul, em Ijuí, ele falou: “vem para cá que eu te levo na fronteira mole, mole, a gente ainda faz umas visitas lá nas ruínas nas missões e tal.” Eu sei que fiz a travessia pelas missões e fui pegar o avião, sem visto de saída, fui pegar lá de Buenos Aires, o voo saiu de Buenos Aires para Nova York.

D.P. - Na verdade sua vinda ao Brasil foi quase clandestina, porque quando você entra você não passa em nada, tem lá o comandante te esperando e você sai...

R.C. - Sai pela fronteira. E aí é terminar a tese e voltar para Campinas, um abraço.

L.O. - Foi feito desta maneira. Me diga uma coisa, aí a parte mais de Campinas você já falou na primeira entrevista, depois vamos ter que fazer igual filme, a montagem.

R.C. - Mas tenho umas coisinhas para contar. Não sei se já não contei, estou perdido. O seguinte, acho que sim.

D.P. - Do Iser você falou, da montagem das caixas.

R.C. - Mas a história de como eu viro antropólogo?

D.P. - Não, acho que não, conta aí que deve ser interessante.

R.C. - Não tem nada de interessante, só historinha de curiosidades. Eu volto, mencionei alguma coisa, porque eu volto para o departamento de filosofia que está tentando se estruturar para ser um departamento de filosofia sério e que opta por uma corrente mais de positivismo lógico, umas coisas assim, filosofia da ciência, uma área que algumas coisas é interessante, linguística que é moda na época, semiótica, e eu chego com história da filosofia que era o meu barato.

Teria um lugar na área, então me põe lá para dar história da filosofia; fazia aquele curso para graduação, realmente não é um troço que se faça no Brasil, aqui não é um lugar para estudar história da filosofia da Europa, de fato. E eu fico meio sem lugar na filosofia, e acho o pessoal muito besta, um pessoal meio enjoado, meio cheio de atitudes e ares, *gente de gravata*. E do outro lado do corredor você tinha o pessoal da economia, Belluzzo, pessoal que depois foi ser governo inclusive, o Jorge Miglioli que tinha voltado da Polônia e está em Campinas, grande amigo, e o que tinha no meio era uma turma da antropologia, que era o Peter Fry e vários outros, que é uma turma *muito interessante*. Então eu vou para a antropologia mais por simpatia do que por opção intelectual, embora eu tivesse um gosto pela antropologia, leitura da antropologia, tivesse já uns tempos, mas era uma coisa assim que era *en passant*, era mais gosto do que profissão. Aí eu vou lá para o pessoal da antropologia: “você não estão precisando de alguém que dê umas aulas para graduação, curso de introdução a antropologia, um pouco de seminário sobre filosofia?” “Ótimo, vai ser legal.” Eles me convidam, mudo para a antropologia, com essa missão de dar todos os cursos da graduação. Eu aprendo antropologia dando aula. Começo a dar teoria da antropologia I, teoria da antropologia II, parentesco, eu vou estudando, assim que eu virei antropólogo.

L.O. - Muito interessante.

R.C. - Mas o bom é que na antropologia, ao contrário, porque o pessoal da filosofia é a maioria morava em São Paulo, ninguém morava em Campinas, a não ser o Rubem Alves que morava em Campinas. E antropologia não, a maior parte morava em Campinas e ali em torno da universidade, numa região mais rural, tinha umas casas bacanas, tinha uns troços...

L.O. - Barão Geraldo, não é?

R.C. - Para lá de Barão Geraldo e para cima. Tinha uns sítios, o pessoal tinha cavalo, se encontrava no fim de semana, aquele ambiente cheio de terreno, então era muito mais gostoso.

L.O. - Outro padrão.

R.C. - Outro padrão. Aí eu compro uma chácara nessa região que era um pouco mais longe, construo uma casa, morei com os caseiros enquanto construía a casa, uma coisa de proximidade legal, fazia festas maravilhosas, os alunos todos, colegas, a turma da antropologia, cada dia era uma festa em algum lugar, era uma alegria ali a antropologia. Ao contrário da filosofia que era aquela chatice, na antropologia você tinha trabalho de campo, um pessoal legal, muita coisa interessante. Para mim foi uma descoberta, realmente.

D.P. - E você pega um tema para estudar quando começa a estudar?

R.C. - Na filosofia fiz um pouco do que eu tinha... um pouco aproveitando das coisas que eu tinha estudado lá fora, para publicar e tal, fiz esse “Dilemas do socialismo” que é esse estudo sobre o populismo russo, que no fundo é um pouco a coisa dos paradoxos, do pensamento socialista aplicado no populismo russo, publiquei isso, fui bem avaliado, foi um livro que o pessoal gostou, e publiquei coisas. Comecei a publicar coisas também na área... para pegar antropologia comecei pela área de religião, era uma coisa que eu conhecia, aí que eu entro em religião popular.

L.O. - Tentando montar os três pedaços porque eu não estava na primeira entrevista, mas eu ouvi. Como é que este, vamos dizer assim, atuante politicamente, transformar o mundo, PC, crente, que depois se converte ou reconhece a praticidade do partido comunista, mas que tem essas outras coisas todas, e de alguma forma uma pessoa que vive isso tudo, muito intelectualmente, você é um estudante, um professor, reflete sobre isso tudo e vai fazer vivência e reflexão. Passa por uma porção de coisas e chega no VivaRio, na atuação, vira um empresário da coisa social. Você é um empresário de um trabalho social, vamos dizer assim. Não é paradoxo, mas é interessante a gente olhando; isso foi se dando, teve algum momento que você parou e falou: “esse negócio desses estudos são muito interessantes, mas não dá mais, não é isso que eu quero fazer.”

R.C. - Isso já foi mais tarde. Isso de fato é no museu.

D.P. - Porque você vem para o museu?

R.C. - Por convite. O Otavio Velho me chamou. Eu estava na antropologia, na Unicamp, fazia na antropologia, na Unicamp, uma participação mais com essa visão política mais filosofante, com viés meio marxista, embora não fosse, mas as pessoas não percebiam porque tinha todo um ambiente de pensamento que vem da crítica interna do marxismo, mas está ali dentro, está dentro daquele universo, as pessoas reconheciam. Acho que Otavio Velho me convida meio que por isso; deve ter sido por algum conflito interno no museu e que reforçava uma facção interna do museu me trazendo, e o Otávio também vinha do Partidão.

D.P. - É, Partidão, está preocupado com religião também.

L.O. - ...os dois, com que era do partido e depois vai para questão...

R.C. - Da religião?

D.P. - E outro que tem um pé aí...

R.C. - Sei que ele me convida e para mim é ótimo porque o que eu quero é voltar para o Rio de Janeiro, o objetivo todo é esse, era isso, voltar para o Brasil significava voltar para o Rio.

Campinas é uma oportunidade de trabalho boa, curti muito Campinas, os colegas, o ambiente, a antropologia devo a Campinas, e a moradia também foi muito boa, gostei de morar lá, e a universidade era interessante. Então foi um período bom, mas foi curto. Inclusive nesse período eu voltei aos Estados Unidos, dei aula por um semestre lá, então não fiquei tanto tempo em Campinas. Aí sou convidado a vir para o museu, venho para o museu.

D.P. - Você é professor convidado ou tem que fazer concurso, alguma coisa?

R.C. - Não.

D.P. - Convidado.

R.C. - Como foi isso? Eles inventaram um jeito de me botar para dentro. Não me lembro de nenhum concurso. Na Unicamp tive que passar por um ritual de dar seminário, mostrar o currículo, defender, tem uma banca que me analisa, no museu não lembro disso. É um convite, eu entro já para ser professor da universidade. Então sou professor logo de cara. Mas o que houve foi o seguinte, que eu vindo para o Rio coincide com o Rubem Alves fazendo a [inaudível], “não quer levar o Iser com você?” Tudo bem, tal, já eu estava trabalhando em torno do tema da religião, aí trago o Iser para recomeçar o Iser aqui. E no Iser é que eu começo a ter esses desvios, não só fazer trabalhos de pesquisa, mas ter algumas atividades que são mais digamos de práticas, projetos sociais e tal, nessa linha um pouco experimental sempre. A coisa do Iser naquela altura era bem experimental. Experimentar com a diversidade cultural, era um pouco exercício antropológico, das várias frentes do Iser, o Iser não era uma linha programática, uma linha de esquerda, assim ou assado, tinha vários tipos de situações, todas meio que de contestação, mas no Iser a gente chega a ter mais de 40 funcionários travestis. Funcionários não, o pessoal que recebia ali, tem um programa com travestis da Lapa e tal, tem programas com o candomblé, tem programas com não sei que, começa a ter uma variedade que é típica do Iser, que eu dou força, na medida que tem a ver um pouco com a minha cabeça assim da diversidade como valor que eu trazia do Iser.

L.O. - Você está entendendo o que eu estou falando. Uma coisa é, “eu tenho um centro, uma coisa que tem esses estudos, eu dou espaço etc,” mas vamos dizer assim, para o intelectual, esse dos livros, ele até olha e fala assim: “graças a Deus que foram embora que eu vou continuar lendo esse livro que eu recebi ontem de Nova York”, ele pode ser mais aberto, mais tolerante, mas tem um momento que é isso mesmo, ele quer ficar quieto num canto lá, fazendo... E tem o outro que migra para essas coisas que depois vai vendo os grupos, a atividade, as coisas, e aí pega o livro, “que chatice, porque esse cara está perdendo tanto tempo, demorou dez páginas

para falar isso, não podia falar em dois parágrafos!” Nada de errado nem com um nem com o outro, mas...

R.C. - Claro, claro. Acho que é o seguinte. Teve um período na vida que eu estudei *muito* e meu objetivo na vida era realmente entender o que eu estava lendo, que eram leituras difíceis, eu tinha muita dificuldade para entender. Então um esforço enorme para entender, dominar aquilo, pensar sobre aquilo, tal. Que foi o período do mestrado e doutorado. Mestrado foi aprender a estudar, eu estava aprendendo a estudar, porque eu saí daqui naquela militância maluca, então, realmente sentar e pensar a respeito, abrir para a literatura toda que está em volta foi um exercício de aprendizado. No doutorado foi eu tentar pensar e estudar. Lendo, pensando um tema que eu devia tentar dar conta dele que foi a história lá das antinomias da liberdade, foi o tema da tese. Isso aí levou uns bons anos, então eu estudei *muito* nesse período, quase que como se eu tivesse que estudar na vida, eu estudei ali. No sentido assim de que estudei muito ali. Mas, talvez, em torno de personalidade, de cabeça, de estudo, de pessoa, meu objetivo de certa maneira era entender aquilo, pensar aquilo, ter uma atenção de verdade naquilo, tenho que entender isso, tenho que compreender essa história. Não era fazer daquilo uma carreira propriamente, de que aí eu... De certa maneira eu acho que eu nunca me imaginei mais capaz do que meus professores, esses da Polônia. Eles me pressionaram muito, eu criei talvez um complexo de inferioridade em relação a eles. Eu chego lá os caras estão discutindo Thomas Mann, a “Montanha mágica” num seminário, aquilo leva horas, não acabam de discutir e o Thomas Mann está em polonês, tenho que entender esse Thomas Mann... Fica mais difícil ler literatura do que livro técnico em polonês. Aquele esforço e tal. Em resumo eu achava, eu nunca vou ser melhor do que esses caras. Não vou fazer disso meu objetivo de vida, de ser um filósofo, não vou. E realmente não me motivava a ponto de fazer disso objetivo pessoal de vida, de carreira e tal. Foi mais uma coisa de entender um drama, que era um drama que fosse do pensamento no qual eu cresci que era a história do marxismo, da revolução, daquela história toda, do pensamento moderno em torno do marxismo. Na hora que eu cheguei numa ideia que me pareceu razoável como ponto de chegada desse processo: antinomias da liberdade, agora eu vou brincar. Acho que eu entendi o que eu penso da vida nesse plano de filosofia. Não achei que eu tivesse nada a acrescentar aquele pensamento, a não ser ficar revirando nele, como alguns colegas fazem, acha uma ideia e depois fica para o resto da vida brincando com aquela ideia. Porque são escritores, são comunicadores da ciência, então ficam trabalhando aquela ideia. Na hora que eu cheguei naquilo ali, está bom, agora o que eu vou fazer? Tem que voltar

para o Brasil, vou para a universidade trabalhar, e a antropologia me abriu um campo de grande alívio, que é um campo de aprendizado no sentido de você estar quase fazendo descrições, no campo do jornalismo, você está descrevendo realidade, aquela coisa de descrição densa, uma coisa que me agradou muito na antropologia. Chegar no concreto, a coisa do Lévi-Strauss, a coisa do concreto, o importante é o concreto. Você encontrar complexidade no concreto, mas para fazer isso você precisa entender muito do concreto, vivenciar muito, ficar ali dentro, ouvindo as histórias, eu gostei de fazer isso.

D.P. - O campo lhe adorava, o famoso trabalho de campo.

R.C. - O campo me apreciava muito, mas de certa maneira eu não estava aprendendo nada com o campo que não fosse relatar certas percepções através de descrições, então era mais um trabalho quase de literatura, de descrição, de jornalismo, do que de estar pensando que eu estava fazendo ciência. Até hoje eu tenho o maior prazer de fazer campo em antropologia, mesmo, um grande prazer, mas um prazer de quem vai a campo aprende alguma coisa e tal. Adoraria poder dar tempo, por exemplo, escrever sobre o Haiti, porque tem muita experiência interessante, não acho tempo porque virei um empresário, é outra coisa. Então isso me dava gosto, mas não é tanto a coisa do livro que eu vou ter que... Então quando você escreve, faz esse trabalho você se imagina num diálogo, como se fosse uma república das letras do século XVIII, você está dialogando com certos autores. Aí você tem aqueles autores referentes, como se você tivesse falando lá como se fosse espiritismo, falando a distancia, dialogando com Bourdieu*2, dialogando não sei com quem, dialogando com Lévi-Strauss, dialogando com Kolakowski, tal, e a tua ideia que algum dia você vai dialogar com eles a um ponto que outros começam a dialogar com você, e você vira uma referência de outros. Então você está num circuito de comunicação intelectual. De certa maneira esse circuito, justamente, foi me interessando menos, e mais essa busca ou das experiências de concreto que eu ia descrever, mas não tenho nenhum livro com pretensões maiores. E tenho então esse gosto do campo, do relato, e ao mesmo tempo um gosto com experimentar ideias. Mas daí experimentar na prática, experimentar ideias em situações. O Iser foi um exercício enorme, nos anos 80, de várias situações curiosas e tal: vamos brincar de prostituta, vamos brincar de fazer o “beijo na rua”. O “beijo na rua” foi muito legal, um período lá todo mês a gente lançava um número lá na Lapa, no cabaré, o strip-tease, o pessoal distribuindo, aquela coisa, então para falar das prostitutas, do sexo, não sei que, um gosto de escandalizar, um pouco, de provocar, e virei presidente da Associação de Prostitutas do Rio de Janeiro, um do título que eu tenho.

D.P. - Ah, é?

R.C. - É.

D.P. - Gabriela.

R.C. - É, Gabriela e uma outra turma da Vila Mimososa; me deram um título lá numa conferência, presidente de honra.

D.P. - Essa coisa que você estava conversando antes...

R.C. - O que eu estou querendo dizer que foi mais esse lado de talvez de experiência, fosse mais interessante para mim experiências com o social e experiência com valores, de é possível testar certos valores, testar situações, descobrir saídas para dilemas, alternativas. Não que você tenha linha correta, mas que é possível você trabalhar num contexto. Isso foi uma coisa que me mobilizava mais, afinal de contas, do que o diálogo com os colegas, e meio que um diálogo à distância, meio espiritista. Quando começo essa história de Iser e museu, paulatinamente eu vou ficando mais Iser do que museu. E algumas pessoas no museu começam a não gostar disso, começam a ficar irritadas.

D.P. - Isso que eu ia falar, esse seu momento Iser se dá no momento que você está na instituição mais acadêmica que tem no Brasil, uma das mais que é o Museu Nacional, que tem um preconceito com a coisa das ONGs, com esse mundo. Aí fica uma relação difícil ou...?

R.C. - Fica uma relação... todo mundo ali na boa e respeitoso e tal, mas começou haver alguns sinais de que “pô, o cara para pouco aqui, tinha que dar mais tempo aqui”, até que eu... Enquanto isso está rodando uma coisa importantíssima que é anistia, então, sabe de uma coisa... Na anistia tinha uns processos, um monte de gente pendurada lá, uns advogados especialistas nisso cuidando da anistia de um monte de gente. Aí eu entrei num rol desse de anistiados e disse o que eu quero é tempo, não quero dinheiro, quero tempo. Como eu tinha sido Iseb, não foi difícil ganhar reconhecimento de eu tinha... tinha documentação do Iseb, estava empregado em 1964, e aí esses anos todos... e aí foi a minha malandragem, consegui dizer aos colegas lá dentro: de fato, ganho pouco, acho que vou me aposentar, mas tive pelo menos a hombridade de me aposentar sem dedicação exclusiva; aí teve aquela discussão, “faz sem dedicação, nunca tive dedicação exclusiva, não vou pedir não.” Aí me aposentei sem dedicação exclusiva. Em alguns momentos me lamentei por causa do valor do salário, mas pelo menos saí na moral, e aí então foi isso. Porque no Iser era possível fazer pesquisa, tinha um ambiente de pesquisadores, mas era possível também fazer experiências de natureza social.

D.P. - Essa grande preocupação com o Rio de Janeiro, a violência - Rio de Janeiro, como isso bate?

R.C. - Isso é uma próxima conversa.

L.O. -É, essa aí é outra. Vamos ficar...

*1 *2: o mais próximo do que foi possível ouvir.

[FIM DA 3º ENTREVISTA]

4ª entrevista: 14/05/2012

L.O. - Hoje é dia 14 de maio de 2012 e estamos aqui entrevistando, a quarta entrevista, com Rubem Cesar Fernandes. Rubem, da última vez que a gente conversou, uma coisa ainda antes do Haiti e do Viva Rio, que...

R.C. - Gozado, Haiti, Viva Rio, o Viva Rio foi muito antes.

L.O. - A novidade. Mas antes tinha uma coisa que eu vou perguntar a você, se você consegue nos esclarecer um pouco sobre isso. Quer dizer, numa das entrevistas você estava se referindo ao Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI), e também tem o Núcleo de Direitos Indígenas, que foram mencionado etc., etc. Eu perguntaria, como e porque agências internacionais muitas delas de base protestante, elas passaram a focar a questão indígena. Porque uma experiência anterior é aquela missionária que ia converter o índio, depois como vira esse outro trabalho. E de alguma forma, também a isso se soma, os antropólogos vão entrando nessa história. E um pouco isso, você falasse como se somou questão indígena com questão ambiental, para depois virar socioambiental, que se fala. Outra coisa também que eu achei interessante, em algumas dessas entrevistas, em torno dessa temática, que aí as pessoas mencionam algumas medidas positivas e importantes do governo Collor. Porque teve a Rio 92 etc., mas o primeiro secretário de meio ambiente... uma coisa assim, que a gente está acostumado, quando fala no governo Collor todo mundo fala... E esse campo aparece algumas medidas que favoreceriam esse campo. Então se você tivesse mais alguma coisa para contar para a gente sobre isso, eu ficaria muito contente.

R.C. - Eu sugiro sobre isso, vale a pena entrevistar o Beto Ricardo, o Carlos Alberto Ricardo, que é fundador do Instituto Socioambiental (ISA) que era do Cedi. Eu o conheço bem porque

foi meu aluno lá na Unicamp, antropólogo. O Beto tem um trabalho que é todo em cima disso, então acho que vale a pena, é uma pessoa a ser lembrada, tem uma contribuição interessante nessa área do indigenismo no Brasil, dessa nova geração aí. O Beto e a Fani, mulher do Beto, os dois fizeram mestrado lá na Unicamp, eu os conheci já, acho que já era casado, não tenho certeza, mas sempre Beto e Fani, a vida inteira, um caszinho bonitinho, loirinho os dois, agradáveis ao olhar, muito com cara de criança os dois, e entraram na faculdade para estudar índio, e a vida inteira é isso que fizeram. Então desde o primeiro ano de graduação, depois na pós era esse foco na vida dos dois. E eu fui professor, orientador do Beto, acho que na pós, no período lá na Unicamp. Ele tinha um projeto, que ele gostaria de atualizar a obra do Darcy Ribeiro, aquele *Índios do Brasil*, que faz aquele levantamento, uma tipologia em várias situações de relacionamento com os índios brasileiros. Primeiro um levantamento das populações indígenas no Brasil, depois a tipologia das relações entre os índios da sociedade brasileira e as várias dinâmicas e tal. Então Beto tem a missão de atualizar o Darcy Ribeiro, essa era a tese dele, isso que ele queria fazer. Eu falei: “eu conheço o Darcy de outros tempos e tal, podia apresentar.” Aí viemos ao Rio para conhecer o Darcy, fiz o contato, tal, para o Beto conheceu o Darcy, entrevistar, e levantar essa ideia que podia ser um projeto que o próprio Darcy colaborasse de alguma maneira e tivesse um relacionamento. Aí visitamos o Darcy naquela casa, um apartamento que ele tinha na Av. Atlântica, e o Beto com aquela carinha de menino, apresentou a ideia: “gostaria de atualizar sua obra e tal.” Aí o Darcy Ribeiro botou a gente porta afora. “Ousadia desse menino, como você me traz um menino desse, ousadia... ninguém vai atualizar minha obra...” aquelas coisas do Darcy. O Beto saiu apavorado, estarrecido e com certeza fez muito melhor que o Darcy. O Beto saiu apavorado, estarrecido, e com certeza fez muito melhor que o Darcy; ele conseguiu reunir uma quantidade enorme de antropólogos por região, por tribo, já usou todas as facilidades do satélite, na época não tinha internet ainda, mas era imagem de satélite, foto de satélite, então ele conseguiu fotografar as várias situações, contar índio por família, localizar no mapa por oca, por aldeia, e virou isso uma coleção, uma série que é uma matriz de trabalhos de vários antropólogos. O Beto não foi um antropólogo que desenvolveu uma obra própria de etimologia e tal, mas ele foi um produtor, um organizador do conhecimento sobre índios no Brasil e que está viva até hoje, e paulatinamente foi associando, uma coisa meio perversa, mas foi associando índio a meio ambiente. É uma coisa gozada, mas foi associando essas duas temáticas e tal; o ISA é uma organização que acabou se dedicando a isso, tendo saído do Cedi, que também implodiu, o

Cedi também virou duas organizações importantes que é o ISA do Beto Ricardo e na área da educação, tem uma ONG em São Paulo importante, Ação Educativa.

D.P. - Ação Educativa. A Ação Educativa saiu do Cedi também?

R.C. - Saiu do Cedi. E as duas financiadas...

D.P. - [inaudível]

R.C. - Exatamente, é verdade. E o financiamento dos dois, os primeiros financiamentos vieram justamente dessa matriz aí, que são organizações de financiamento de cooperação internacional no campo do desenvolvimento e direitos humanos. Basicamente países nórdicos, por isso protestantes, escandinavos, Inglaterra um pouco, Holanda, Noruega, Dinamarca, Suécia, Finlândia e onde se tem igreja-estado, e onde o principal canal de transferência de recursos internacionais, cooperação internacional para o mundo não governamental são justamente [inaudível] igreja, mas que de religioso não tem nada, não tem nenhuma orientação proselitista, missionária. Já são organizações de cooperação internacional e que aplicam, monitoram do uso de dinheiro do Estado e também das campanhas que as igrejas fazem, teve campanha da Páscoa, fazem todo ano, arrecada uma grana e gerencia essa grana, mas o principal são os dinheiro do governo mesmo, escandinavos. Então essa pauta de valorização de direitos humanos e populações indígenas é uma pauta dessas regiões, da agenda de direitos humanos dentro do marco da cooperação internacional. Em algum lugar entrou... são algumas figuras totêmicas: mulher, negro, índio, criança, que são os focos da cooperação.

D.P. - E quando junta com questão ambiental, entra outro foco, aí é uma beleza, não é?

R.C. - Uma beleza...

D.P. - Por isso que a Amazônia continua, a grande gesto lá, continua com recursos.

R.C. - Exatamente. Inclusive da Noruega. Então é isso, eu acho que o que eu teria para acrescentar é isso. Sobre o Collor, francamente, me esqueci tudo que eu teria dizer.

D.P. - Quem era o ministro na época?

L.O. - Era um secretário, esqueci o nome dele, que é um ambientalista famoso, lá do sul. Algumas explicações do tipo... quer dizer, o que eu já ouvi? Como era o momento em que a questão da Rio 92, a ONU estava com alguns projetos aqui. A ONU já tinha estabelecido que essa cooperação seria feita através de ONG, as organizações e o Brasil não tinha ainda facilitado esses canais e aí ele organiza, sei lá, manda alguém organizar. Então, foi um facilitador de receber esses dinheiros internacionais para meio ambiente, que era completamente privado ou não existia.

D.P. - Fazer um ganchinho agora. O Iser e o Viva Rio estão envolvidos com essa coisa Cúpula dos Povos, do Rio+20, como está a atuação? Está pequena?

R.C. - Tem lá a presença, temos duas tendas lá.

D.P. - No aterro, na coisa paralela.

R.C. - Coisa paralela.

D.P. - Porque agora vai ter esse grande evento aqui no Brasil, 20 anos depois do Rio 92.

R.C. - Mas não estamos realmente à frente disso. Lado ambiental nosso cresceu muito no Haiti, aqui existe, mas é fraco.

L.O. - Vocês estavam aqui, o Viva Rio fazendo... não me lembro direito que momento nós paramos no Viva Rio. Vamos dizer assim, você em algum momento saiu do Iser, tem lá a data que você já disse na outra e ficou no Viva Rio. Em que momento bateram na sua porta e falaram: não quer ir para o Haiti?

D.P. - Você também tinha falado essa coisa da importância da internacionalização, que para sobreviver você percebeu antes que os demais...

L.O. - Você percebeu antes e foi atrás ou você percebeu porque alguém chamou você e disse: olha...

R.C. - Primeiro, deixa eu corrigir aí uma informação, eu nunca deixei o Iser, o Iser para mim é do coração, é uma coisa importante. Então eu tenho um pezinho no Iser, sempre. É meu lado, digamos assim, pesquisa e no dia que eu paro de fazer pesquisa, pelo menos o lado afetivo, é o Iser, então frequento, digamos.

D.P. - Mas você tem um cargo no Iser?

R.C. - Não.

D.P. - Nem no conselho, nada?

R.C. - Isso eu deixei de fato. Mas fiquei por um bom tempo ainda assumindo pesquisa na área de violência, não mais, mas ainda guardei um bom tempo. E depois, ultimamente tem isso. Mas feita a correção.

D.P. - Alias quem está no Iser é o Pedro Strozenberg.

R.C. - É.

D.P. - Geração assim, que...

R.C. - A nossa, não é?

D.P. - Pedro Strozenberg que agora o diretor do Iser, que tem 40, idade dos nossos filhos 39 anos.

R.C. - Era o jovem. Mas então, foi assim, de fato, de novo, tem um cara chamado Arne Dale que é um representante da agência de cooperação norueguesa da igreja da Noruega, e o Arne era amigo, relacionamento antigo, e a gente trocava ideia sobre isso, que o conhecimento que se fazia no Brasil em termos de programas sociais e tal, ele dizia: “olha, é muito importante em termos internacionais, não se vê esse tipo de trabalho, com essa abordagem e tal.” Então era um tema que o Arne e eu de vez em quando falávamos disso. E aí o Arne, tudo tem uma coisa impessoal, o Arne ele é deslocado da mesa do Brasil para cuidar do Haiti, lá na Noruega.

D.P. - Qual é a entidade dele? Aquela AIN.

R.C. - AIN, exatamente. Ajuda da Igreja Norueguesa. Ajuda da cooperação internacional, ajuda, *aid*, e da igreja luterana, é a maior ONG da Noruega, como também as Suécia, da Dinamarca, Finlândia, esses países todos. Então, o Arne: “puxa vida...” Ele adora o Brasil, tipo assim, amante do Brasil, vem ao Brasil desde os anos 70, 80, conhecia todo mundo daquele período, então ele tem uma paixão pelo Brasil, fala português, essa coisa. E a vida dele, a carreira dele na Cooperação Internacional foi feita toda no Brasil, então falam para ele ir para o Haiti. Ele reclamando, brincando falou: “vamos lá para o Haiti comigo, não sei que.” Foi a primeira vez que me falaram da ideia.

D.P. - Quer dizer, ele vai pela AIN?

R.C. - Pela AIN, muda de cargo lá, mudou de uma mesa para outra, a outra mesa vai para o Haiti. Aí ele brinca comigo: “poxa, podia aproveitar, a experiência do Viva Rio lá no Haiti...”. Isso ficou no ar, eis se não quando em 2004 vem um convite de um setor da ONU chamado DDR, Desarmamento, Desmobilização, Reintegração, que é um setor das operações de paz, quando há uma crise no país, uma guerra civil, uma crise de estado que a ONU chega para resolver e fazer uma operação de paz ou para fazer a paz, aí é mais na porrada, ou manter a paz que já é uma coisa mais levando para o desenvolvimento *peace-building*, ela quando chega, tem lá uma confusão, tem dois lados, guerra, tal, chega também o DDR. O DDR vai num grupo e fala: “você precisa desmobilizar e tal, se você desmobilizar e entregar as armas eu te dou emprego, arrumo uma situação, um caminho de reinserção”, é o DDR. Então chega o DDR no Haiti e começam a discutir, porque primeiro não tem dois lados, depois não tem com quem falar porque não tem exércitos organizados em guerra; e alguém diz, eu até sei o nome da pessoa, diz: “isso aqui está parecendo o Rio de Janeiro, não é igual África, Iugoslávia, ex-Iugoslávia que você tem dois lados, é uma confusão, esses grupos armados nas comunidades, você não tem com quem falar, chega lá já mudou, quer dizer, um negócio complicado, é

diferente, são outros protocolos, outras abordagens, precisaria ter conosco gente que tem uma experiência desse tipo de situação, como no Rio de Janeiro.” Aí falaram: “Chama o Viva Rio”, já tinham ouvido falar, já conheciam o Viva Rio. Então primeiro convite veio de lá, não tinha nada a ver com o governo brasileiro, a partir do DDR que é uma sessão da Minustah, da organização da ONU para operações de estabilização do Haiti. O diretor do DDR era um sujeito chamado [Desmond Malloy]*¹, um militar, escocês, com muita experiência na África, na Libéria, Côte d’Ivoire, tinha andado também pela Iugoslávia, Servia, então um sujeito com experiência internacional grande na área DDR, militar, um cara muito impulsivo, muito voluntarioso e que estava totalmente perdido. Eu cheguei lá, fui convidado, fui como consultor, me chamaram, eu fui, já instigador pelo Arne, mas fui a convite da ONU. Aí pergunto ao Desmond Malloy qual o problema, qual a dificuldade. Eles queriam que eu desse ideias sobre como se aproximar dos grupos armados nas comunidades com violência armada, tinha esses grupos armados e tal. Aí por acaso propus uma pesquisa sobre os grupos armados, arrumei um pessoal da Unicamp que já tinham um interesse pelo Haiti, por situações assim internacionais, um rapaz Omar, antropólogo, você conhece, e tem um aluno dele que também se interessava, tinha experiência, aí eu propus a pesquisa e propus outras coisas. Mas aí indaguei ao Desmond, o Desmond me diz: “olha, eu estou perdido aqui, não entendo nada, o pior é que todo mundo mente. O presidente mente, o [inaudível] tenho impressão que ele mentiu para mim, primeiro-ministro mente, o chefe de polícia mente, o bandido mente, a minha amante mente para mim, todo mundo mente, estou perdido nesse país, não entendo nada.” Aí achei muita graça da maneira dele descrever o problema, que tinha a ver com essa coisa de cultura mesmo, o pessoal sempre dando a volta nele, aquela coisa de nunca diz exatamente o que está pensando. Diz sem dizer, aquela coisa da malandragem que a gente tem.

D.P. - O cara era inglês?

R.C. - Escocês, totalmente fora de...

D.P. - Perdido, imagino, naquela selva, não é?

R.C. - Tendo que comandar uma ação de aproximação com os bairros todos... Foi assim que eu cheguei, através do convite do DDR.

D.P. - E essa pesquisa que o Omar coordenou, você consegue um financiamento para essa pesquisa, a própria ONU financia?

R.C. - Não, eles financiaram. Eu propus três coisas. Primeiro eu propus a pesquisa, que foi feita e que não prestou porque o rapaz que fez a pesquisa... depois eu recupero os nomes e tal, mas

ele tinha muito interesse teórico na pesquisa, então é mais sobre metodologia de pesquisa do que sobre o objeto. E o cara lá, o Desmond está querendo saber quem era quem, como ele chegava neles, o que eles estavam fazendo, tinha um objetivo muito prático na pesquisa e a pesquisa era toda naquela linha interpretativa, o que importa são as versões, não os fatos. O Desmond só queria saber dos fatos. Ele se recusou a pagar a pesquisa, foi um problema, porque a gente gastou, o rapaz viajou, passou um tempo lá, fez um bom trabalho de campo, mas o resultado, primeiro, era um resultado e de difícil leitura, porque era muito teórico, segundo, era mais sobre o que as pessoas dizem dos bandidos do que dos bandidos mesmo. E o que as pessoas dizem dos bandidos evidentemente era muito interessante, do ponto de vista antropológico, mas para um operador de Nações Unidas, um militar, não era muito útil. Isso foi uma coisa. A outra coisa que eu propus foi... que não funcionou, depois veio fazer, é negócio de música e tal, no meio popular para ver se provocava alguém entrada e tal, e a terceira, eu propus fazer uma cerimônia vodou, chamar uns pai de santo vodou para fazer uma cerimônia que abrisse lá o ambiente, levantasse as questões da guerra e da paz num ambiente religioso vodou. E aí o Desmond se impressionou com a ideia e gostou da ideia. Ele era um sujeito criativo. E aí a proposta, eu falei com o Gilberto Gil, e aí ele se encantou, na época ele era ministro da Cultura, se encantou com a ideia de fazer um encontro entre o pessoal do candomblé da Bahia, o pessoal do vodou do Haiti, porque tinha a ver também com a cooperação Brasil – Haiti, e criar ali uma reflexão sobre, digamos, o Haiti, essas coisas, da negritude, África, Afro-América e tal, e provocar então uma coisa mais profunda que abrisse relações e destravasse aquelas dificuldades de comunicação e tal, nos bairros mais barra pesada. O Gil gostou muito, cheguei a levar o Gil para ter um encontro lá com músicos e gente ligada a música vodou, que é forte no Haiti, tem um rock vodou que é bem legal, umas bandas fortes bem conhecidas, [inaudível] *Experience*, RAM, Richard Morse, que é o líder, mulato americano que ele faz um rock vodou que é obrigatório assim, todo mundo visita, ouve e tal.

L.O. - Não é filho do Richard Morse?

R.C. - É exatamente filho do Richard Morse.

D.P. - Que coisa incrível, você falando Richard Morse...

R.C. - É exatamente filho do Richard Morse, que é um maluco, um cara muito interessante; eu vou falar a beça sobre isso. É o seguinte, eu pergunto para o Omar, ele já conhecia o Haiti, “onde eu fico lá?”.

D.P. - Porque o Omar já conhecia o Haiti?

R.C. - Já conhecia, já tinha estado lá.

D.P. - Como pesquisador?

R.C. - Como pesquisador. Tinha feito um estudo sobre a elite no Haiti, naquele sentido sempre meio da...

D.P. - Da Unicamp, né?

R.C. - É, antropologia, que ele valorizava a elite haitiana. Todo mundo esculhamba a elite do Haiti, “são uns sanguessugas, não fazem nada para o povo”. O Omar valoriza a elite, fez um estudo por dentro da elite e tal. É uma elite muito interessante porque é uma elite francesa, então é uma elite que tem uma cultura francesa num mundo globalizado, anglo-saxão, muito influenciado pelos Estados Unidos, tão perto, mas a coisa francesa assim, profunda, muito forte. Então Omar fez um estudo sobre a elite e por isso já conhecia de antes essa história toda. Aí pergunto ao Omar, ele diz, tem um hotel lá ótimo, hotel daquele que o Graham Greene escreveu, *Os comediantes*, Robert Taylor e Elizabeth Taylor fizeram um filme, ele é o dono do hotel, o Robert Taylor e a Elizabeth Taylor é mulher de um diplomata, isso no período de Duvalier, Papa Doc, e eles reproduziram esse hotel na África, algum lugar, porque era proibido, ditadura, e reproduziram igualzinho o hotel, que é um hotel *maravilhoso*, todo de madeira, artesanal, grande e que é um ambiente vodu, hotel vuduizã, você chega ali já sente uma vibração, se você for chegado já chega caindo no samba. Realmente é um negócio sério, cheio de imagem, cheio de coisa. E toda quinta-feira tem o som, haja terremoto, terremoto não, terremoto ele parou, mas a história toda, quinta-feira é sagrada, toda quinta-feira a noite, bem tarde vem o RAM, que é a banda do filho do Richard Morse. O Richard Morse, ele não só foi... Yale ou Harvard, uma das duas, ele chegou a fazer carreira alta nos Estados Unidos...

L.O. - Columbia.

R.C. - Uma dessas três aí, digamos. Sei que o Richard Morse vai ao Haiti, anos 50, e se encanta por uma cantora de show biz que era a primeira a introduzir vodu num ambiente de espetáculo, transformar o vodu num espetáculo, uma coisa que a Bahia fez muito bem. Lá era novidade, até hoje é pouco, embora essas bandas de rock-vodu tenham feito isso, a juventude, e ele fica impressionadíssimo com a beleza e a criatividade dessa mulher, se apaixona, casa com ela e aí arrenda o hotel. Esse hotel que o Graham Greene ficava e onde fez o livro dele famoso sobre o Haiti que se passa no hotel, toda trama é em volta do hotel. Várias coisas acontecendo no hotel e tal. Então esse hotel, o Richard Morse vira o... ele arrenda, de fato ele não compra, mas até hoje está na família, a mulher dele, uma velhinha de 90 e poucos anos, ainda linda, ainda ativa,

forte, você vê ela passando assim, carregando carrinho de mão, plantar umas coisas tal. E quando tem alguma festa de santo, ela está na frente puxando a dança, ainda é uma... Então o filho é mulato...

D.P. - Filho do casal.

R.C. - O filho do casal chama Richard Morse, Richard E. alguma coisa Morse. O Richard, Richard, mulato, crescido no Haiti, e ele se casa com uma negra de um bairro até lá onde a gente trabalha na região de Bel Air, bem barra pesada, que é também uma cantora, que é também uma atriz, então ele reproduz um pouco a história do pai, e cria uma banda que é uma banda de rock-vodu que toca toda quinta-feira, que no período de 2004, 2005 quando eu estava começando a chegar lá, era um lugar proibido, os brancos não podiam ir lá, o pessoal da ONU não podia, era uma região considerada ainda perigosa, vermelha. Então é só a galera local, é forte, gente caindo no santo no meio da... o som forte, bacana, menina de repente começa a enlouquecer, e muito bom, som bom, de qualidade. Eu fiquei apaixonado pelo hotel.

D.P. - Como você conseguiu entrar?

R.C. - Não, por que... Simplesmente aluguei um quarto. Aí a sede do Viva Rio foi nesse hotel durante um ano e meio, primeiro ano e meio do Viva Rio era um quartinho assim, depois crescemos um pouquinho, pegamos o melhor quarto do segundo andar, tinha um varandão maravilhoso, muita árvore, uma palmeira que descia assim quando o vento batia, caía e as palhas formavam aquele caroço enorme de palmeira, já antiga, e dentro milhares de andorinhas, milhares, um ninho. Então um ambiente assim muito verde, bem no centro da cidade, uma área pesada, mas o próprio hotel cheio de verde, de madeira, então ali eu morei na varanda. Morei na varanda ali durante um ano e meio, sem vidro, sem nada, só uma cama, a maior cama que já tive na vida, aquela coisa bem antiga, e só quadro de vodu, tem uma coleção de quadro, iconografia vodu muito boa nesse hotel, e o serviço o pior possível. Aquela coisa totalmente abandonada, mas que vive lotado por causa da aura do hotel. O hotel tem uma magia, entendeu, Hotel Oloffson, todo mundo que sabe do Haiti sabe do Hotel Oloffson. Então o Viva Rio começou ali no Hotel Oloffson, montou ali a base nossa, o escritório era meu quarto no início, era um quarto grande, tal. Então nesse hotel, eu perguntei ao Richard, ele me apresentou a uns pai de santo, aí foi a primeira atividade mais forte que a gente fez em 2005, faz um evento vodu, a ideia que fosse vodu, não só Haiti, mas América, África, coisa assim negra, levando o povo da Bahia e o povo de lá para fazer um grande evento sobre a dimensão libertária do Haiti, assim, abrir um pouco os canais de comunicação. Então propus ao Pnud, quem financiava o

DDR e passou, o Gil foi, a Flora começou a organizar um povo da Bahia para ir, aí a ministra da Cultura da época, era um governo de transição, ainda conservador, governo de golpe, contra Aristides, mais conservador, e a ministra uma atriz de teatro, muito elegante, ela não gostou da ideia, ela achou que era uma coisa que associava demais o Haiti com o vodu, uma prática que vem de baixo, aquela coisa bem negativa, então ela não gostou. Aí o Gil ficou embaraçado, porque ministro, ministro com ministro, se a ministra de lá não gosta, não poderia invadir o espaço e se impor, tal. Então a participação brasileira meio que gorou com isso. A gente levou a frente e eu levei um nogan aqui do Rio, só para dizer que tinha um pai de santo, eu tinha prometido levar um pai de santo; não levei pai de santo, mas levei, que é o Yuri, não sei vocês conhecem o Yuri lá do Viva Rio.

D.P. - Não.

R.C. - Menino ótimo, do hip hop, e é do santo, é do candomblé, ele leva muito à sério e tal. Hip hop na época era todo revoltado, aquela coisa bem brava. Teve um rap chamado “Foda-se a polícia”, era o rap do Yuri. Aí levei o Yuri, se encantou com...

D.P. - Sei quem é.

R.C. - Atarracado, assim.

D.P. - Negro, né, sei, já vi ele cantando, genial.

R.C. - Então, levei o Yuri como representante do candomblé do Brasil, para dizer que tinha um, e aí montamos lá um evento de... Aí procuramos um pai de santo, apresentado pelo Richard; que a ideia era convidar o povo de Bel Air. Bel Air é uma área central, a gente tinha escolhido trabalhar em Bel Air.

D.P. - Bel Air é um bairro?

R.C. - É um bairro no centro da cidade, falo depois. Na época Bel Air era o bairro mais violento, mais difícil de chegar porque é bem no centro, perto da região política da cidade, da capital, perto do palácio do governo, não dá para caminhar, e estava fechado. Eles trancaram Bel Air, cercaram com lixo, fizeram barricada com lixo alto, em volta de Bel Air, ninguém passava por Bel Air, então trambolho, um problema para o trânsito da cidade porque você não conseguia atravessar o centro, e o primeiro grande enfrentamento entre as forças da ONU, general Heleno, brasileiro, no Haiti foi tomar Bel Air. Então a pesquisa com um certo foco em Bel Air, foi no Haiti inteiro, mas preferiu Bel Air; então eu levei o Sergio Magalhães, para a gente ir lá definir o projeto. Rodamos juntos, tal, e ele falou: Bel Air, bacana...

D.P. - Quer dizer que a turma lá era competente, mais do que aqui, porque fizeram barricadas de lixo, é isso?

R.C. - É.

D.P. - E não tinha acesso ao outro lado da cidade?

R.C. - Não. Bel Air é uma região que soma assim, toda região de Bel Air... O Aristide era padre de uma paróquia em La Saline que é uma parte da grande Bel Air, uma capela salesiana. Então ele cresceu ali, como padre daquele bairro, que era um bairro popular nessa altura muito... bem no centro da cidade, mas muito empobrecido e muito militante, porque perto do centro político e tal, e com muita cultura e muito comércio Bel Air. Você tem o centro político e tem o centro cultural e comercial. O centro comercial e cultural é Bel Air, o centro político é ao lado, que é o palácio, os ministérios, uma grande praça, a universidade, museus, e aqui fica todo o mundo mais vodu, o mundo mais cultura e comércio, grande mercado popular e tal.

L.O. - É o baixa de Salvador.

R.C. - É o baixa de Salvador, exatamente. Então esse Bel Air, a gente falou, você recuperar Bel Air tinha um significado maior para o país, que era o centro da cidade, é histórico, é do século XVIII, tem um formato de cidade iluminista, aquela coisa desenhadinha por um francês, arquiteto, então, Bel Air tem um histórico interessante. É como recuperar Pelourinho, recuperar Lapa, recuperar o centro da cidade que havia decaído, então esse foi o conceito: intervenção de recuperação de um bairro, que no momento estava tomado por uma resistência contra a vinda da ONU. A ideia era promover um evento sobre a paz, sobre a pacificação com o povo de Bel Air, chamando o povo de Bel Air para essa questão. Aí encontro esse pai de santo, representado pelo Richard do Oloffson, e pergunto a ele se é possível fazer uma cerimônia pela paz no vodu. Ele diz: “claro, é possível.” “Como faz?” “Leva tempo, não é assim.” “Quanto tempo?” “Umas 48 de cerimônia, direto.” “Dá para fazer?” “Dá.” “Quanto custa?” “US\$3.000.” Aí ele fez a lista de coisas que precisava, que tinha assim champanhe, dançarinas, os itens do orçamento. Quando apresento para o Desmond: está maluco, como vou conseguir a ONU pagar champanhe, e de fato levou uns seis meses para eles pagarem, mas acabaram pagando. Pnud, imagina!

D.P. - Orgia...

R.C. - Orgia, financiando orgia. Chegou a ter uma carta de Genebra, do Pnud, que era mais ligado a essa área de violência armada e mais a conexão Genebra do Pnud, uma carta dizendo: “estamos agora financiando o terrorismo?” Algum iluminista genebrino, sei lá o que, achando

que vodu era igual a terrorismo, então, financiando terrorista, agora. Mas então esse evento a gente botou na segunda semana de Agosto, a terceira nesse período, tem um período de festa no Haiti chamado Bois Caiman. Bois Caiman foi a primeira revolta em 1791, uma região chamada Bois Caiman, que é um bosque de Caiman, e que tinha um líder, pai de santo, chamado Boukman, e que durante três semanas ele fica tocando tambor, no alto do morro, com os quilombolas, pessoal que havia fugido das fazendas e ficam lá só no tambor. Os franceses lá em baixo, cada vez mais histéricos, apavorados, aquele povo tocando tambor lá em cima, e quando eles descem os franceses não conseguem enfrentar e fogem, quer dizer, são vitoriosos. Então lá na mitologia é uma vitória do santo, eles descem já com o corpo fechado, descem incorporados e tal, então é um evento, Bois Caiman, que tem a ver com a libertação, é a primeira grande vitória que inicia o processo de guerra da libertação do Haiti, que terminou em 1804, pega toda década 90, início do séc. XIX. Então essa Bois Caiman é muito celebrada, é uma festa importante e muito associada ao vodu. Então a gente, vamos fazer no Bois Caiman, simbolizar a liberdade, só que naquela época era o anúncio da guerra, agora é para fazer a libertação você tem que fazer a paz, porque na guerra só quem perde é o negro, o pobre, está ferrado; violência vai bater é nele, no povo. Agora, a grande virada do povo negro das Américas, essa discurceira nossa, é se os negros conseguiram fazer a paz. Aquela história, só quem vai poder fazer a paz são os negros porque eles que estão no fundo do poço, aquela ideia no fundo marxista de reversão e tal. Essa ideia vendeu e aí o pessoal se interessou, os haitianos, e aí a gente organizou esse evento, foi uma cerimônia e aí tinha o problema da polícia. A polícia na época estava bem violenta ainda e bem fora de controle, e o pessoal disse: “a polícia vai intervir, vai... porque vem gente aí, vem bandido para a festa, aí vai ter confusão.” Aí eu pedi segurança ao exército brasileiro para nos dar garantia que a gente conseguisse fazer a cerimônia, “apoiada pela ONU e tal”, então indicaram dois oficiais para dirigir um pelotão militar, capitão Amaral Peixoto e o cabo Coelho, que dirigem o pelotão militar que vai lá, destacado para dar segurança no evento. O capitão Amaral Peixoto é da umbanda, o cabo Coelho é do candomblé. O Amaral Peixoto de Madureira, o cabo de Nilópolis. Então quando eles chegam todos armados, aquelas roupas de militar, pesadíssimo, todo mundo com arma, mas eles vão chegando no terrero, a preocupação deles não é com a polícia, a polícia do Haiti não tem problema, o problema é o santo que está na cadeira, que não sabe se bate bem com o santo deles, qual é, então eles já chegam fazendo aqueles sinais todos de reverência, põe a mão na cabeça, tal... os haitianos... [risos] “o que é isso”, é um comportamento que não é muito

militar. O Yuri logo se aproxima dos caras, começa a conversar, eu sei que aos pouquinhos eles se integram totalmente na festa.

D.P. - Tira as armas?

R.C. - Não, eles estão sempre militares, mas tem um momento, contei essa história para ti, não? Tem um momento da cerimônia, porque a cerimônia porque levava tempo? É porque como se fosse uma cerimônia da recriação do mundo. O mundo está em guerra, você tem que refazer para fazer em harmonia, fazer em paz. Então tem que chamar todo mundo. Primeiro você chama todos os santos católicos, reverencia cada um deles, isso leva tempo, chamando o santo e tal. Depois chamou os espíritos africanos, da África, cada um deles, os orixás, para reverenciar e tal. Depois chama santos, os guias haitianos que também tem uma tradição haitiana de guias, depois de chamar todo mundo aí que você começa a cerimônia, está todo mundo devidamente homenageado, você já pode remontar esse panteão de uma forma harmônica, essa é a cerimônia, o *tanks given* deles, cerimônia da paz, que eles pensaram. Então por isso leva tempo mesmo, 48 horas, o pessoal lá direto, dormia, voltava, cantava e tal. E no segundo dia, já todo mundo cansado, aí está chegando o povo da rua, os santos haitianos, um deles, dos mais populares é o Guedê, é um Exu, mas é um Exu dos mortos, o santo dos mortos, espírito dos mortos, mortos no Haiti, não é os ancestrais, mortos haitianos. Quando eles caem no santo, eles passam um pó branco na cara para ficar com cara de morto, ficam lá deitados lá parados, todo mundo passa perna para um lado, passa a perna para o outro, aquela roda saudando, aí eles levantam. No que eles incorporam, eles são palhaços, são espíritos que não temem nada, já morreram, então não tem nada a perder, pode dizer o que pensa, esculhambar o que for, então o povo adora eles. No dia de finados fica cheio de Guedê pela rua, aquela cara e falando merda, divertindo, é uma figura muito popular, é um Exú popular, os Guedê. Então os Guedê sobe assim, vê aqueles militares na roda, eles fogem, saem da roda e vão embora correndo com medo dos militares. Aí fica todo mundo correndo atrás dele para ir buscar e tal, cria uma situação assim, voltam e aí chegam para os militares e falam: “estão fazendo o que aqui vocês?” No meio da madrugada. “Ah, nós estamos na missão de paz.” “Paz? Aí mostra as armas, quá, quá quá, olha como eles fazem paz.” Todo mundo fica assim, aí eles ficam gozando. “Mas trouxeram alguma coisa para me dar?” “Não...” “Você vem aqui na minha terra e não tem nada para me dar, não tem presente? Dá dinheiro.” “Não tem dinheiro.” Um deles pega a insígnia, bandeira do Brasil, alguma coisa de símbolo, dessas que colam na farda, arranca e dá para o santo, para o espírito. Aí ele se surpreende, porque dá um pedaço da farda, do uniforme.

Na surpresa, ele pega... aí o outro também quer. “Também quero.” Aí o outro militar também dá para ele. Aí os filhos de santo: “eu quero também...” eles começam a se desfazer da farda, entregando em presente para os espíritos, porque são os espíritos presente, não são as pessoas. E isso está acontecendo, e tem uma televisão haitiana Telequiné, primeiro pró-aristide, já está do lado errado, e segundo só vodu, televisão bem voduizana, e está gravando, o cara gravando a noite inteira. Eu falei: “meu Deus, esses caras vão se dar mal, no meio da madrugada eles entregando a farda, isso não vai prestar.”

L.O. - Falam em crioulo ou em francês?

R.C. - Crioulo. Aí pá, pá, mas tudo linguagem corporal, gestual. E aí no dia seguinte, de fato, passou durante semanas essa cena na televisão, na época, semanas, voltava, voltava. E os dois ao invés de serem punidos no exército, foram homenageados pela demonstração de respeito, pela cultura, não sei que, por haverem aberto um canal, exército e tal, um pessoal meio pesado; se deram bem, o capitão Amaral Peixoto voltou com a promoção, ele virou major, dirigiu aqui o Centro de Informação de Militares pró-Haiti. Então ele chegou a ser o subcomandante, não o comandante, mas subcomandante. Foram homenageados. Isso aí foi um evento que muito interessante. Um dos muitos eventos em que você via uma atitude muito espontânea, sem muita elaboração, mas que diferenciava a presença militar brasileira das demais. Tinham aquela coisa do distanciamento, padrões muito bem rigorosos, muito bem definidos, engajamento e tal, e aqui um comportamento respeitando e acreditando no santo do...

D.P. - E foi uma coincidência a escolha desses...?

R.C. - Acho que foi, acho que foi, não sei, acho que foi coincidência mais ou menos, só pode ser.

D.P. - Porque se você pega um quadradão num negócio desse...

R.C. - Vai ficar defensivo, vai ficar distante.

D.P. - E o escocês assistiu isso tudo lá?

R.C. - O escocês não foi, primeiro, foi no início depois não foi mais, a ministra da cultura que havia condenado, foi no segundo dia porque ouviu falar tanto que foi, encheu, ficou um negócio, virou um big evento, mas ele adorou, adorou. De fato, promoveu o que ele queria, que era romper uma série de barreiras e criar um canal ali de conversa, sobretudo com o povo de Bel Air.

D.P. - Isso era no meio da rua?

R.C. - Isso era num espaço lá no Oloffson, um espaço tipo um jardim, de árvores, o posto central, eles chamam *peristile*, um centro religioso de vodu, então tem sempre um mastro, aquela coisa do mastro, do universo, tal. Então uma árvore representando, então é um espaço bem... e que já tem uma certa tradição voiduzão esse hotel. Essa ida para o Haiti foi, desde o início, acabou gerando um gosto pela experiência porque tinha a ver com, primeiro, a sensação de que de fato a gente tinha uma experiência que ajudava uma comunicação, na aproximação e a reconhecer os problemas como a gente encontrava lá, que, de fato, para o povo mais nórdico que pratica essa cooperação internacional e tal, é tudo muito estranho. Em geral eles têm medo, têm nojo, uma coisa assim meio horrível, enquanto que a gente pela proximidade com esse tipo de situação, por várias entradas, ao contrário, a gente se reconhece. E isso tem sido verdade no Haiti e foi verdade até o terremoto. Aí terremoto rompeu com tudo, nunca ninguém tinha imaginado que houvesse um terremoto daquele porte acontecendo. Então foram as primeiras experiências.

L.O. - Em que experiências concretas do Viva Rio aqui, em determinadas áreas e tudo, pode ser replicada, essa palavra não combina, mas ajudou...

R.C. - São duas coisas, a primeira é a situação de violência, a ideia de que... não. A primeira é uma coisa que no Brasil, sobretudo no Rio de Janeiro é comum, e que lá não é, essa coisa de você trabalhar *dentro* da comunidade. Você ter lá suas relações dentro da comunidade, fazer seu trabalho de dentro. A gente acabou montando nossa sede no Haiti *dentro* de Bel Air, um espaço em Bel Air, chama de Kay-Nou, nossa casa ou vossa casa, espaço grande, 25 mil metros de área, havia sido queimada, abandona, a gente conseguiu alugar e ocupar essa região, virou um grande centro comunitário e tal, dentro de Bel Air, lá dentro. Então você é parte da comunidade. Para nós que aqui é mais ou menos corriqueira, todas as organizações que trabalham com favela, trabalham lá dentro, com o povo de dentro, pode não ter sua sede lá dentro, mas trabalha lá dentro. Aí tinha uma experiência assim, vários projetos do Viva Rio a sede era dentro, o Viva Credi, Balcão de Direitos, as coisas que a gente começou tinha muito essa ideia, você trabalha de dentro, de dentro para fora, não de fora para dentro. Essa estratégia de aproximação a gente aplicou lá. E aplicou com o sentimento de afinidade, porque essa coisa de ter grupos locais armados que dominam o espaço, que você vê ali na base, a gente conhecia daqui.

D.P. - Porque aqui se consegue fazer isso através daqueles agentes comunitários. Viva Rio, Ibase, todo mundo tem lá seus agentes comunitários que é o pessoal da comunidade que passa

a ser da ONG e aí abre as portas, porque sozinho você também não entra. Não entra em canto nenhum.

R.C. - Então, mesma coisa.

D.P. - Lá, como vocês montaram, esses agentes são construídos ao longo de um período, vocês conseguiram fazer isso lá?

R.C. - Igual, igual. Como foi? Primeiro, como a gente vai entrar em Bel Air, essa era a pergunta. A gente tinha feito aquela pesquisa, fez esse evento, aí eu perguntei ao rapaz que foi dirigir a pesquisa, quem foi o melhor pesquisador. “Um rapaz chamado Bob que foi muito legal, trabalhou legal.” Aí eu fui procurar o Bob. O Bob está até hoje, agora está aqui no Rio de Janeiro, trabalhando ali na Lapa agora. Então o Bob foi nossa primeira... Primeiro contratei um cara chamado Fenelon, motorista, maravilhoso, um amigo e uma pessoa de total confiança para toda situação, sabia tudo. Um amigo francês que disse: “quer um bom chofer, conheço um, chama Fenelon.” Depois foi o Bob, que foi o cara que sabia tudo lá de dentro do bairro, tinha sido um bom pesquisador porque conhecia todo mundo, aí com o Bob a gente começou...

D.P. - Então o Viva Rio contrata o Bob? Começa a trabalhar para o Viva Rio?

R.C. - Contrata o Bob, isso. E aí com o Bob, isso já foi em fins de 2006, essa festa foi em agosto de 2005, Bois Caiman, e aí a gente começa a procurar, sair fora da coisa da ONG e ter uma atuação direta. Procurar formatar um projeto, aí foram os noruegos que... *Yes*, primeira e única vez que recebiam dinheiro para fazer um projeto, fomos lá na Noruega, “que tal essa ideia de usar a experiência brasileira no Haiti...”, eles acharam interessante, aí me deram um dinheirinho para levar o Sergio Magalhães, levar as pessoas para bolar uma estratégia de intervenção e formatar o projeto, um projeto de recuperação do centro da cidade, do centro histórico, do centro cultural, comercial em Bel Air. Isso foi já em 2006.

D.P. - Quando você diz recuperação, é de prédio?

R.C. - Recuperação de tudo, o modelo...

D.P. - Vamos parar...

1* o mais próximo do que foi possível ouvir.

[FIM DO ARQUIVO I]

L.O. – O projeto de 2006...

D.P. – Foi um projeto de reconstrução dos prédios e tudo, então um projeto caro, inclusive.

R.C. - É. Então qual a ideia? A gente usou de brincadeira, mas a sério, o exemplo é Lapa, o que o Haiti tem que pode dar trabalho, dar renda, dar desenvolvimento? Música, boemia, comida, arte, artesanato e Bel Air tem tudo isso. Bel Air é conhecido pela cultura, pela música, pelo vodu, tem uma vitalidade cultural assim. Do mesmo que a Lapa, Pelourinho, Recife antigo, esses lugares antigos do Brasil...

L.O. - New Orleans.

R.C. - Foi feito tudo em torno da cultura, dessa coisa, e o turismo. Então a ideia, Bel Air, *jamaís dodô*, é o bairro que não dorme, que nunca dorme, virou um slogan, *jamaís dodô* então essa ideia justamente de valorizar o vodu, a música, o bloco de rua que chama *band de la paix*, *band rara* são as bandas locais, então essa coisa de valorizar esse negócio, que é tudo meio associado, na visão da elite haitiana, com bandidagem, uma coisa de bandido. *Band rara* são bandas que sai na rua, na frente com umas cornetas, uns cones e quando tem manifestação de qualquer tipo vem o rara na frente, então tem aquelas brigas, aquelas confusões, e tem sempre um rara, cada grupo tem o seu rara, então os raros se chocam, tem conflito de rara, valorizar o rara. Então era recuperação do bairro, o projeto de recuperação de centro da cidade, aí tinha várias dimensões, fizemos um projeto de cinco anos, começamos com coisa de água, porque havia uma carência de água terrível, lixo, o mercado e depois a reconstrução urbana mesmo. Havia todo uma ideia de cinco anos dar um gás na recuperação de Bel Air, centro da cidade, no ambiente da pacificação da operação de paz. Tinha um ambiente propício a projetos de desenvolvimento. Esse era o projeto que foi desenvolvido.

D.P. - Nessa altura, a relação com o governo no Haiti já estava melhor?

R.C. - Um dos primeiros passos quando a gente chegou foi justamente procurar um contato com o governo do Haiti. Com a Minustah era fácil porque, primeiro, havíamos sido convidados pela DDR, depois os militares, militares brasileiros e também embaixada brasileira, desde o início, então a gente estava ali como brasileiro e com uma marca brasileira muito clara.

D.P. - É identificada com o governo brasileiro?

R.C. - Com Brasil. Brasil tem... essa relação ambígua, Brasil é muito forte em qualquer lugar do mundo pelo futebol, pelo samba, pela música, a gente tinha isso, essa marca de Brasil, mas tinha também, lá, evidentemente, a presença militar brasileira era muito presente, sobretudo na

região de Bel Air, foi a primeira região de grandes confrontos, e era o exército brasileiro que estava ali na frente, general Heleno ali na cara e tal.

D.P. - Pois é, e eles não identificavam esse negócio do exército brasileiro, mesmo o Heleno tendo entrado lá no clima, não tinha uma coisa do imperialismo brasileiro?

R.C. - Não, não tinha. Tinha uma situação, tem a confusão toda, uma confusão interna haitiana, o movimento do Aristides que estava no poder, mas sempre com muito conflito, muito confuso, militares querem derrubá-lo, fazem guerra civil, os estudantes fazendo manifestações contra Aristides, estudante muito aguerridos também no centro da cidade, pedra, confusão, correria. Então cria-se uma situação que a ONU entra. Então o campo é muito dividido entre eles próprios. A ONU entra para estabilizar. Não chega a ser uma invasão externa porque eles estão entre si divididos. Em Bel Air, em particular, quando a gente entra, a gente entrou com o candomblé, outra maneira de entrar, conversando com o Bob, conversando: como a gente entra? Primeiro passo, isso era janeiro de 2007. O que está acontecendo em Bel Air? Carnaval. Eles têm o pré-carnaval importante lá. Eles saem todo fim de semana, banda *Piê* essas bandas de rua, sai festejando o carnaval até o carnaval. Tem um mês antes do carnaval que é importante, de festas no fim de semana. Eles tinham ocupado esse centro da cidade, Bel Air, a resistência, fechado... A gente fez uma pesquisa, a primeira coisa que fizemos foi um censo, organizamos um censo, tal, em Bel Air, para conhecer Bel Air. Dado da pesquisa, 48% da população de Bel Air migrou por causa do conflito. Todo mundo fugiu, vão para suas famílias, vão para o interior, vão para os outros bairros, redes familiares, as pessoas saindo da confusão. Primeiro, fechado, lixo para todo lado, barricada de lixo, violência, o pessoal armado dominando, então as famílias estão se mandando. Quando vem o Heleno e recupera o centro da cidade, abre, ele entrou com [buldoses]*¹ assim, afastando o lixo e os soldados com vassoura, limpando o lixo. Aí vem a população e limpa junto. Essa retomada de Bel Air também é uma retomada para a população local. São muitas relações assim complicadas. E o Bob que estava ali nas barricadas também, ele conta que um líder da resistência lá, um bandido, uma mistura, líder, bandido, leva um tiro, mas não morre. A história que o pessoal contava, que eu ouvi, é que o soldado brasileiro dá um tiro nele, mas não quer matar, aí acerta a arma dele, aí a arma escapa da mão dele, vem na cara e quebra a cara dele, ele fica todo sangrando. Mas você vê, a história é de que o soldado não quer matar, acerta na arma, um negócio de cinema, não é? E aí o Bob pega o cara, bota nas costas, ao invés de fugir com ele, ele avança com a bandeira branca, avança para as tropas brasileiras que está o general lá, o Heleno. Ele avança para o

general com o cara nas costas, pedindo socorro. Eles tinham lá um serviço de socorro, de emergência, ali. Entrega para o general o cara ferido, o líder da resistência ferido, confiando no general. Quer dizer, o general recuperou o cara, o cara sobreviveu, foi preso, sobreviveu, mas depois voltou, dois anos depois ele volta. Então uma coisa assim, é uma intervenção contraditória. Em Cité Soleil, 27 de abril 2007, era o coronel Barroso Magno que comandava a unidade que estava nas últimas batalhas em Cité Soleil, 2007. A vitória em abril, em Cité Soleil, que ele consegue tomar a última área ali que estava em resistência, ele ficou 48 horas cercado a área, mandando folhetos com helicóptero e autofalante dizendo: nós vamos entrar, avisando que o exercito ia entrar, 48 horas, que é o tempo que... lá pelas tantas, os líderes da resistência começaram a vazar, fugir, escapar, antes que entrassem, quando eles entraram já não tiveram resistência. Um pouco a estratégia aqui da UPP, já não tiveram resistência. E aí veio crítica da imprensa lá, da ONU, tal, “mas deixou todo mundo ir embora, fugir”, e ele deu uma declaração, o objetivo não era prender os líderes, os bandidos, o objetivo era reconquistar o território. Depois eles estão sem território vai ser mais fácil achar. Então esse tipo de estratégia. Aí o coronel Barroso Magno, ele organiza uma festa do fim da guerra, do fim da violência, do conflito. Aí ele manda um recado para a gente, se daria para organizar uma caminhada de Bel Air até Cité Soleil para festejar, participar da festa. E tinha lá o comandante da companhia que controlava Bel Air chama, major Lídio, que é um negão baiano maravilhoso. Então o major Lídio lá com a gente, a gente estava... tem outras histórias, não vou contar tudo que é muito detalhe, mas estava uma confusão lá em Bel Air... depois do carnaval, a gente entrou pelo carnaval, e patrocinamos 19 bandas de desfile de carnaval, dinheirinho de nada, para eles pagarem a inscrição no carnaval porque custava um dinheiro para desfilar na praça principal, Champ de Mars, então para eles foi a primeira vez que festejaram desde da crise de 2004 que estava tudo fechado, estava abrindo nesse momento, aí a gente patrocinou a participação do carnaval com a condição que eles desfilassem com o tema: água, mulher e saúde, *l'eau, femme, santé*, era nosso primeiro projeto, negócio de água nas escolas, água de chuva com as *mulheres* e as enfermeiras cuidando da água, todos os blocos, *l'eau, femme, santé*, não tem nada a ver com o tema de carnaval, “mas por um dinheirinho a gente fala qualquer negócio no carnaval”, então foi assim que a gente entrou, com o carnaval. Mas aí vem o major Barroso Magno e pergunta se dá... em abril já, depois do carnaval, se dá para a gente organizar uma caminhada até... para mostrar que Bel Air estava com as forças de paz, a Cité Soleil. A gente fez um rara mix, um rara dos vários grupos rivais desfilando pelas ruas, duas

horas e meia, três horas caminhando, desfilando pelas ruas até chegar em Cité Soleil e entrar na festa de Cité Soleil. E o major Lívio foi um dos que liderou o desfile, tirou o uniforme, botou uma bandana azul na cabeça, dançando no rara, líder militar da região. Não dá para imaginar um oficial americano, num país ocupado, sair dançando na frente dos malucos, tudo bandido. As mulheres com a bunda de fora, uma coisa totalmente carnavalesca, o Lívio amando essa história toda. Então tem um lance diferente; até 2009 o Brasil exercitou lá, que fez muita diferença, que marcou um estilo de presença diferenciada, e a gente participou disso, nesse sentido.

L.O. - Aí os orixás não gostaram nada disso e mandaram o terremoto...

R.C. - Pois é. Dizem que foi mal feito. Tem uma história assim, que o tal evento do Boukman, que é o evento fundador da nação, que tem alguma coisa mal feita na cerimônia, então que teve o poder da libertação, mas foi mal feito, tem uma coisa que nunca dá certo.

L.O. - Aí tem que fazer outra vez, e outra vez.

R.C. - A gente fez uma outra por pedido do pai de santo, em 2009, ele chegou e disse: “olha, a gente fez e deu certo”, em 2009 parecia que tudo estava dando certo, “precisamos fazer uma de agradecimento”. “Essa aí quanto vai ficar?” “Essa é barata, U\$1000, a gente resolve.” Mas fizemos uma outra cerimônia de agradecimento porque a coisa tinha ido bem. Até 2009 todos diziam que o Haiti estava num processo de desenvolvimento, quer dizer, saindo do buraco. A primeira-ministra que era a Michèle Pierre-Louis, uma senhora, madame super... é um personagem internacional, é dirigente, diretora da ONG, uma fundação, a melhor do Haiti, chama Focal. É uma fundação financiada pelo George Soros. E a Michèle foi a primeira-ministra que tinha toda linguagem do povo internacional, trouxe o George Soros para estar mais perto, trouxe o Bill Clinton para estar mais perto, o Bill Clinton assumiu a função de representante da ONU para o Haiti, virou um porta-voz da causa haitiana, mobilizando recurso, projeto, então estava assim. Final de outubro de 2009 o Clinton organizou uma conferência num hotel chamado Caribe, hotel cinco estrelas, com mais 600 empresários, inclusive muitos brasileiros, cada mesa uma roda de negócios e a conferência era sobre como ganhar dinheiro no Haiti, o Haiti como lugar de oportunidade. Os brasileiros lá todos entusiasmados, “onde eu vou morar, qual o lugar mais quente aqui?”, então o clima era de que vai dar certo. Isso foi final de 2009, janeiro de 2010 veio o terremoto e jogou tudo para trás.

D.P. - Nessa altura o Viva Rio já estava com que tamanho no Haiti, até 2009, antes do terremoto?

R.C. - A gente já tinha desenvolvido o programa de água, esse de água de chuva, que foi um programa muito interessante, a gente levou essa experiência nordestina de cisternas e tal, para um ambiente urbano lá, sobretudo aplicando em escolas. Capta água de chuva no teto, trás para uma cisterna, trata na cisterna, joga para cima de novo e devolve por gravidade para bebedouros, para os serviços. Então a gente montou isso, tinha mais de 35 escolas em Bel Air com esse sistema de água, sendo gerenciado por um comitê da escola sempre com uma mulher a frente com formação em saúde, uma técnica de enfermagem. Aí dava um sentido educacional a coisa. Já tínhamos iniciado o programa de coleta do lixo, levamos a turma da Comlurb daqui para ajudar a montar, pessoal ótimo da Comlurb, até hoje a gente se encontra, tal; foi um rapaz um rapaz que dirigia coisa de lixo lá em São Gonçalo, Paulo Cesar, PC, sabe tudo de lixo, sobretudo no meio da merda, da Maré, Salgueiro, Jardim Catarina, em São Gonçalo o PC manda, sabe, conhece. Haiti para ele, ele tirou de letra as confusões haitianas, então gente assim, tinha o Gilson Mansur, Penido, pessoas de muita qualidade que foi entusiasmada e gostou de ter ido, gostava do desafio haitiano. Então já tinha essa coisa de água, tinha coisa de coleta do lixo, começamos um trabalho de saneamento. Lá não tem esgoto, então...

D.P. - É uma espécie de piloto que vocês faziam em Bel Air?

R.C. - É, tudo Bel Air. Só fazia Bel Air.

D.P. - É como se fosse um piloto.

R.C. - É, para mostrar que é possível, mas é Bel Air. Bel Air é grande, 135 mil habitantes, tipo assim, uma Maré, uma Rocinha, um Alemão, um bairro grande, mas no centro da cidade, então isso tem um valor simbólico forte porque é centro, está ao lado do porto, Bel Air termina no porto do país, o principal mercado popular do país também termina ali. Então a gente tinha varias atividades. Tinha um programa de pacificação que deu certo, um acordo de paz entre as facções que se disputavam lá, chama *Tambou Lapè*, Tambor da paz, tambor é um tipo de um bingó, os beneficios da paz a gente sorteava, todo mês que não tinha morte por conflito a gente sorteava brindes, eram bolsa de estudo para crianças, cada dois meses para os membros das bases, das facções, para jovens, e quando zero homicídio, que é muito raro, zero homicídio é muito raro numa população de 135 mil, para os líderes das bases, como se eles fossem corresponsáveis por terem pacificado o ambiente, sorteava uma motocicleta, adoravam a motocicleta, e a cada dois meses uma festa popular grande, de rua, houvesse ou não morte. A festa era sagrada, vai ter festa cada dois meses. Isso era o *Tambou Lapè*, um acordo de paz, o pessoal assinando o acordo, queria participar.

D.P. - O nome de vocês lá era Viva Rio?

R.C. - Viva Rio, Viva Iô, porque eles não conseguem dizer o erre, vira u.

D.P. - Nessa altura tem essa sede grande no centro de Bel Air, já tinha quantas pessoas lá?

R.C. - Já tinha quase 200 pessoas trabalhando, funcionários.

D.P. - Brasileiros ou gente de lá também?

R.C. - Não, brasileiro nunca passou de uns 12. O que a gente levou para lá que deu *muito, muito certo*, foi capoeira, uma coisa impressionante como pegou. Hoje a gente já tem mais de 500 capoeiristas lá batizados, o mestre é de São Gonçalo, cresceu no Viva Rio, praticamente.

D.P. - Quer dizer, você levava as pessoas daqui para lá, para formar, fazia formação, digamos assim.

R.C. - Isso. E levando nosso *know-how*, então, lixo foi da Comlurb, que vai contente, ganhando uma mixaria; água, levei um pessoal da Cedae aqui, mas também gente que conhecia um pouco negócio de água cisterna; capoeira; depois futebol, levei gente daqui, uma menina que era do jongo em Madureira, que formou um grupo de dança lá.

D.P. - Quem era?

R.C. - A Ila Machado, que é uma graça, formou um grupo de dança lá muito legal, cruzando dança haitiana com dança brasileira, misturando. Então muito essa coisa de levar o *know-how* brasileiro, se ajustando aos problemas de lá e dialogando. Mas aí formando pessoal de lá, a grande maioria, 90% e tantos são haitianos, em todas as posições que a gente tem. Então até 2009 parecia que ia dar certo, a gente estava nadando de alegria.

D.P. - E o financiamento de vocês, vocês já estavam produzindo? Você falou essa coisa de artesanato, tecido, não?

R.C. - Não, para valer não.

D.P. - Vocês não estavam fazendo serviço, estavam fazendo o que, com financiamento externo?

R.C. - Financiamento primeiro da Noruega, um projeto de três anos, não, foi um projeto de cinco anos, Noruega, renovava a cada ano, mas era cinco anos. Depois veio Canadá, a Cida e o Ministério de Relações Exteriores do Canadá, ministério com o tema mais de segurança e Cida com tema mais de desenvolvimento. A gente formou também além do apoio de paz a gente formou... Em 2008 foi um ano de furacões, passaram quatro furacões por lá, foi um ano muito duro, sofreu-se muito, muita gente, muito sofrimento. Porque a beira-mar é pobre, é uma ilha, a montanha que desce no mar, então a beira-mar em geral é pobre e os ricos vão para a montanha. Quanto mais alto, mais claro, mais mulato, lá em cima mesmo são libaneses, já estão

no nível libanês de ser. Na beira aquele favelão pobre, furacão vem, bate na montanha, a água desce, inunda tudo, então muito sofrido 2008 em termos de furacões, inundações e tal. Teve um tal de furacão Hanna, ela veio, nem era tão forte, mas chegou assim, sentou, e ficava rodando, aí chovia, chovia, ventava, ventava, não parava, então *muito sofrimento*. Aí a gente formou uma brigada de proteção comunitária, uma brigada popular no bairro, foi treinada pelos militares para responder as situações de emergência. Pensado primeiro em inundações, depois com terremoto, essa brigada foi assim *fundamental* para gente. Virou uma força, tipo uma defesa civil comunitária, digamos assim, com cento e poucos membros. Tinham vários programas, tinha a coisa de segurança, tinha a coisa de água, a coisa de luz, coisa de música, arte, tal.

D.P. - Tá. Então era Noruega, Canadá, a Ford estava nisso?

R.C. - Não, agências da ONU. A ONU está inteira lá, então você tem Pnud, Ocha, tem Unicef, Unicef devagar, quase parando.

D.P. - A comparação, por exemplo, esse ABC brasileiro. A relação com o governo brasileiro, do ABC não tinha nada?

R.C. - O governo brasileiro *ainda não tem* uma estrutura de cooperação internacional para valer. Ele não tem instrumentos... tem uma presença cada vez maior brasileira internacional, tem uma expectativa *enorme* em relação a presença brasileira sobretudo nesse esquema sul-sul, mas não tem os mecanismos, não tem os instrumentos para transferir dinheiro para o exterior, não tem. Então, como faz? Não faz. Pode? Não pode. Como vai prestar conta em Burdia? Não pode. Só tem jeito de prestar conta, é convênio ou é contrato, certo? Esse jeitinho que a gente vê aqui, são os instrumentos que tem. Então a coisa internacional *ainda não rola*. Rola, são financiamentos do BNDES para empresas, investimentos e tal ou algum tipo de cooperação governo a governo. Mas governos de países de estado em crise profunda, são muitos difíceis de poder lidar com relações de projetos mais complicados. Você tinha assim, rolou um projeto de formar uma escola tipo Sesi, Senai, lá, profissionalizante, aí, claro, tem que ser com o ministério de educação de lá. Aí vai uma missão do Senai conversar com o ministro da Educação, aí o ministro da Educação esqueceu que vinha a missão, aí não recebe, aí fica lá o embaixador desesperado, chegou esse povo lá do Brasil, cheio de projetos, boa vontade, não tem com quem se reunir porque... Aí quando o cara vem, o cara não está preparado, não rolou. Tem um projeto, já tem uns três anos que o Senai vai lá e volta e não consegue implantar um projeto que é *muito* complicado, que é estado com estado. Não existe essa coisa de ONG ser

financiada diretamente pelo governo brasileiro no exterior, não existe, tem uma exceção por curioso que seja, que é um ministro do Itamaraty que conseguiu o projeto de combate a fome, que saiu fora dos esquemas, aquela coisa do Frei Beto primeiro, depois combate a fome, Lula, Betinho, essa linha da fome é a única que sai um pouco do esquema e que consegue. Eu não sei por que, mas eles conseguem transferir algum recurso para aplicar também com ONGs. Está lá o MST, o MST está no Haiti, aí consegue transferir algum dinheirinho para o MST, algum dinheirinho para o Viva Rio, um dinheirinho para uma outra coisa, mas...

D.O. - Nada...

R.C. - É dinheiro, dinheiro é dinheiro, tudo bem, mas é a única, experiência que eu tive até aqui algum recurso financeiro. Muito apoio institucional, muito. Isso tem e é importante porque você está num ambiente de ONU, internacionalizado, geral, todas as agências, o mundo inteiro lá, o Brasil está junto, a Embaixada, os embaixadores que esteve lá, o primeiro e o segundo são o Cordeiro e Igor Kipman, foram excelentes, realmente muito presentes, muito ativos e muito a fim de ver as coisas acontecerem. Não tem aquela postura distante de embaixador. Então o institucional muito forte em termos de apoio, e vale muito quando se está lá porque abre portas, abre caminhos, te dá uma retaguarda etc., mas recursos não, porque a cooperação internacional brasileira ainda não está estruturada. Porque a nossa cultura é muito para dentro, é muito brasileira, não tem visão internacional.

D.P. - Mas tinha essa ideia do ABC se transformar no ministério da cooperação sul-sul.

R.C. - Ainda está...

D.P. - Participei até de uma reunião com essa...

R.C. - Exatamente.

D.P. - Que era até pegar um pessoal das ONGs e botar nesses cargos e faz essa coisa da cooperação com a África, com Haiti, mas...

R.C. - Não rolou, é totalmente diplomático, o Itamaraty, e, sobretudo as regras de controle são muito estado a estado, não é estado a ONG.

L.O. - Tivemos uma aula a respeito do Haiti. Me diga, há muitas ONGs *all over de world*?

R.C. - Vê só, quando rolou o desastre realmente, aí sim, aí... eu me sentia num filme daqueles de ficção científica, vão chegando naves espaciais de todas as galáxias, de todos os planetas, mais aqueles s bares que você entra tem gente-bichos de todos... *Star Wars*, aqueles bichos, tem gente de todo tipo e qualidade tudo marcando encontro por GPS, ninguém tinha ideia de nada,

não conhecia nada ali e *muito* eficientes. Primeira resposta realmente impressionante, porque um pessoal especializado. Tipo assim, primeiros-socorros...

D.P. - Você estava lá quando aconteceu o terremoto?

R.C. - Meu pessoal estava, foi início do ano, eu estava aqui, eu fui no dia seguinte.

D.P. - Você foi no dia seguinte? Conseguiu entrar?

R.C. - Consegui.

D.P. - Desembarca lá de avião?

R.C. – Não, impossível. O aeroporto estava fechado. Chega em São Domingos e indo por terra. Aí foi assim, veio à notícia do terremoto, aquela coisa, meu filho estava lá, o André, o André D'avila, estava lá no Viva Rio. Aquela agonia, não conseguia falar, eu fui para *Globo News* para comentar aquelas imagens chegando assim, *parece mentira*, mas o primeiro contato do Haiti internacional feito pela internet, foi feito pelo André.

D.P. - Seu filho?

R.C. - Meu filho. Ele essa coisa de internet de menino, estava lá na internet...

D.P. - Ele tem quantos anos?

R.C. - Na época estava com 20 por aí. E ao nosso lado vizinho, tinha um cara que era da Reuters, e esse cara bate na porta lá: “acho que você está com sinal, você está com sinal...” para o André, aí os dois juntos, o cara da Reuters e o André fizeram essa comunicação primeira, mostrando imagem e contando no próprio dia do terremoto.

D.P. - Você estava na *Globo News*?

R.C. - Aí entra o André...

D.P. - Você estava na *Globo News* quando entra o André.

R.C. - Estava na *Globo News* quando entra o André. Aí a gente começa a conversar assim. Estava lá vários especialistas de situações de emergência, cara da UFRJ, cara da Cope, cara não sei da onde, ali, e aí o André contando que não está dando para chegar lá em Bel Air porque estava uma confissão danada e tal, e os caras estavam sem gasolina, então não tinha como ir, a gasolina tinha acabado. Isso foi no dia seguinte, o terremoto foi a noite, foi cinco horas da tarde, a noite, aí, foi no dia seguinte, na manhã seguinte. Aí eu falei: “André, vai a pé...”, quando eu digo isso, a turma toda em volta fica indignada, porque o pai mandando o filho ir a pé, em vez de ficar em casa quietinho, “vai a pé”, aí ele falou: “boa ideia”. Aí eu expliquei que lá... estavam falando de saques, de violência, correria, mas o saque é o seguinte, o saque é contra o carro, você vai de carro o pessoal cai de pedra em cima, se você for a pé, ninguém te ataca porque

you are on foot, you are in the territory of pedestrians, then everyone only goes on foot, then going on foot is safer. It takes a little time because it's half an hour on foot, but you get there. It stayed in memory this story, "go on foot".

D.P. - You are alive...

R.C. - "Go on foot, André", "I will talk with Faquino, let's go on foot". And to see how it was the situation there in Kay-Nou, our headquarters there that fell, and it became a camp for the homeless, 487 families stayed there.

D.P. - And the next day you travel...? And the fear, none?

R.C. - It's not that fear, fear in various situations, but you are so inside the story that it's not... I called for a person who had gone some times with me, that is Ubiratan Ângelo, colonel, who on the occasion was the Secretary of Public Order in Búzios, he was well in Búzios.

D.P. - I followed this story because the people were accompanying it through Ibase. "Rubem can't travel, Ubiratan..."

R.C. - I called for Ubiratan, "Ubiratan, let's go there?", "Pô, but I am secretary here.", "Pô, leave this shit here..." [laughs], he said: "I think I will go, yes, when?" "Tomorrow, let's go there", we went together the two for São Domingos, then, where? It entered by land, a huge train, a complicated thing.

D.P. - From São Domingos to there how many hours?

R.C. - Well, it's more time traveling in the Dominican Republic, it's about four hours, and inside, normally, two hours from Haiti. But in the case of the earthquake it was a total confusion, it took a whole day like this, we left early in the morning, we arrived at night.

D.P. - By car, someone took you?

R.C. - Train, train, it was a train... it was already an emergency train.

L.O. - You said, these people from the first, they arrive right after...

R.C. - It is impressive.

L.O. - They are very trained...

R.C. - They are very trained, this type of thing, really *science fiction*, it opens like this, you enter with a hospital full of doctors operating, a very well trained thing. They do it for four... I lived with a group of these, Norwegians, during two months, living in tents with them, attending to the first situation.

D.P. - Where is this?

R.C. - Isso lá no Haiti.

D.P. - Você ficou com esse grupo norueguês numa barraca?

R.C. - Eles ficaram com a gente, que a gente não tinha com quem ficar, eles ficaram com a gente na nossa casa, morando em barraca; ninguém entrava dentro de casa, tinha medo, continuava tremendo, então você não vou ficava dentro de espaços com concreto armado, concreto armado cai, então ficou dormindo em barraca, dormi barraca quase um ano, ainda. E aí esse povo dormindo com a gente, foi lá, ficou na nossa base lá na nossa casa, e especialistas de situações de emergência. Ficamos amigos tal, eles fazem quatro por ano, em média. Sai de lá e vai ter uma na Ásia, uma na África, sempre tem uma desgraça grande no mundo, tsunami, terremoto, furacão, uma coisa dessa e quando é grande eles vão, são especialistas disso. E há muito recurso, é onde se mobiliza o dinheiro voluntário é nas tragédias naturais, humanitárias, ajuda humanitária.

D.P. - Aqui nessa época, você abriu conta, todo mundo mandando dinheiro...

R.C. - Foi, a gente arrecadou aqui mais de um milhão.

D.P. - Depois não tinha nem como mandar as coisas para lá?

R.C. - Tinha, a gente mandou.

D.P. - Alguém falou: nossa tem tanta coisa e não consegue chegar.

R.C. - Não, não, não. Isso foi mais pessoal que estava lá acho que no nordeste, no sul, estavam longe, não tinha uma logística, não tinha um esquema. Mas aqui, até a Receita Federal foi bem legal, nos ajudou a beça, em termos de ajuda mesmo, de descomplicar e tal. Negócio de container você tem que... você errou um campozinho, uma coisinha, barra tudo, então tem que estar tudo muito bem formalizado, é uma burocracia muito cuidadosa, muito complexa. Você tem que saber direito, ter gente que saiba, mas Receita nos ajudou bem. A gente mandou. Ainda está mandando dois por ano, dois containers por ano, até hoje. Então até que essa ajuda internacional ela foi muito... O primeiro momento foi muito generoso, porque o povo também, digamos, *aquela tristeza*, aquela coisa terrível, mas a resposta primeira, não era uma resposta de indignação; a única indignação, que tinha um discurso que respondia a desgraça era dos pentecostais, que acusava o pecado nacional pela desgraça, punição e tal, coisa do vodu. Então tinha esse tipo de comentário. O povo do vodu, coitado, não sabe o que dizer numa hora dessa, realmente, acho que não tem os elementos. Mas em geral, não houve resposta violenta nos primeiros três, quatro meses. E aí a resposta internacional vinha com eficiência. A gente mesmo, nossa base ficou puro frangalho. A gente chama de barraca crioulo, tipo barraco

mesmo, puxa um pano daqui, amarra dali, foi num período de seca, de janeiro a fevereiro é seco, depois começa a chover em março. Então bateu o período de seca, não tinha muita chuva, então o povo morava nas condições mais malucas na rua. Todo mundo morando na rua, ninguém queria entrar dentro de casa. E as ruas então cheias de gente. Então uma das coisas que os noruegueses com quem a gente estava, chegaram, por exemplo, mandaram barracas. Umhas barracas bonitinhas, bacaninhas, tal, tal, tal, armava a barraca dava uma família de sete a dez pessoas. A nossa base lá ficou uma maravilha, de novo. Aquelas barraquinhas tudo em ordem, aí consegui água para ter água potável. Aí tem aquelas pílulas que você bota, a água fica boa, esses instrumentos todos, muito legais assim, eles estão preparados, sabem o que fazer e como fazer, e a gente pegou carona nesse conhecimento deles, tendo a base local, que é em geral o que eles não têm. Então foi um casamento legal porque a gente tinha abrigado, graças a Brigada, a gente conseguiu ter um campo totalmente local, sem confusão, tinha atividade para as crianças, para as mulheres; mulher parindo lá de montão, teve nove mulheres que nos primeiros meses tendo filho lá no nosso campo, tal, o próprio pessoal da Brigada fazendo o parto. Então uma coisa assim, que a Brigada realmente segurou a barra; e conseguimos graças a Brigada negociar depois de três meses, em abril, a gente negociou a saída: “olha, não dá para ficar aqui, senão a gente não consegue fazer nada, precisa abrir isso aqui, botar para funcionar e tal”, aí negociamos uma saída voluntária, que foi um negócio muito legal também; graças a Brigada negociando com as pessoas, falando, sentando, assinando contrato com cada família. Então uma coisa que...

D.P. - A saída do local?

R.C. - É, do campo. Porque nossa sede virou um campo, quase 500 famílias ali, 2000 pessoas. Você não faz mais nada, você cuida desse campo. Então a gente: “não pode ficar assim, senão a gente não consegue funcionar.” Então negociamos a saída e eles saíram voluntariamente, rapidinho, zup. De modo que... me perdi o que eu estava falando... dos estrangeiros, as ONGs. Então esse primeiro momento, acho que é típico de ONG, realmente, rapidez, agilidade, já uma certa competência. Aí teve uma mobilização mundial muito grande e uma reunião em 31 de março, em Nova York, para fazer aquele leilão, quem dá mais, para reconstrução do Haiti. Aí os países todos, o Clinton, tal, liderando, a ONU, agências da ONU e há um encontro que se fala em U\$ 11 bilhões, cada país dando assim, forma um bolo de dinheiro para investir no Haiti, tal. No momento em que alguém pronunciou a palavra U\$ 11 bilhões mudou totalmente o ambiente. Aí você tem, primeiro, forma-se uma comissão para julgar os projetos, é preciso ter

transparência. Onde vai botar o dinheiro? Tem que ser ou no BID ou no Banco Mundial, os dois se disputando para ver quem pega o dinheiro, aí rachou. Não, aí tem que ter alguém da ONU também, ficou Pnud. ou Pnud, ou Banco Mundial, ou... Dinheiro num dos dois bancos, mas as três agências que vão operar os projetos, aí forma-se uma comissão, essa comissão tem que ter regras e procedimentos de controle do uso do dinheiro e desenvolvimento do projeto. O fato é que a gente botou lá como projeto, coleta de entulho, aí levei um brasileiro também, um rapaz chamado André Andrade, que trabalha com entulho aqui, o pessoal da Comlurb apresentou, o André vai lá, “André, o que a gente pode fazer com esse entulho, tal?” . Bel Air foi das regiões mais afetadas pelo terremoto, tem áreas de Bel Air que foram mais de 60% das casas destruídas, 2/3 das casas destruídas, foi muito, muito forte; e que também é uma região da cidade de casario antigo, maior, mais frágil, ruiu. O André chega lá, fica maravilhado, nunca viu tanto entulho, o sonho da vida dele, quer se mudar para o Haiti [risos], “aqui que eu fui criado...” e aí a gente faz um projeto para limpar o entulho de Bel Air e fazer uma aplicação interessante sobre esse entulho. Isso foi em agosto já, quando se abre realmente as estações de projetos com esses bilhões que estariam disponível para recuperação. Nós tivemos nosso projeto analisado cinco vezes, por cinco comissões diferentes, *porque mudou em um ano, cinco vezes* a composição da comissão que analisava os projetos, e cada um que chegava era uma ideia diferente, perdia a memória do anterior, então tinha que começar tudo de novo. Os únicos que conseguiram receber dinheiro aí, eram as próprias agências da ONU, esse dinheiro ia para o Pnud, para Unicef... para fora, para outros era difícilimo, de tal maneira que só agora em janeiro desse ano, finalmente nosso projeto, a gente conseguiu receber o contrato para começar a limpar o entulho de Bel Air, quer dizer, dois anos depois. E já não diretamente conosco, naturalmente, o projeto com o Pnud, a gente sendo contatado pelo Pnud para fazer o serviço. Que a gente está fazendo de noite, essa coisa de coletar e tal. O que eu estou querendo dizer é o seguinte, a emergência, a resposta é eficiente, a reconstrução, você entra nos mecanismos burocráticos de projetos, que são projetos de desenvolvimento, que são pensados assim para décadas, então você não tem uma cultura, nem instrumentos institucionais para lidar com o ritmo dos meses, o ritmo... que não é dos dias, mas dos meses, de projetos que façam... Criou-se aí um abismo de inercia, e de nada acontece, as pessoas nas barracas e chove em cima, e fica tudo molhado, aquela desgraça, os caras, confusão, aí então, esse período de 2010 inteiro, 2011 inteiro, foram dois anos de muita, muita, muita frustração. Porque aquela promessa toda a resposta, primeiro da recuperação, até 2009, depois da desgraça e uma solidariedade que

promete talvez a gente consiga recuperar, mas foram dois anos de nada, de inercia, de nada, de nada. A limpeza, de fato, do entulho que é por onde você começa, então está um monte de terra, um monte de pedra, um monte de pó, um pó branco que é muito calcário, e você começa belamente a limpar a cidade dois anos depois. Então são dois anos de uma perda, que não é só perda de tempo, mas em termos de criação, de muita, muita angustia e muito ressentimento e uma nova geração que surge de repente, bota a cabeça de fora, totalmente indignada e se lixando, descrente de toda essa linguagem da ONU e das operações de paz, já com outra atitude em relação ao Brasil, já não é mais aquele mesmo entusiasmo, e sem respeitar as próprias regras tradicionais entre eles de controle da violência. Um pouco meio desordenado assim. Então a gente está vivendo hoje um momento *mais violento até* do que a gente encontrou em 2005, pela resposta a essa situação. Infelizmente o terremoto não deixou, eu diria, nenhuma lição boa, só negatividade. Nenhuma. Porque toda aquela solidariedade acabou esbarrando... primeiro momento, sim, mas depois esbarrou nas dificuldades burocráticas, primeiro das agências internacionais, depois do governo haitiano que tampouco estava preparado, evidentemente... a residência do presidente que morava bem, ruiu também, “estou sem casa, não tenho onde morar”, a ONU ruiu, muita gente morreu, as melhores cabeças, você tinha das melhores presenças de ONU em operações de paz era no Haiti, tinha um pessoal excelente. Um brasileiro, Luiz Carlos da Costa, que era o segundo cara, era o operacional da direção da ONU, fantástico Luiz Carlos, amigo, corajoso, prático, visão, político, um cara realmente assim tipo... dá gosto de ver uma pessoa como aquela, e sendo brasileiro, dirigindo a missão, estava numa reunião com os chineses lá, morreu todo mundo, os chineses, os brasileiros todos que estavam na reunião, caiu a merda toda do prédio, desceu. A ONU também perdeu também uns quadros de primeiríssima, militares, brasileiros, foi um desastre não só para os haitianos, mas internacional. Difícil recompor um quadro de direção internacional como aquele que estava ali, estava indo bem, que queria inovar, queria dar certo com aquilo. Então é uma perda tremenda isso. E as energias negativas que acabaram aflorando com a inercia da reconstrução tomou hoje campeada, estão hoje na rua.

D.P. - E o Viva Rio nessa história, muda seu perfil?

R.C. - O Viva Rio mudou muito o quadro, pois é, porque, o que aconteceu, a primeira resposta de tanta desgraça, de tanta agonia, foi uma resposta que parecia fazer sentido que era o seguinte: tem que dar emprego, tem que dar emprego, o negócio é dar emprego, o emprego melhor é o emprego de rua, limpeza, faz isso, faz aquilo, trabalho de rua; então houve uma linha de

trabalho que chamava *cash for work*, dinheiro por trabalho. Como uma vez aquele menino do Ipea disse, se jogasse dinheiro do helicóptero talvez fosse mais eficiente, em distribuição de renda, lá certamente seria verdade, porque são monte de gente trabalhando sem fazer coisa nenhuma, cem fazendo o que dez fariam, e sem controle e tal, só com a camiseta de cada uma das agências, das ONGs, usando trabalho como meio de distribuição de renda. Então o que acaba desmoralizando o trabalho, e inchando, não só inchando as organizações, como gerando uma demanda pelo trabalho totalmente além da capacidade de responder. Então o Viva Rio entrou nessa furada do mesmo jeito, a gente chegou a ter quase 1.500 funcionários nesse período, empregando, empregando, empregando, muito dinheiro para botar *cash for work*. A gente tinha um trabalho de saúde de “Água, Saúde e Mulher”, era uma coisinha de saúde na escola em volta da água, tinha lá umas enfermeiras. Quando baixa o terremoto, tinha uma Brigada, a gente virou um hospital de campanha, gente toda ferrada, ferida, quebrada chegando e a gente lá cuidando de baixo de um toldo, sem ter nenhuma facilidade para fazer isso, mas os remédios chegando e as coisas chegando, e a gente acabou virando uma clínica de emergência em Bel Air, a única. Aí vem depois o cólera, aí com o cólera também aí que tem... Aí a gente acaba fazendo um esquema de saúde que não era nosso objetivo, com um monte de médico, monte de enfermeira, um monte de gente, então a gente inchou demais. E quando foi final de 2010, começo de 2011, os dinheiros da emergência começaram a migrar de novo, aquelas aves que ficam voando de uma catástrofe para outra. Então, do Haiti já está terminando, então estão voando para outras regiões, o dinheiro vai indo embora... erro nosso, nós não percebemos a tempo que era hora da gente também diminuir. Muito duro você cortar, mas a gente deveria ter feito isso. Então o fato é que a gente ficou ainda inchado em relação aos dinheiros disponíveis, houve uma circunstância, coincidência ruim, que foi o final de um contrato com os canadenses, depois de três anos, justamente coincidiu aí, e aí para eles renovarem leva um tempo, então a gente entrou num período de *muita* dificuldade financeira em 2011 lá. Fomos reduzindo nosso projetos e nosso pessoal devagarzinho, devia ter sido mais rápido. Terminamos 2001 quase sufocado. Na virada de 2011 para 2012 finalmente a gente deu o passo e fizemos uma demissão em massa, 350 pessoas demitidas em duas semanas. Aí aquele *down size* em radical, e transformando o *cash for work* em *cash for production*. Então a gente conseguiu projetos; esse projeto do entulho que é um projeto grande, a gente paga por produção, por container cheio de entulho. Encheu um container de 15 m³ de... passando a régua, tem que estar cheio, aí paga o líder da equipe que encheu por m³. Cada container são 15 m³. A gente recebe por m³. Então

estamos num outro regime de programa por produção. E com isso não cria as dependências, funciona enquanto tem o projeto, tal, e esse projeto de hoje, o entulho, a gente está já com mais de 500 pessoas trabalhando. Então a gente demitiu 350, 500 foram admitidos num outro regime de trabalho. Mas não são as mesmas pessoas, não é exatamente a mesma área. Então a gente está vivendo lá um momento muito difícil de ajuste, de reorganização em função desse pós-terremoto.

D.P. - Você também falou de uma coisa de fazer tecido...

R.C. - Está acontecendo o seguinte, agora a gente só quer saber de *cash for production*, tem que produzir, porra. Virou uma loucura de transformar tudo em produção, a gente paga por produzir, senão não vai ter emprego, não. A gente tem, por exemplo, um trabalho de estampanaria que está acontecendo, *muito legal*, tem um brasileiro de Macaé, um negão chamado Tarta, é um cara de produção de estampanaria de Macaé, foi lá para ensinar. Ele tipo assim, negão forte, grande, meio gordo, enorme, o simpatia, e o Tarta se encontrou no Haiti, amou o Haiti, virou um sultão, tem mulher para todo lado, as mulheres adoram ele, ele chama um *sexy fat*. Você tem o *sexy* e o *sexy fat*. O *sexy* é aquele cara todo, digamos assim, não é bem um sarado porque não chega a ser o modelo de lá, mas o *sexy fat* tem uma atração muito especial, a pessoa mais cheia, e faz um sucesso nas festas, na dança, em tudo. E o Tarta é o rei do pedaço. E ele é negão, então o pessoal acha que ele é haitiano, ele se movimenta com tanta graça e com tanta facilidade que no Natal passado agora... O centro da cidade tem lá [Chaud de mars]* que é o acampamento dos desabrigados mais bravo, mais politizado, mais difícil, mas também uma área que toda noite tem muito comes e bebes, muita bebida, tira gosto, aquela coisa de botequim assim, muito informal, nojento, aquele óleo queimado na rua, aquela galinha frita molhada, e o Tarta no meio, toda noite ele vai para o meio da coisa e fica pro lá, o *night* dele é o Champ de Mars. O Natal em Champ de Mars esse ano era o Tarta comandando o churrasco, fez um *barbecue* lá, e ele era o churrasqueiro de Champ de Mars, uma coisa linda. O Tarta não volta mais, ficou muito haitiano.

D.P. - E ele ensinou o pessoal a fazer essa coisa...?

R.C. - Aí ele trabalha como louco, é totalmente competente, montou as máquinas, montou as mesas, doações, essa é uma linha de trabalho com estampanaria que está rendendo e que já se sustenta, então essa foi uma linha. Outra a gente está tentando lá com os artistas, uma marca chamada *Deportè*, deportado, americano deporta famílias de estrangeiros da região que fazem algum crime, eles mandam embora, mandam de volta, mesmo que a pessoa não fale a língua,

tenha sido nascido e criado nos Estados Unidos, mas de família haitiana, vai embora. Têm vários deportados que são meio barra pesada, revoltados, então a gente criou essa marca chamada *Deportè*, Deportado. Que é uma marca bacana, com os artistas de Bel Air criando, tal. Então tem até a pretensão de transformar um pouco em faixa, não só camiseta institucional para ONG, mas também uma coisa meio faixa assim que pode fazer algum interesse. Tem essa linha, é um exemplo de coisa.

D.P. - Tem comida também?

R.C. - A comida é o seguinte, tem uma menina chamada Gina que no terremoto ela ficou 48 horas soterrada com o filho, o filho chama Lula, que é filho do Bob com a Gina. O Bob...

D.P. - O Bob é aquele rapaz que você falou?

R.C. - Aquele rapaz.

D.P. - Tipo agente comunitário?

R.C. - Tipo agente comunitário, não, é um senhor, *ele sabe tudo*, mediador fantástico, criativo, um cara fantástico. E o Bob “queria ter um filho, me ajuda achar um nome”, “que nome?” “Um pobre que deu certo, tal.” “Tem o Lula, o Lula deu certo.” Aí virou Lulá, o Lulá está aqui agora, um menino maravilhoso, não sei se você encontrou com ele.

D.P. - Não.

R.C. - É um menino lindo, lindo. Ficou 48 horas debaixo do escombros, com a Gina, com a mãe, aí a mãe saiu, quando voltou foi lá morar com a gente, também nas barracas. Até hoje ela entra dentro de um prédio, não dorme dentro de um prédio, ficou com medo, traumatizada. Aí a Gina procurando trabalhando e tal, a gente tinha um trabalho de capoeira que pega muita criança, tinha umas crianças que não se comportavam bem, ficavam fraca, que sumia, então aí a gente convidou a Gina para verificar com as famílias das crianças, qual era o problema. Criança que estava apresentando problema na capoeira. Aí depois de um tempo a Gina voltou e falou: “o problema dela é que estão com fome, a maioria é fome mesmo, não tem muito segredo.” Tinha que ter...

[FIM DO ARQUIVO II]

R.C. - Então, só para terminar esse pedaço. A Gina veio com esse recado: “olha, não adianta nada a gente focar dando uma de assistência social, cuidados psicológico com as famílias das crianças porque elas estão com fome, estão desmaiando porque estão com fome, não é por... Então a gente devia incluir uma comida na atividade da capoeira.” Aí a gente tinha também a da dança e aí a gente conseguiu um recurso aí, foi esse recurso da Ford do Brasil, da Embaixada brasileira para bancar um program de cozinha, de comida para as crianças que estão lá nesses programas nossos. Então a gente está dando refeição para 700 crianças que estão nesses vários projetos. É basicamente a capoeira, dança e o Depotê, e começamos agora também um programa de educação lá. Aí a gente falou: “Gina, para continuar isso aí você tem que virar microempresa e vai virar burguesa. Porque se é uma coisa que tem campo possível, é comida. Você fazer quentinha, fazer coisa para essas organizações todas, se você tem... a gente oferece para você um esquema de cozinha, aí você tem que gerenciar.” Aí ela ficava pensando só no hip-hop, então eu tenho uma certa crise com a Gina por conta disso. Então a gente conseguiu uma ONG italiana Cope, para reconstruir um espaço que tinha caído com o terremoto para transformar num restaurante popular, um restaurante grande, um espaço com cozinha e tudo mais, usando gás do biodigestor, que depois eu falo do biodigestor, então essa coisa da cozinha é um outro exemplo de projeto que deve ficar autossustentável. Mas tudo depende de gerencia, de gestão, de alguém que toque e tenha disciplina. Isso é complicado, o mais difícil é competência de gestão. Eu não adquiri até hoje, imagine...

D.P. - Você não adquiriu... [risos] Atualmente então o Viva Rio, quer dizer, mudou o contato, a relação, mas tem quantas pessoas e a sede, só para a gente acabar? A sede vocês conseguiram reconstruir ou não?

R.C. - Sim, está quase tudo reconstruído, está em várias unidades...

D.P. - O mesmo lugar?

R.C. - O mesmo lugar, Kay-Nou, em Bel Air, hoje a gente está em quatro bases, Bel Air continuamos, a ideia de recuperar Bel Air transformar numa Lapa se perdeu, porque o terremoto simplesmente destruiu tanto que é difícil usar aquela mesma simbologia, aquela mesma esperança. Pode ser que volte em algum momento, mas por agora é *renda*, é pressão pelo trabalho que é tremenda e tudo, reconstrução. A palavra chave é *reconstrução*, o país precisa ser reconstruído. E aí a reconstrução passa por uma outra região, fica ao norte, que o terremoto foi centro-sul, então o povo fugiu para o norte. E no norte, a periferia de Porto Príncipe você tem uma região que era bem verde, bem pouco ocupada, depois chega nas

montanhas, contorna a ilha pelo litoral. Então você tem as montanhas, é muito alto, em meia hora você está a mil metros de altura, bem mais que as nossas montanhas aqui, Teresópolis e Petrópolis, depois chega a três mil metros, realmente montanhas altas, que descem sobre o mar. Aí você tem o vale, o vale rico, fértil e você tem um mar e ilhas caribenhas, no Caribe, aquela coisa linda. Então a gente seguiu na direção do norte, tinha opção: vai para o sul ou vai para o norte? Vai para o norte. Então fomos para Bon Repos que é meio caminho... não, Bel Air, aí a gente abriu um outro programa em Cité Soleil, uma área lá que a gente ganhou do governo para trabalho de lixo, reciclagem; aí uma terceira área que a gente comprou que é para uma academia de futebol, fazer um futebol de qualidade lá, novos talentos; e uma quarta área que é mais ao norte, uma região de turismo, que é um projeto de turismo ecológico. Então agora a gente está com quatro frentes: Bel Air virou um centro de formação, treinamento profissional e educacional e esporte e arte, Cité Soleil virou uma área de trabalho e reciclagem de lixo, depois futebol em Bon Repos e turismo no norte. Então a gente espalhou, descentralizou, essa foi a transformação. O turismo e futebol vão muito bem obrigado, Cité Soleil está começando e Bel Air está naquela luta. Essa que é o quadro atual. E a direção, hoje temos um conselho do diretor do Viva Rio no Haiti que é totalmente haitiano. É uma organização haitiana hoje.

D.P. – Haitiana?

R.C. - Haitianizou.

D.P. - Mas ela é registrado no Haiti como sociedade civil sem fins lucrativos?

R.C. - Exatamente, com todos os direitos, privilégios e deveres.

D.P. - Lá chama o que? ONG, Oscip, o que?

R.C. - ONG.

D.P. - Você lá tem um cargo ou seu cargo é daqui? Como... diretor-geral, mas lá você tem o que...?

R.C. - A mesma coisa, diretor. Mas lá tem um presidente que é um cara ótimo, Leslie Voltaire.

L.O. - Os nomes são ótimos, uma mistura de francesa e a pronúncia... Isso que eu ia perguntar, já que você disse que não tinha aprendido a gerenciar até hoje, muito bem, e quem é que está gerenciando então, junto com você ou no seu lugar?

R.C. - No Haiti?

L.O. - É.

R.C. - Olha, tem uma curiosa máfia peruana, que a gente chama de Viva Peru que são melhores de gestão que os brasileiros que estão lá. Os brasileiros que estão lá são mais, digamos, criativos

em várias áreas, então os peruanos dominaram. Chegou até um momento assim de uma certa tensão entre brasileiros e peruanos. Os peruanos dizendo que os brasileiros eram uns porraloucas e os brasileiros dizendo que os peruanos eram tipo *business man*, estavam a fim de *business*. Teve essa tensão, mas agora a gente levou um brasileiro chamado Marcos Gomes, de Brasília, que era gerente de supermercado, um cara com experiência empresarial, é o nosso segundo na área gerencial lá. Foi porque a mulher dele foi para lá com programa de saúde do Ministério da Saúde, a mulher dele é enfermeira. Aí ele estava perdido, “minha mulher foi embora” a gente soube disso e ele tem uma experiência de empresário, pequeno empresário, mas gerente, sabe gerenciar a coisa. Então era um baita processo de gestão, treinamentos, sistemas, a mesma coisa. Então está num processo de desenvolvimento da gestão lá, mas é difícil você... não é só gestão, também um processo de crescimento muito rápido, então... Outra coisa é que uma vez que você entra no internacional, você começa a ser convidado para ir para outros lugares. Aí tem uma pressão enorme para você ir para aqui, ali.

L.O. - Mas agora que o Viva Rio é haitiano, você pode montar uma equipe em qualquer lugar do mundo, Moçambique, na África.

R.C. - Exatamente. Tem um convite insistente, inclusive começando a ficar já até um pouco irritado, vai lá em Ruanda, Brundi e Congo, os grandes lagos, que o bicho está começando a pegar de novo. Aí virou como se fosse uma marca, uma especialidade, está respondendo a situações radicais de violência, tal.

D.P. – Você em algum momento você falou do Soros, o Soros está financiando vocês?

R.C. - Sim. O Soros financia o futebol, e foi uma conversa...eu disse a ele: “precisa investir no Haiti. Haiti, investir, apostar no Haiti, acreditar no futuro, investir e ganhar dinheiro no Haiti.” Aí ele riu e falou: “bom, me dá um exemplo.” Aí eu pensei, pensei, pensei em etanol, coisas assim. Aí voltei com futebol. Eles são muito bons de futebol, adoram futebol. Ele falou: “a ideia é boa, mas é tão maluca que eu vou botar do meu dinheiro pessoal. Se eu botar isso na Hope Society, - que é a fundação dele -, eles não vão aprovar, vão ficar me enchendo o saco.” Então é um dinheiro dele, pessoa física que apoia. A gente montou um centro formação de base lá para descobrir talentos no futebol. Temos categorias sobre 13, sobre 15, sobre 17, mulheres sobre 20. Os primeiros quatro jogadores formados estão chegando agora no Brasil, nos próximos dois meses, por um grupo do Pão de Açúcar, centro formação chamado Audax, um grupo muito profissional, lá em São Paulo e aqui no Rio. Então dois vão para São Paulo, dois vão para o Rio. Audax foi lá, avaliou, disse: “vale a pena.” É também um projeto supostamente

autossustentável, mas não vai ser [inaudível], só se tiver uma sorte de achar um Neymar assim, mas é raro, isso é uma loteria. Mais fácil ganhar na loteria. Mas então o Soros está apoiando o projeto do futebol. Vamos nessa?

L.O. - Por hoje...

R.C. - Por hoje chega, não é?

L.O. - Muito interessante, obrigada.

[FIM DO DEPOIMENTO]

